

# Um Sonho Libertário



**Alberto Antônio Rebonatto**



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



*A saga anarquista é localizada na Itália, país que se destacou na aceitação das ideias libertárias. E foi, ainda, o Anarquismo que prestou e presta inestimável colaboração às classes trabalhadoras, auxiliando-as no trabalho de organização e formação de associações e sindicatos com o objetivo de fortificá-las na luta por melhores condições de trabalho e vida. A busca pela igualdade de direitos para as mulheres e sua equiparação aos homens persiste até os dias atuais porque ainda não foi atingida em sua totalidade. Muitos dos princípios que embasam essa luta têm no Anarquismo sua fonte de inspiração.*





*Alberto Antonio Rebonatto*

# Um Sonho Libertário

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

1ª Edição, Julho 2019

R292s Rebonatto, Alberto Antônio

Um sonho libertário [recurso eletrônico] / Alberto Antônio Rebonatto. – Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2019.

3,2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-403-3

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

# INTRODUÇÃO

**UM SONHO LIBERTÁRIO** é uma obra de ficção. Como tal, permite devaneios. No entanto, no decorrer do trabalho, procuramos manter a maior proximidade possível com os registros históricos. A vida de Luigi e Nives – personagens fictícios – pode ser comparada com a de tantos imigrantes que aportaram neste País em busca de dias melhores.

A narrativa procura ajudar a entender uma filosofia que pontuou na longa caminhada da humanidade: **o Anarquismo**, que, embora para muitos, não passe, hoje, de um mero símbolo de desordem, influenciou a sociedade humana nos últimos séculos da nossa era. Foi concebido e propagado por pensadores e filósofos ilustres como Proudhon, Bakunin, Tolstói e tantos outros. É uma corrente filosófica que prega a liberdade em sua essência, que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres, pobres e ricos, nobres e plebeus, que ataca os privilégios das classes dominantes, que defende o princípio de que a terra, como o ar e o sol, deveria ser usada livremente por todos, não sendo propriedade de apenas alguns. Quando o comunismo, nascido na mesma família socialista do Anarquismo, começou a se insurgir contra os detentores do poder, propondo a ditadura do Estado em detrimento das liberdades individuais, foi prontamente confrontado pelo Anarquismo. O comunismo venceu, mas a luta libertária ficou registrada.

A saga anarquista é localizada na Itália, país que se destacou na aceitação das ideias libertárias. E foi, ainda, o Anarquismo que prestou e presta inestimável colaboração às classes trabalhadoras, auxiliando-as no trabalho de organização e formação de associações e sindicatos com

o objetivo de fortificá-las na luta por melhores condições de trabalho e vida. A busca pela igualdade de direitos para as mulheres e sua equiparação aos homens persiste até os dias atuais porque ainda não foi atingida em sua totalidade. Muitos dos princípios que embasam essa luta têm no Anarquismo sua fonte de inspiração.

Nesta obra, é focado, também, o autoritarismo paterno, de modo especial no seio da sociedade italiana, onde tudo girava em torno do pai e sua vontade soberana e inquestionável. Isso se repetia nos direitos sucessórios, quando a filha mulher, embora trabalhasse em igualdade de condições com os filhos homens para a construção do patrimônio familiar, era ignorada na partilha futura.

Merece destaque o isolamento praticado pela Igreja Católica no processo de formação de seus futuros pastores, negando-lhes, durante o período da preparação, convivência mais próxima com a sociedade onde desempenhariam suas funções depois de ordenados. Formava, assim, Padres que pouco sabiam das necessidades materiais do povo. Como consequência, ficava difícil para eles indicarem o melhor caminho que os crentes deveriam trilhar no trato das coisas terrenas. Isso ensejou a frustração de muitos sacerdotes, que só conheceram o verdadeiro mundo laico depois de ordenados, contexto que fez com que alguns não resistissem à nova realidade e renunciassem ao sacerdócio.

A reunificação da Itália e o verdadeiro estado de miséria da maioria do seu povo durante o processo, também merece atenção. Deliso Villa, em sua obra *Storia Dimenticata*, informa que diversas doenças, como a malária e a pelagra, agravadas pela pobreza do povo, ceifavam mais de 400 mil vidas por ano, a maioria de crianças. Refere, também, que a classe nobre e rica, embora em número muito menor, dominava o governo e a sociedade. Aduz que, apesar de uma população de 22 milhões de habitantes, dos quais 16 milhões camponeses, apenas 600 mil votavam, enfeixando o poder nas mãos de poucos que operavam sempre em benefício próprio. Essa humilhante situação desencadeou uma evasão grande de italianos em busca de outros horizontes. Róvilio Costa, ao apresentar a obra de Villa, afirma: “se hoje a Itália contabiliza mais de 60 milhões de filhos dispersos e presentes no mundo é consequência do grande êxodo pós unificação”.

Embora por razões diversas, foi nesse contexto que Luigi e Nives abandonaram seu país. O trabalho dos imigrantes ajudou a construir o nosso Brasil e, particularmente, o Rio Grande do Sul. Para não repetir

descrições do heroísmo vivido pelos primeiros colonizadores, contado em prosa e verso por inúmeros historiadores, neste trabalho, foi pintada a subida da serra com cores mais suaves do que as da realidade. Foram criados abrigos improvisados no meio da mata visando amenizar as dificuldades dos imigrantes no caminho das colônias. Segundo informam os estudiosos, a estrada era íngreme, a comida escassa, os perigos enormes. O descanso noturno, ao invés do conforto de algum teto, era enfrentado com restos de tecidos e galhos de árvores. Era só o que os imigrantes dispunham para se abrigar contra o frio e as intempéries. Apesar das dificuldades, chegaram às suas colônias, desbravaram as matas e formaram vilarejos que, mais tarde, se transformariam em prósperas cidades.

O romantismo, como não poderia deixar de ser, está presente no amor vivido pelo casal protagonista.

O autor



O anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido, nem deseja ser opressor, aquele que deseja o máximo bem-estar, a máxima liberdade, o máximo desenvolvimento possível para todos os seres humanos.

Errico Malatesta



Meus agradecimentos e minha homenagem aos professores Alcides Sartori, Célia Maria Vasconcellos, Cinara Sabadin Dagneze e Dilce Pecin Corteze pela valiosa colaboração na revisão deste trabalho.

O Autor



# I

Naquele domingo, Luigi sentia-se particularmente bem. Enquanto percorria os poucos quilômetros que separam Verona de Sirmione, admirava a paisagem que entrevia através da janela do trem. Casas modestas, sem pintura e sem cercas. As pequenas propriedades ao longo de todo o caminho mostravam a face pobre e a vida difícil daqueles agricultores, a maioria agregados, trabalhando na base da terça ou da quarta parte, cedendo ao dono da terra parcela expressiva do que produziam com seu trabalho. De vez em quando, podia ver crianças brincando no pátio das casas, homens cortando ou empilhando lenha e mulheres atarefadas na lida com as vacas, algumas ordenhando, outras retirando os animais do porão das casas, onde haviam passado a noite. Quase esquecera o velho e prático costume de recolher durante a noite os animais para que dormissem nos porões das residências, a fim de abrigá-los e protegê-los do frio intenso que fazia no inverno. Em contrapartida, esses mesmos animais prestavam inestimável ajuda no aquecimento das casas durante as noites frias, quando a lenha era pouca e as cobertas escassas. Era um procedimento corriqueiro também em sua casa, em Bovolone, onde nascera e se criara.

Repassava em sua mente, também, as transformações por que passara ao longo dos últimos anos. Saíra de casa menino e agora, anos depois, sua vida sofrera uma transformação completa.

Segundo filho de uma família de pequenos produtores rurais, Luigi vivera uma infância relativamente feliz e crescera sem conhecer privações ou necessidades. Seus pais, Giuseppe e Gelsemina Romani,

eram proprietários de uma pequena gleba de terra, que Giuseppe herdou de seu pai Guglielmo. Cultivavam cereais e hortaliças para sustento próprio. Criavam algumas vacas para o leite e o queijo e porcos para a banha e a carne. As galinhas também eram importantes porque, além da carne e dos ovos, forneciam as penas, tão úteis e tão práticas no enchimento de travesseiros e acolchoados. A maior atividade da família concentrava-se em um pequeno vinhedo localizado nas proximidades da casa. Era a principal fonte de renda, para não dizer a única. O parreiral, zelosamente tratado, produzia um dos melhores vinhos da região. Em pouco tempo, a fama do vinho de Giuseppe Romani espalhou-se pelas comunidades vizinhas, extrapolando a região de Bovolone e atingindo a própria capital da província: Verona.

A produção era insuficiente para atender à demanda. No entanto, Giuseppe jamais deixou de abastecer o seu principal comprador, a Congregação dos Padres Dominicanos, que usava o vinho na missa e no refeitório. Um dos orgulhos dele era saber que o vinho por ele produzido seria utilizado nas cerimônias religiosas oficiadas no maior templo da cidade de Verona, a Basílica de Santa Anastasia, cuja construção fora iniciada pelos próprios Dominicanos em 1290 e só concluída em 1481. Edificada sobre um terreno que outrora abrigava uma pequena capela dedicada a mesma santa, constitui-se nos dias atuais, no maior templo católico de Verona. Santa Anastásia não era, para Giuseppe, apenas a catedral de Verona, era, também, o seu mais importante veículo de propaganda. Sentia-se gratificado por saber que, depois de consagrado no Santo Ofício, o seu vinho transformar-se-ia no próprio sangue de Cristo. Por ser católico fervoroso, emocionava-se cada vez que pensava a respeito.

## II

Quem se encarregava de suprir de vinho os Padres Dominicanos era frei Gottardo. Ao menos uma vez por mês visitava Bovolone e a casa de Giuseppe Romani. Com o passar do tempo, estabeleceu-se entre os dois uma grande amizade. Frei Gottardo sempre arrumava uma desculpa para pernoitar ao menos por uma noite em Bovolone. Ou saía muito tarde de casa, ou o trem atrasava, ou não encontrava Giuseppe na hora em que o procurava, ou demorava demais para embalar o vinho, ou razões outras, as mais diversas, prendiam Frei Gottardo, ao menos por dois dias, em Bovolone. Embora existisse uma paróquia dotada de ampla e confortável casa paroquial, preferia hospedar-se na residência de Giuseppe, em parte porque encurtava bastante o caminho, vez que a propriedade dos Romani estava localizada entre Verona e Bovolone, e, em parte, porque lhe agradava passar o dia e pernoitar na casa deles. O único templo de Bovolone pelo qual Frei Gottardo sentia afeição era a velha e pequenina capela de San Pietro, em precárias condições, quase caindo, por ser antiga e por causa do abandono a que fora relegada pelas autoridades civis e eclesiásticas e pela própria população. Mas, Frei Gottardo gostava dela. Sempre que a visitava, sentia um aperto no coração e uma imensa tristeza. Ao observar as paredes manchadas pela umidade, o telhado quase caindo, as pinturas desbotadas e as imagens descoloridas e sem expressão, tinha a sensação de que estavam profanando um lugar sagrado. E isso lhe doía muito.

Não ser íntimo do vigário de Bovolone era apenas um dos motivos para não pernoitar na casa paroquial. Talvez o mais insignificante.

Gostava mesmo era de hospedar-se na casa de Giuseppe. Naquele lar, sentia-se amado e respeitado, o que minorava a sensação de inutilidade que, aos poucos, tomava conta da sua existência. Nem sempre fora assim. Foi com muito entusiasmo que deixou a casa paterna para estudar no convento. Cumpriu o aprendizado no seminário com esforço e brilhantismo. Quando foi ordenado Padre, sentiu-se tomado por um forte desejo de realizar obras importantes em alguma comunidade. Imaginou uma vida útil ajudando pessoas carentes, auxiliando-as na solução de problemas materiais e inculcando nelas os fundamentos da fé cristã. Sonhava tornar-se um emissário de Deus junto aos fiéis. Os sonhos, no entanto, nem sempre correspondem ao que ocorre na realidade. Porque dominava perfeitamente o latim e conhecia teologia como poucos, seus superiores resolveram aproveitá-lo no próprio seminário, no trabalho de formação dos futuros Padres. Para ele, isso foi um choque. Queria conviver com o povo, mostrar aos fiéis a verdadeira religião de Cristo. Esse era o desejo acalentado durante todo o tempo de estudante. Mas, como bom Padre, obedeceu e ficou à disposição do seminário, ensinando os futuros sacerdotes. E foi se frustrando. Aos poucos, foi perdendo o interesse e a vontade de lecionar. Com isso, foi decaindo em conceito e importância perante os dirigentes da congregação. Foram lhe retirando incumbências didáticas e burocráticas até chegar ao insignificante cargo de provedor das necessidades materiais do convento. Chegou a pensar em desistir, em abandonar a vida sacerdotal, pela total frustração de seus objetivos vocacionais. No entanto, permanecia sacerdote. Incertezas e temores sobre o que poderia encontrar na sociedade enchiam-lhe a mente de dúvidas. Receava que o mundo laico fosse exigente demais para uma pessoa da sua idade com pouca vivência fora do convento. Não sabia ser nada além de Padre. Como enfrentar as dificuldades da vida civil sem o anteparo da batina? Não possuía título que lhe garantisse o exercício de alguma profissão compatível com seu nível intelectual e não lhe ocorria ganhar a vida executando algum trabalho subalterno. Por outro lado, não pretendia decepcionar sua mãe, que sentia tanto orgulho do filho sacerdote. Ela rezara muito e fizera enormes sacrifícios para o filho se tornar Padre. E conseguiu. Por todas essas razões, Gottardo ia postergando o abandono da vida sacerdotal e sentindo-se cada vez mais solitário, mais frustrado e mais impotente. Depois que sua mãe faleceu, faltou-lhe coragem para recomeçar a vida sem o manto sacerdotal. Até ensaiou uma aproximação com uma moça da comunidade que se mostrou receptiva. A tentativa não prosperou porque Gottardo não sabia como conduzir-se fora dos muros do convento.

A saudade da convivência familiar era a principal razão que o fazia procurar o amigo. A casa de Giuseppe funcionava como uma espécie de lenitivo para sua solidão. Lá, sentia-se um Padre útil. A convivência com os Romani trazia para Frei Gottardo a sensação de que sua existência reencontrava o caminho imaginado no tempo de seminarista, minorando, mesmo que momentaneamente, o sentimento de frustração que teimava em tomar conta da sua vida.

A dúvida sobre abandonar ou não a batina era de foro íntimo; não a compartilhava com ninguém. Nem com superiores, nem com parentes, nem com amigos, nem mesmo com Giuseppe. Somente com seus pensamentos.

Conviver nem que fosse apenas por um dia com aquela família era esquecer preocupações, espantar fracassos e afugentar a solidão. Por isso lhe fazia tanto bem. Então, contava o tempo até a nova visita. Teimava em passar com eles o maior número de horas possível. Essa demora, algumas vezes, era responsável por séria reprimenda do Padre Superior. Por mais dura que fosse a admoestação, perdia significado quando comparada à alegria e ao rejuvenescimento que advinha daquelas visitas.

À tardinha, sentar no alpendre da casa, saborear o vinho carinhosamente escolhido por Giuseppe e conversar sobre tudo o que era atualidade do momento constituía-se num dos seus poucos prazeres. Aguardava, também, com ansiedade, o jantar que dona Gelsemina preparava. Sempre fazia o melhor possível nesses jantares. E o melhor dela tinha um sabor inigualável. Frei Gottardo não lembrava, nem mesmo quando vasculhava reminiscências da sua meninice, de comida tão saborosa. Nunca faltava a tradicional “fortaia” (uma espécie de omelete, enriquecido com saborosos temperos caseiros) e a melhor “fettucine”(massa) que saboreava, acompanhada de frango ao molho.

O jantar obedecia a um ritual jamais ensaiado, nunca escrito, mas sempre repetido como se tivesse sido cuidadosamente estudado em cerimonial previamente elaborado. Quando a comida estava pronta e a mesa posta, dona Gelsemina chamava todos para a refeição. Frei Gottardo, após uma breve prece de agradecimento, tomava seu lugar à cabeceira da mesa e aguardava que a dona da casa o servisse. Gelsemina sempre procedia da mesma maneira. Só sentava e se acomodava depois que todos estivessem servidos. Num ambiente alegre e descontraído, o jantar transcorria entre pródigas garfadas e eloquentes elogios à quali-

dade da comida. Mais tarde, as crianças recolhiam-se aos seus quartos, Gelsemina envolvia-se com os afazeres domésticos e Frei Gottardo e Giuseppe acomodavam-se na varanda para conversar e saborear mais um pouco de vinho.

- Não sei se terei tempo de ver a nossa Itália livre e unida como pregava Cavour<sup>1</sup>, dizia Frei Gottardo, com tristeza. Já tenho mais de 40 anos. Sempre sonhei com uma pátria unida, mas as dificuldades são muitas.

- É. Imaginava que o “risorgimento”<sup>2</sup> fosse a solução, respondia Giuseppe. Mas não estou vendo as coisas bem encaminhadas. Ao menos para nós, que somos pobres, embora sejamos a maioria do povo italiano. Cavour prestou inestimável serviço no processo de unificação da Itália, mas, como político e como ministro, pensou mais no seu interesse e nos interesses da nobreza e dos proprietários da terra do que no povo. Esqueceu que existe uma população carente de tudo e explorada pelos poderosos. Veja o senhor, como poderemos ter uma pátria para todos se, em toda a península, apenas 600 mil são considerados cidadãos? Só eles votam e sempre elegem pessoas interessadas em manter ou em ampliar os privilégios da classe nobre e rica. Sabe por quê? Porque são os únicos que têm condições de comprar o direito ao voto. Só eles possuem patrimônio e renda em quantidade exigida para ser eleitor. Quase nenhum dos eleitos pensa na Itália e no seu povo. Os interesses próprios estão acima de tudo. Continuamos trabalhando para eles sem uma compensação justa. Aqueles que têm um pedaço de terra, como nós, pagam impostos elevados. Os demais são agregados e trabalham praticamente como escravos. A maioria do povo labuta de sol a sol apenas para conseguir um prato de comida e, às vezes, até o alimento lhe é sonogado, tamanha a insensibilidade dos que detêm a propriedade da terra. Os trabalhadores não têm direito a nada. Quando adoecem, só os chás e as benzeduras. Médicos e remédios, nem pensar.

- Você tem razão, Giuseppe. Mas, temos que ser pacientes. Podemos esperar alguma mudança. As pregações de Mazzini<sup>3</sup> continuam em evidência. O que ele dizia ainda repercute na Itália. Do alto da sua autoridade, chamava a atenção das classes poderosas. E não media as palavras. Você não soube dos seus pronunciamentos no Parlamento?

- Confesso que nada sei e nada li a respeito. Vejo apenas a miséria que está rondando nossas casas. Ontem mesmo enterramos o filho dos Antoni. Sabe de que morreu? Da pelagra. Sim, dela mesma, como aconteceu e acontecerá com muitos. O senhor sabe por que a pelagra

mata tanta gente? Porque ela é o resultado da miséria, da fome, da ignorância, do convívio em nossas casas com a sujeira e com a falta de tudo. Por isso ela é tão perigosa, por isso ela mata, principalmente crianças. São milhares. Isso machuca e revolta.

- A ira e a violência não levam a lugar algum, meu amigo. É sempre melhor olhar o lado bom das coisas. Se é verdade que Cavour legislou mais visando aos interesses dos nobres e dos ricos, não é menos verdade que teve participação importante e decisiva no processo de reunificação da Itália. Ainda tem muito trabalho a ser feito e muitos erros a serem corrigidos. Cavour e Mazzini faleceram. Outros vieram e virão. Confio muito nas palavras de Mazzini, ditadas com inteligência e estribadas no seu patriotismo. E Giuseppe Garibaldi<sup>4</sup>, então? Você viu que ele retornou do seu giro pelas Américas, onde foi um herói consagrado, e assumiu o comando dos exércitos que lutaram pela unificação e reconquista de todo o nosso território? E Mazzini? Esse sim foi um verdadeiro estadista. Pensava realmente na Itália. Você ouviu o que ele pregava no nosso Parlamento?

- Não, não sei nada. O que ele falou mesmo?

- Ele chamou a atenção dos seus colegas e, indiretamente, mandou um recado para os poderosos. Chegou a alertar para um possível perigo de insurreição. Disse em alto e bom tom a todos quantos quisessem ouvi-lo:

*“Prestem atenção, se as massas não entrarem como protagonistas no processo de formação da Itália permanecerão alheias à nação e um dia transformar-se-ão em suas inimigas” (Stória Dimenticata, Villa, 2002, p.30).*

- Parece até profecia, retrucou Giuseppe. Veja o senhor o que está acontecendo no “mezzogiorno”, com os “brigantes” (revoltosos). O povo está tomando consciência. Ouvi notícias de que o governo mandou um exército inteiro para pacificar a região. Mas o povo está apoiando o movimento. Os “brigantes” são recebidos como heróis em todos os lugares. A população está lhe dando não apenas abrigo e comida, mas, também, apoio material e conforto. Sabe por que o povo está aplaudindo os revoltosos? Porque é o único caminho que vislumbra, a última esperança que alimenta para conseguir dias melhores. Veja o senhor que,

ao lado dos cavallanti (condutores de cavalos), dos bifolchi (condutores de bois) e dos fattutto (fazem qualquer tipo de trabalho), existe uma multidão de giornalieri (diaristas, trabalhadores avulsos) muito mal remunerados, que quase não ganham o suficiente para matar a fome, isso quando conseguem algum trabalho. E, quando não têm trabalho, acampam às portas das cidades, esmolando comida. Será que um dia não se revoltarão?

- É possível, meu amigo, é um problema e um perigo. Um homem quando passa fome, sofre e se revolta, mas nem sempre agride. Porém, quando sua mulher e seus filhos não têm o que comer, ele vira leão. E agride. E, muitas vezes, perde a razão. E provoca desatinos que acabam se transformando em verdadeiras revoluções.

- Não sei no que isso vai dar. E o pior é que não vejo soluções.

- Giuseppe, parece que algo está ocorrendo e poderá alterar o rumo dos acontecimentos. Nossas autoridades estão permitindo, e até incentivando a ida de italianos para outras partes do mundo, especialmente a América, onde, dizem, há enormes extensões de terra à disposição de quem quiser, e possibilidades de uma vida digna e farta. Até a nossa Igreja está vendo com bons olhos essa imigração. Foi o que ouvi do Bispo de Verona, no sermão de domingo. Entre outras coisas, afirmou que a ida de italianos para esses países diminuirá o número de bocas a serem alimentadas, e, conseqüentemente, sobrá mais comida para os que ficam.

- Não sei. Não gosto dessa solução. Onde se viu mandar embora parentes e vizinhos para sobrar um pouco de comida para nós? Isso é desumano. Isso não se faz. Seria bem melhor se fizéssemos reformas e aumentássemos a produção, como fazem nossos vizinhos alemães e os ingleses. Eu não gostaria de ver um filho meu ir para longe para procurar comida. Ou, o que é pior, ir embora para não ter que repartir com muitos o pouco que produzimos. A Itália é grande e rica. Basta administrá-la com justiça e dar ao povo condições para trabalhar e produzir.

A conversa prolongava-se até altas horas da noite e as divagações não se resumiam à política. Abrangiam os mais variados temas, inclusive religião e artes.

Luigi, do seu quarto, escutava, com atenção, o que era dito por Frei Gottardo, e, à medida que a conversa fluía, mais crescia sua admiração pelo Padre.

### III

Esses pensamentos e essas recordações afloraram à sua mente durante a viagem a Sirmione. Uma certeza o dominava, a de que fora Frei Gottardo, com sua bondade e com sua sabedoria, quem lhe incutiu o desejo de ser sacerdote.

Tão imerso estava em seus pensamentos que, quando percebeu, o trem já adentrava o povoado. Só então reparou na jovem que dividia o assento com ele. A moça aparentava uns dezessete ou dezoito anos, de semblante tranquilo, rosto bonito, cabelos longos e caídos nos ombros, bem vestida, mas sem ostentação. Pareceu surpresa ao ver que, finalmente, mereceu um pouco de atenção do moço a seu lado, o que tentara, infrutiferamente, durante todo o trajeto. Apesar de admirar o belo perfil do rapaz, não havia nela qualquer intenção disfarçada. Apenas pretendia conhecê-lo e manter um pequeno diálogo. Detestava viajar sozinha. E, para ela, não se comunicar com alguém significava uma viagem solitária. Gostava de conversar, de conhecer pessoas. Antes da parada do trem, conseguiram fazer uma pequena e recíproca apresentação. Disse chamar-se Nives, era estudante e residia em Verona, na companhia dos pais. Estava indo a Sirmione a serviço. Despediram-se e cada um seguiu seu caminho.

O destino de Luigi era a igreja de Santa Maria Della Neve, padroeira da cidade, cuja festa é celebrada em 5 de agosto. O local ficava distante da estação ferroviária, onde o trem o deixara. Tinha tempo. A missa estava programada para as 11 horas.

Luigi gostava muito de Sirmione. Aprendeu a admirá-la antes de conhecê-la, graças a Frei Rocco, seu professor de filosofia no seminário. Frei Rocco viveu largo tempo em Sirmione. Fora pároco em Santa Maria Della Neve e foi ele quem o indicou para ajudar no ofício das missas de domingo. Frei Rocco era um verdadeiro apaixonado por Sirmione. Algumas aulas, que deveriam ser de filosofia, eram dedicadas a exaltar as belezas do lugar, o qual desfruta de uma localização privilegiada, graças ao lago da Garda, que o circunda em quase toda a sua extensão. É conhecida como a “Pérola do Garda”.

Na atualidade, o turismo ganhou considerável impulso pela descoberta de águas minerais sulfurosas em seu subsolo. Mas, já era conhecida e famosa desde os tempos áureos do Império Romano e, até antes dele, na própria antiguidade. Os primeiros registros com loas à beleza do lugar foram do poeta Caio Valerio Catullo, de família rica e nobre, falecido no ano 54 A.C. A “Grotte di Catullo”, um sítio arqueológico de aproximadamente 20 mil metros quadrados, recebeu tal nome em homenagem ao ilustre poeta. É um dos lugares mais visitados da cidade.

São atribuídos a Catullo os seguintes versos, tão repetidos por Frei Rocco que ficaram gravados na memória de Luigi:

“SALUTTE A TE BELLISSIMA SIRMIONE. BEVI DA GIOIA DEL SIGNORE. ACQUE DEL GARDA SIATE ANCHE VOI LIETE.”  
*(Saúde a você, bellissima Sirmione. Beba da alegria do Senhor. Águas do Garda, sintam-se felizes vocês também).*

Segundo a tradição, teria sido Catullo, também, quem escreveu:

“CHE ALLEGRIA PIENA, DISTESA, SIRMIONE, RIVEDERTE PIÚ BELLA DE TUTTE LE ISOLE E PENISOLE CHE NETTUNO SOLLEVA SULLE ACQUE DIVERSE DEI LAGHI TRASPARENTI O DEL MARE IMMENSO. QUASI NON CREDO DI ESSERE LONTANO DALLA TINIA, DALLE TERRE BITINIE E GUARDATI SERENO VI É FELICITA PIÚ GRANDE CHE SCORDARE GLI AFFANI QUANDO STREMATI DA VIAGGI IN TERRA STANIERA. LA MENTE SI LIBERA DEL PROPRIO PESO E A CASA SI TORNA PER RIPOSARE NEL LETTO SOSPIRATO. DI TUTTE LE FATICHE QUESTO É L’ÚNICO PREMIO. SIRMIONE, BELLISSIMA MIA, CALLEGRATI E RELLEGRATEVI ANCHE VOI ONDE LIDIE DEL LAGO RIUSUONINO NELLA CASA SOLO GRIDA DI GIOIA.”  
*(Que alegria plena, calma, Sirmione, vê-la novamente mais*

*bonita que todas as ilhas e penínsulas que Netuno levanta nas águas diferentes dos lagos transparentes ou do mar imenso.*

*Quase não acredito estar longe da Tinia, das terras bitínicas e olhar-te sereno.*

*Tem felicidade maior do que esquecer as tribulações, quando esgotados por viagens em terras estrangeiras, a mente se liberta do próprio peso e volta para casa para descansar na cama que tanto aspira? De todos os trabalhos, este é o único prêmio.*

*Sirmione, belíssima minha, alegre-se e alegrem-se vocês também, suaves ondas do lago; ressoe na casa somente gritos de alegria.)*

Luigi conhecia muito bem a cidade. Buscou o caminho que o levaria à Igreja. Gostava de fazer o trajeto a pé, caminhando pela praia, passeando pela Via Colombare, sua velha conhecida.

Ao aproximar-se do Centro Sociale, sua atenção foi despertada por um grupo de pessoas reunidas em frente ao prédio. A maioria eram homens; poucas mulheres se faziam presente. Todos muito atentos escutavam as palavras de um jovem que fazia da escadaria do prédio um púlpito de onde proferia seu discurso. Pareceu-lhe ter visto entre os ouvintes sua companheira de viagem. Apesar da curiosidade, não deu muita importância ao fato. Até porque pensava em visitar outros locais mais atraentes. Ao perceber um homem distanciando-se do grupo e vindo em sua direção, abordou-o:

- Senhor, por favor, que reunião é aquela em frente ao Centro Sociale?

- Não entendi direito, respondeu. Parecia uma reunião política. Falavam em reformas, em união do povo. Anunciavam uma nova maneira de organizar a sociedade, algo que eu não compreendi bem. Falavam em acabar com a fome e a miséria, em mudar a situação. Apregavam que podemos viver melhor sem nenhum governo e sem qualquer religião. Que os impostos seriam desnecessários e se constituíam num verdadeiro roubo dos governos e outras coisas mais. Não compreendi nada. Penso tratar-se de gente para nos enganar e para nos explorar. Sabe como é, em tempos de fome e miséria, surgem muitos “protetores do povo”. Eu não acreditei e estou indo embora.

- Muito obrigado e tenha um bom dia.

Luigi seguiu seu caminho sem valorizar o acontecido e a explicação do homem. Queria visitar o Castelo Scaligero, que o impressionara desde a primeira vez que o vira, não só pela majestosa torre de 31 metros, mas também pela imponência da sua arquitetura, a começar pela ponte que dava acesso ao prédio, semelhante às antigas pontes levadiças destinadas a dar segurança aos habitantes do interior do castelo. Percorreu pela enésima vez algumas das imensas salas repletas de obras de arte e objetos de valor. A construção do castelo remonta ao ano de 1280. Os registros históricos a respeito não são muito precisos. Sabe-se, apenas, que foi parcialmente destruído, reerguido e reformado algumas vezes.

Sempre que lhe sobrava algumas horas, Luigi dedicava-se a visitar e conhecer melhor o castelo e suas obras de arte. Tão assíduas eram aquelas visitas e tamanha a curiosidade demonstrada por Luigi a respeito de tudo, que acabou chamando a atenção de Dorvalino, o coordenador das visitas, o qual passou a nutrir um sentimento de amizade, e, ao mesmo tempo, de admiração pela curiosidade do jovem. Graças a Dorvalino, Luigi conheceu as galerias secretas e os diversos caminhos existentes no interior do Castelo. Foi Dorvalino, também, quem lhe falou de uma lenda que habitava o imaginário dos habitantes da região. Segundo o coordenador de visitas lhe relatou, há muitos anos, o jovem Ebengardo e sua amada Arice habitavam o Scaligero, onde viviam seu amor com toda a tranquilidade. Em determinada noite, uma tempestade de proporções gigantescas se abateu sobre o Garda e, conseqüentemente, sobre o castelo. Um viajante, aflito e temeroso, pediu abrigo. Por uma questão de humanidade, os dois jovens acolheram o náufrago e lhe ofereceram teto e comida. Aconteceu que o estranho, assim que viu Arice, enamorou-se perdidamente da jovem, e, durante a noite, tentou entrar no quarto dela. Esta, desesperada, começou a chorar e a gritar, pedindo socorro. Com receio de que a moça, com seus gritos, acordasse os demais moradores e com medo de uma possível vingança de Ebengardo, o viajante tentou abafar os gritos dela e, não o conseguindo, abateu-a com uma facada. A partir daquela noite, segundo os relatos, sempre que ocorria uma tempestade, ouvia-se, ao redor do Castelo, os passos e a voz desesperada do jovem à procura de sua amada. Alguns contam que não apenas ouviam, mas, entre relâmpagos, conseguiam vislumbrar, também, a figura de Ebengardo.

Do Scaligero foi diretamente para a igreja. Deixaria para a tarde os demais passeios. Gostava de olhar para o lago. Sentia nele algo imenso, bonito e poderoso, manso e violento, concreto e misterioso, que o fascinava, embora nunca soubesse a razão de tais sentimentos conflitantes. Depois do almoço, rumou para a Passeggiata Delle Muse, de onde se vislumbrava uma das mais belas paisagens que a orla poderia oferecer. Pelo caminho à beira do lago, chegou às Grotte di Catullo, ruínas de uma antiga vila, que davam a ideia de como eram as mansões das famílias nobres do Império Romano. Provavelmente é o acervo arquitetônico mais significativo descoberto em todo o norte italiano. Localizadas às margens do lado sul do lago da Garda, na extremidade da península de Sirmione, as ruínas são acessíveis apenas a pé, em parte em razão do terreno difícil para o trânsito de veículos e, em parte, para preservar a integridade dessas ruínas. Trata-se de um sítio arqueológico que impressiona tanto pela grandeza quanto pelo significado histórico, porque consegue trazer até nossos dias um retrato aproximado da opulência e do luxo ostentado pelos nobres do Império Romano.

Depois de ajudar na missa da tarde, no horário determinado, Luigi retornou ao Convento, em Verona.

## IV

O convento dos Padres Dominicanos foi erguido sobre uma encosta, na margem esquerda do Rio Adige, nos arredores de Verona. Do alto da ladeira, tem-se uma bela vista da cidade, especialmente da Piazza Delle Erbe. O Palazzo Maffei e as torres dei Lamberti e del Gardello são visíveis do pátio do convento, de onde se descortinam, também, as ruínas do que foi o Teatro Romano, erguido no século I depois de Cristo e da ainda sólida e utilizável Ponte Pietra, que data da primeira metade do mesmo século. A ponte possui cinco arcadas; a que fica junto à margem direita do Adige foi reconstruída em 1298.

No convento, o tempo era repartido entre estudos, orações e lazer. Luigi dedicava-se às atividades diárias com entusiasmo e alegria. Gostava de estudar. Tinha muita curiosidade e uma agudeza de espírito fora do comum, o que encantava a seus mestres, de modo especial a Frei Rocco. Era o primeiro da sua turma e um dos melhores alunos do convento. Além das atividades e dos afazeres como seminarista, fora designado pelo Padre Superior, juntamente com outros dois alunos, para ensinar catecismo, em horários preestabelecidos, nas igrejas de Verona.

Naquela tarde, após ministrar aulas de catecismo a crianças em idade de primeira Eucaristia na Igreja de Santa Anastasia, rumou para a Piazza Delle Erbe, antes de retornar para o convento. A parte interna da praça é um espaço de médias dimensões, belo e acolhedor, circundado por restaurantes que se insinuem entre construções históricas, conferindo certo grau de nobreza ao local. Na parte central, diversas barracas e vendedores ambulantes oferecem frutas, sucos, lanches e o mais varia-

do conjunto de quinquilharias e objetos de pequeno valor, avidamente disputados como lembranças pela legião de turistas que percorre diariamente a praça.

Luigi teve sua atenção atraída pelo discurso inflamado de um jovem posicionado sobre o pedestal da Berlina (A Berlina é uma edícula do século XVI, quadrada, que, antigamente, servia para a investidura em cargos públicos. Conta-se, também, que era o local preferido pelos nobres para a distribuição de esmolas e oferendas, por ser central e dar ótima visibilidade). Pareceu-lhe o mesmo homem que vira no domingo anterior em frente ao Centro Sociale de Sirmione.

“Temos que combater o capitalismo. É ele o responsável pela concentração da renda em poder de poucos privilegiados e pela concentração da miséria na maioria do povo. É ele o responsável pela repressão aos trabalhadores, pela alienação social da classe operária, pela desigualdade econômica, pelo desemprego crescente e pelo esgotamento dos recursos naturais da terra, porque quer sempre mais e nunca está satisfeito. É contra isso que precisamos nos unir. Não adianta protestarmos sozinhos. Só a união dos trabalhadores poderá combater essa injustiça e essa verdadeira exploração. Temos uma nova proposta. É importante que seja ouvida e entendida por todos.”

Achou estranho o linguajar do moço, mas continuou escutando.

“Vejam o que acontece com a terra... Alguns se dizem proprietários, não trabalham, nada fazem, mas se apoderam de quase tudo o que a terra produz, embora o trabalho seja dos outros. Quer dizer, quem efetivamente trabalha, quem sua de sol a sol, ganha muito pouco. Só lhe destinam o mínimo para manter-se vivo e com as forças necessárias para continuar trabalhando para esses mesmos proprietários. Quem deu a eles a propriedade do solo? O que fizeram para ganhar a terra? Foram eles que a criaram, que a construíram ou ela já estava pronta quando a tomaram pela força ou pela esperteza? A terra, assim como o ar e o sol, deveria ser de todos! É essa situação que precisamos reverter. É contra esse estado de coisas que devemos lutar. Quem os protege? Respondo: as leis e o Estado. Mas quem faz essas leis e esse Estado? São eles mesmos, para proteger seus interesses e para forçar o povo a continuar trabalhando para eles”.

- Oi, você por aqui?

Luigi voltou-se e viu a moça que lhe dirigira a palavra. Imedia-

tamente, deu-se conta de que era a companheira da viagem que fizera a Sirmione no domingo anterior. Pareceu-lhe mais bonita e mais simpática. Seu olhar refletia entusiasmo e alegria quando o encarou.

- Sim, estava passando pela praça e resolvi ver o que está acontecendo. E você, está passeando?

- Não, eu estou trabalhando. Eu participo deste movimento.

- Que movimento é esse?

- É a União Anarquista Italiana, um movimento político que pretende mudar o nosso país. Reformá-lo para transformá-lo numa pátria de todos e para todos e não apenas para alguns.

- União Anarquista? O nome parece estranho. Não tenho a menor ideia. Nunca ouvi falar. O que querem com isso?

- Meu Deus, em que mundo você vive? Nunca ouviu falar em Bakunin<sup>5</sup>, em Proudhon<sup>6</sup>, em Cafiero<sup>7</sup>? Eles e muitos outros pregam e defendem uma nova organização para a nossa Itália e para o mundo. Pretendem transformar a sociedade, que, além de velha e ultrapassada, é muito injusta. Nosso movimento entende que a Itália deve ser a pátria de todos os italianos e as riquezas aqui produzidas são propriedade de toda a população. Você está vendo esse homem falando com o povo? Veio diretamente de Nápoles, enviado para cá com a missão de ajudar na divulgação dos ideais do Anarquismo e conseguir apoio popular. Foi discípulo de Fanelli<sup>8</sup> e está aqui para trabalhar pela causa. Eu o admiro muito. Chama-se Sérgio.

- E como você o conheceu?

- Numa tarde como a de hoje. Ele estava nos “Portoni della Bra”, próximos da “Torre Pentagona”, conversando com alguns jovens, e o assunto me interessou. Passei a frequentar as reuniões que aconteciam no “Patio del Mercato Vecchio”. Gostei. Sempre imaginei que deveria haver uma forma de melhorar as condições do povo e a própria situação do país e, até, de todo o mundo. E ele traz essa mensagem nova. No início, achei que fossem ideias visionárias, impossíveis de realizar. Mas, quando comecei a entender melhor, pareceram-me não só possíveis, como capazes de transformar a nossa sociedade e torná-la mais justa e mais fraterna.

E o pregador continuava:

“Precisamos entender que os recursos naturais da terra pertencem

a todos e não podem ser propriedade de ninguém. Quem se diz dono de um pedaço de terra está mentindo. Ele se intitula dono porque se apoderou dessa terra, apoiado por um Estado que só existe para sustentar essa classe usurpadora. Neste mundo, deveria imperar a lei da Justiça, no entanto, sob a proteção desse Estado perverso, impera a lei do mais forte, obrigando os fracos a servir e a obedecer. Isso se dá com as pessoas, com as comunidades e com os países. É o resultado desse capitalismo desumano que domina o mundo atual.”

- Ele é veemente em sua fala. Impressiona, disse Luigi..

- Não só é veemente, como é autêntico. Ele acredita no que diz. E vive por suas ideias. Não é um aproveitador qualquer pretendendo ludibriar o povo em troca de vantagens para si. Ele está empenhado em uma verdadeira cruzada nacional. Você deveria assistir a alguma das nossas reuniões. Eu acho que você iria gostar.

- Onde acontecem essas reuniões? Quem vai lá?

- Temos dois tipos de reuniões, as públicas, que servem para mostrar a nova ordem social ao povo e tentar conquistar sua simpatia, e as privadas, das quais participa um pequeno número de pessoas, todas já comprometidas com a causa, e alguns convidados que, a juízo do comitê, têm condições de, futuramente, integrar o movimento. As reuniões públicas ocorrem sempre em locais muito frequentados, como aqui, na “Piazza Bra”, no interior do “Anfiteatro Romano”, na “Piazza dei Signori” ou em outros lugares que costumam concentrar pessoas. Já as reuniões particulares são realizadas em pontos previamente determinados, sempre diferentes, por motivo de segurança. Temos que ter cuidado, porque a polícia já está de olho na gente.

E o discurso continuava:

“Quando os trabalhadores, apoiados por seus sindicatos ou por suas associações, protestam para que respeitem seus legítimos direitos, logo vem a repressão patrocinada pelo Estado, através da força policial. E atacam o povo trabalhador, como se fosse um bando de bandidos e assaltantes. Não importa que o protesto seja legítimo. Para eles, basta assegurar os interesses espúrios dos poderosos. Com sua truculência, essas forças policiais comandadas pelo Estado sufocam os movimentos legítimos da classe trabalhadora, sem nem sequer ouvir as reivindicações propostas. Pacificada a multidão pela força, as despesas para manter esse aparato policial são sempre cobradas dos próprios trabalhadores

sob as mais disfarçadas formas. O mesmo ocorre com as autoridades judiciárias, que servem apenas para julgar e condenar esses mesmos operários. O capitalismo domina o mundo e não admite perda ou diminuição dos seus lucros. É para lutar contra essa injusta situação que precisamos nos unir. Conclamo a todos para procurarem seus sindicatos e se juntarem a nós, porque só a nossa união será capaz de mudar essa injusta e desumana situação.”

- É um discurso forte. Eu não sabia da existência desse movimento, nem que estava se espalhando pelo mundo.

- Você não estuda, não lê jornal? Perguntou Nives.

- Estudar, eu estudo bastante. Leio poucos jornais.

- Em que colégio você estuda?

- No convento dos Padres Dominicanos de Verona. Sou seminarista.

- Está explicado. Vocês vivem enclausurados. Sabem pouco do que acontece aqui fora, o que acho um erro. Deviam andar mais pelas ruas, conversar com as pessoas, ouvir suas reclamações. Como orientá-las se não conhecem nada de política? Como ensinar o melhor caminho se não sabem nem quantos caminhos existem? Só falar da religião não satisfaz mais o povo. Só vislumbrar um mundo melhor no plano espiritual não é suficiente, porque a fome e a miséria são uma realidade e estão aqui, no plano material, atormentando a população pobre. O povo teme em primeiro lugar o que é visível, palpável, o que é sentido na carne de cada um como a fome, a miséria e a injustiça. A espiritualidade também é importante, mas o mais urgente é matar a fome e dar condições mínimas para todos poderem viver com um pouco de dignidade. A Igreja precisa mudar o discurso se pretende um mundo melhor e mais justo. Tem que ajudar para que todos consigam uma vida digna e não apenas pregar e prometer a felicidade para depois da morte. Precisa agir e não apenas falar.

- Não é bem assim, aduziu Luigi. A Igreja também leva muito em consideração a parte material, de modo particular a que causa dores ao povo. Procura ajudar os necessitados. Basta observar a quantidade de orfanatos mantidos por ela; o número de pessoas que ajuda; os asilos para os velhos; as enfermarias dos hospitais. A Igreja sempre está presente na vida da comunidade, ajudando aqueles mais necessitados, tentando minorar seu sofrimento e atender às suas necessidades.

- Vocês estão empenhados em combater os efeitos; ajudam os necessitados e abandonados a sobreviver, o que é bom. No entanto, é muito pouco. As causas devem ser enfrentadas e combatidas, não apenas os efeitos. Precisamos saber por qual motivo poucos têm tudo e muitos não têm quase nada. Por que existem tantos pobres e tantos miseráveis? Quem é responsável por essa nefasta e injusta distribuição de riquezas? Com certeza, não é Deus, nem é o povo. Precisamos descobrir quem está por trás disso, quem dá as ordens para perpetuar essa injusta situação.

Luigi ficou calado por alguns instantes. Não sabia o que dizer. Continuou escutando o orador e observando a reação popular. Nives ausentou-se e retornou um pouco depois. Trazia nas mãos um pequeno volume e o entregou a Luigi.

- Leve isso. Dê uma lida. É uma obra de um dos principais pensadores do nosso tempo: Bakunin. Chama-se Catecismo Revolucionário. Você vai entender um pouco do nosso movimento e o modo como pretendemos modificar a Itália e o mundo. Cuide bem. Temos poucos exemplares. Quarta-feira da semana que vem, no mesmo horário, estaremos aqui. Gostaria de ouvir tua opinião sobre os ensinamentos desse grande pensador russo, uma das mentalidades mais lúcidas da era moderna, recentemente falecido. É considerado um dos mentores da nossa filosofia. Tem ideias brilhantes. Você vai ver.

Luigi não sabia como agir. Por educação, aceitou o livro. Agradeceu e foi se afastando aos poucos do local. Escondeu o volume sob o casaco e retornou ao convento. Durante o caminho, pensou no que fazer com o brochado. Não o leu, mas imaginava que trataria de temas polêmicos. Inicialmente, pensou em mostrá-lo a Frei Gottardo ou a Frei Rocco, dois Padres em quem depositava confiança. Pensando melhor, resolveu antes dar uma olhada, ver um pouco do seu conteúdo para melhor situar-se e procurar o encaminhamento mais apropriado.

Assim que entrou no convento foi até o dormitório dos internos e o escondeu com muito cuidado entre suas roupas, acondicionadas em armário particular. À noite, depois que todos dormissem, levaria o livro para o banheiro e começaria a leitura. Assim procedeu.

## V

Naquela noite quase não dormiu. Pela primeira vez em sua vida ficou sabendo da existência de pessoas dispostas a alterar as normas que regiam a sociedade, o país e o mundo; de uma filosofia que pretendia mudar a maneira de fazer quase tudo. Conceitos novos e diferentes em relação aos mais diversos temas, como liberdade, educação, organização política e distribuição de renda. A forma de acesso à terra deveria ser revista. Nada de proprietários. A terra, por ser um bem de todos, não deveria pertencer individualmente às pessoas, mas à humanidade toda. A própria religião precisaria ser repensada em muitos de seus princípios. Enfim, Bakunin pregava uma autêntica revolução na forma de agir e de viver e conviver em sociedade.

À primeira vista, o que despertou sua atenção na leitura foi a organização e a forma didática como Bakunin explanou sua concepção de como formar a nova sociedade. O autor preocupou-se em dividir o manual em capítulos, de acordo com sua importância e sua abrangência. Dividiu a Sociedade Internacional Revolucionária em duas organizações: a Família Internacional e as Famílias Nacionais. Estabeleceu princípios gerais de conduta e ação, forma de organização política das comunidades, dos países e do universo; elencou os fundamentos dos direitos individuais. Pregava a instituição de uma Federação Internacional. Inovava sobre normas de conduta para alicerçar os fundamentos de uma organização social diferente. Traçava os rumos a serem seguidos pelas famílias Nacional e Internacional. Pregava um ensino universal, isso é, acessível a todo o ser humano, independentemente de sexo ou

condição social. Finalmente, ditava as regras a serem respeitadas para a convivência harmônica na nova sociedade que estava instituindo.

A Família Internacional, segundo Bakunin, seria composta unicamente por cidadãos das mais variadas regiões e países, honorários e ativos, criteriosamente escolhidos, dotados de algumas qualidades, como coragem, prudência e discrição. Deveriam ser pessoas destituídas de vaidade e de qualquer ambição pessoal e dedicadas inteiramente à causa. Pessoas possuidoras da chamada inteligência prática e que conseguissem incorporar de coração, vontade e espírito, os princípios fundamentais do Catecismo Revolucionário.

Segundo aquele catecismo, a única organização social equilibrada, compatível com a dignidade e a felicidade dos homens, seria a que tivesse por base e por finalidade suprema a liberdade. A atual organização do Estado deveria ser destruída, juntamente com todas as instituições religiosas, sociais e políticas vigentes; o culto dedicado aos deuses deveria ser incorporado aos ideais de justiça, verdade e liberdade inerentes à consciência coletiva dos seres humanos; o patriotismo deveria ceder lugar ao amor e à liberdade universal. Ensinava, ainda, que o socialismo e o ateísmo conviveriam melhor com os princípios do Catecismo Revolucionário; que o trabalho deveria ser o único meio de produzir riquezas e quem se beneficiasse de bens ou riquezas sem trabalhar seria um explorador e um ladrão da sociedade; que a mulher, apesar de ser diferente do homem, não seria inferior a ele e todos os seus direitos políticos e sociais deveriam ser reconhecidos e respeitados.

Estabelecia, também, princípios e normas sobre os mais diversos temas. Ensinava, por exemplo, que o único dogma a ser respeitado por todos deveria ser o da liberdade. Pregava a exclusão de todo princípio de autoridade, seja social, política ou religiosa, incluindo aí a abolição da religião, da monarquia e da república. Pretendia a eliminação de qualquer vínculo de subordinação de uma pessoa para com a outra e propugnava por uma revolução social, estribada em um programa comum a todos os países.

Dizia ser impossível o sucesso de uma revolução nacional isolada; daí a necessidade de uma aliança e da instituição de uma Federação Revolucionária entre os povos que quisessem a liberdade, possível e viável tão somente se precedida de um programa comum suficiente para satisfazer os direitos e as legítimas necessidades de todas as nações. Deveriam ser confiscados em benefício das comunas os bens mobiliários

e imobiliários recebidos do Estado e incorporados ao patrimônio das Igrejas. As religiões deveriam desfrutar de total liberdade, envolvendo-se apenas em questões que dissessem respeito à consciência individual das pessoas e mantidas somente pelos seus fiéis. A adesão era um direito individual e voluntário; a construção de templos e a manutenção das igrejas e dos seus sacerdotes e pastores deveria ser feita unicamente por contribuições espontâneas dos fiéis. Afirmava ser impossível a liberdade política sem a igualdade política e esta não poderia subsistir sem a igualdade econômica e social. Pregava, ainda, que nenhuma revolução seria vitoriosa se não fosse uma revolução feita pelo povo e para o povo. Defendia a organização de um programa comum para todos os países, independentemente de sua importância econômica, étnica ou cultural.

Da mesma maneira, elencava normas e princípios que deveriam ser seguidos pelas Famílias Nacionais. A revolução que pregava poderia ser resumida no aspecto político pela abolição de todos os direitos históricos e, no aspecto social, pela confirmação da igualdade política pela igualdade econômica.

Luigi estava apavorado, tal o impacto que a leitura lhe causou. Criado em família regida por princípios tradicionais e consolidados e educado sob os rígidos e conservadores preceitos do convento, não sabia o que fazer. Por mais que tentasse justificar a existência de ideias diferentes, não concebia uma forma de vida como a apregoada pelo livro. Sabia que tinha em mãos algo explosivo. Não poderia mostrá-lo a ninguém. Tinha consciência de que deveria mantê-lo escondido. Se possuísse algum endereço ou noção do lugar onde poderia encontrar aquela moça, sairia correndo para devolver-lhe o compêndio. No entanto, sabia apenas seu nome e ignorava em qual colégio estudava. Não tinha a menor noção de onde residia. Quanto ao orador, fora informado que se chamava Sérgio. Desconhecia seu endereço e não sabia como encontrá-lo. Não havia outro meio; precisava conformar-se e esperar até a próxima quarta-feira. Não vislumbrava outra solução. Cansado, repôs o livro no armário e tentou dormir.

No outro dia estava um tanto aéreo, distraído. Não conseguia concentrar-se nem na aula nem nas conversas com os colegas. Ansiava pela noite, quando poderia reler mais atentamente o livro escondido.

Certos conceitos, embora novos, pareciam-lhe bastante lógicos e plausíveis. Mais do que isso, justos, salvo alguns que julgava inexecutáveis. Não conseguia entender, por exemplo, como seria possível abolir

os Estados, eliminar as fronteiras entre os países; acabar com todos os princípios da autoridade e deixar ao livre arbítrio das pessoas o julgamento dos próprios atos, estabelecendo eles mesmos os conceitos de justiça que pretendiam na nova ordem social. Não entendia, também, por que abandonar as religiões. Deus era o próprio bem e uma necessidade para todos; por que excluí-lo da sociedade?

Por outro lado, concordava com os princípios de justiça e liberdade das pessoas, pois sabia de muitas prisões injustas; com a igualdade de direitos entre homens e mulheres, porque sempre achou desumano o fato de as mulheres serem tratadas como seres inferiores, destituídas de inteligência e capacidade e que existiam exclusivamente para servir e obedecer aos homens; que a terra deveria ser acessível a todos, independentemente de sua condição social e econômica, porque conhecia a humilhante situação de quem vivia no campo, trabalhando como agregado e entregando ao dono da terra quase tudo o que produzia; que as riquezas deveriam ser uma decorrência do trabalho e só disponibilizadas a quem efetivamente trabalhasse, porque conhecia pessoas que viviam e enriqueciam às custas do trabalho alheio.

Tantas novidades não poderiam ser digeridas numa única leitura nem deveriam ser compreendidas pelo raciocínio de uma só pessoa, especialmente se essa pessoa fosse jovem e inexperiente. Era imprescindível que discutisse o assunto com outros. Mas com quem? Confiava nos freis Rocco e Gottardo, mas temia que eles descobrissem sobre o livro. Estava indeciso e confuso. Cruzando, acidentalmente, com Frei Rocco, resolveu abordá-lo.

- Bom dia, Frei. Posso fazer-lhe uma pergunta?

- Bom dia. É claro, meu filho. Ficarei muito feliz se puder ajudá-lo.

- O senhor acredita que seria possível um mundo sem países, sem fronteiras, onde todos os homens pudessem viver livremente, sem dar satisfações a governos, sem importar-se com bandeiras ou com o sentimento de patriotismo?

- Por que você está me perguntando? Alguém falou com você sobre isso?

- Não, é só um pensamento que me ocorreu a noite passada.

- Bem, Luigi, a explicação não é tão simples assim. Quem criou o mundo foi Deus, e foi Ele, também, quem o entregou aos homens para que o habitassem. Sob esse prisma, somos todos irmãos, independen-

temente de sermos italianos, alemães, franceses, americanos, etc. Mas isso é na teoria, porque, na prática, os homens dividiram-se por conveniência própria. Essa divisão foi resultante de uma série de fatores como parentesco, importância, vizinhança, poderio, temor, cultura e outros que poderíamos alinhar. Desfazer essa separação de países é possível, mas penso que seria totalmente impraticável. Como um país rico como a Inglaterra, por exemplo, abriria as portas para abrigar a nós, italianos pobres e quase passando fome? Como nós, europeus e cristãos, receberíamos os árabes, por exemplo, que são muçulmanos, ou os judeus? Como vê, abolir os estados e criar um estado único é missão quase impossível, porque, além dessas diferenças, existe um fator que pesa muito quando tratamos de coisas comuns, que é o egoísmo do ser humano. Nós somos a criatura mais egoísta que Deus colocou nesta terra.

- Não se encaixaria aí a afirmação de Nosso Senhor Jesus Cristo quando diz nos Santos Evangelhos que “haverá um só rebanho e um só pastor”?

- Não podemos confundir as coisas, ensinava o Frei. Quando Jesus fala, sempre refere o lado espiritual. “Meu Reino não é deste mundo” ele disse. E deu exemplos disso quando expulsou os mercadores do templo e quando dialogou com cobradores de impostos e com prostitutas levando em conta apenas a pureza do coração, sem considerar ou valorizar seus atos e suas profissões. Quando procurou unicamente o ser humano, sem considerar sua importância, poder ou posição social.

- Realmente, tenho muito a aprender. Não consigo entender muitos conceitos e ensinamentos, não sei se por falta de estudo, falta de fé ou pouca inteligência.

- Não se preocupe demais com isso, Luigi. Lembre-se que o grande Santo Agostinho, com toda a sua sabedoria, não entendeu tudo quanto se refere aos desígnios de Deus. Continue estudando e, sempre que lhe surgir alguma dúvida, fale comigo ou com outra pessoa em quem você confia. De minha parte, farei o possível para ajudá-lo.

Outra questão que o intrigava muito era a terra. Sentia uma pena imensa dos pobres agregados que trabalhavam de sol a sol para sobreviver, enquanto os donos nada faziam e ficavam com a maior parte da renda. Pensava, também, em sua família. Seus pais eram proprietários. Era uma propriedade pequena. Apenas seus familiares nela trabalhavam. Não seria mais correto se fosse dividida com alguns que trabalhavam

como agregados nas propriedades da região? Conhecia as origens de Frei Gottardo. Resolveu inquiri-lo.

- Frei Gottardo, eu gostaria que me explicasse uma coisa.

- À vontade, Luigi. Podes perguntar-me o que quiseres. Se eu souber, responderei com prazer.

- O senhor acha correto o fato de algumas pessoas terem terra e outras não?

- Como assim, Luigi?

- Lá em Bovolone, por exemplo. Os Brandini têm uma área grande. São donos. Não trabalham a terra. Quem trabalha são os Tedeschi, os Vicenzi, os Cantoni, os Napolioni e outros que vivem por lá. Os que trabalham são todos pobres e ficam com tão pouco que, às vezes, passam fome. Enquanto isso, os Brandini, que nada fazem, recolhem quase tudo, são ricos e vivem bem. Será certo isso?

- Meu filho, quem fez o mundo foi Deus. Fez tudo o que nele existe, inclusive nós, os seres humanos. Mas, Ele não dividiu a terra, nem a deu a ninguém. Quem a repartiu foram os homens. E nós aceitamos isso. Em nome de uma norma chamada ordem, fomos criando leis e condições. Aconteceu que os mais espertos ou os mais fortes ficaram com a melhor parte. Se isso é justo, eu não sei, mas sei que as coisas são assim. E não é só com a terra. Veja as fábricas, por exemplo, alguns são donos e outros são empregados.

- As fábricas foram construídas ou compradas pelos donos. A terra, não, foi feita por Deus. Os donos das fábricas estão lá todo o dia trabalhando e os proprietários das terras vão lá de vez em quando, e, assim mesmo, só para reclamar de alguma coisa ou exigir mais trabalho e mais produção. E, apesar de não fazerem nada, ficam com a maior parte da renda. É isso que não entendo. Não é que nem lá em casa, por exemplo. Nós somos donos de um pedaço de terra, mas somos nós que trabalhamos e ficamos com a produção. O senhor não acha que o justo seria os frutos da terra pertencerem a quem a trabalha?

- Justo seria, mas não é assim que funciona. Aquela lei divina que diz “ganharás o pão com o suor do teu rosto” não vale para todos. Os homens a substituíram por outra, chamada “lei do mais forte”. E os mais fortes fazem as leis em benefício próprio. E isso não é de hoje. Vem de longe. Já na antiguidade, Sara, mulher de Abraão, tinha uma escrava chamada Agar, e Abraão tinha muitos escravos. Quer dizer, havia

donos e escravos, embora todos fossem humanos. E, assim, se percorrermos a Bíblia, veremos que sempre existiram fortes e fracos, donos e escravos, mandantes e mandados, reis e súditos, patrões e empregados. É justo? Acho que não, porque somos todos iguais perante o Criador, mas mudar de que forma? Nem Jesus, que é Filho de Deus, conseguiu, e, o que é pior, foi morto na cruz quando tentou pregar uma nova doutrina. Penso que muitas coisas estão erradas neste mundo. Cada um de nós tem a obrigação de fazer o possível para agir de modo certo, mas nem todos pensam assim.

- Então, o melhor seria deixar como está; não tentar modificar nada?

- Não, não é isso, Luigi. Nós temos o dever de melhorar as condições de todos, inclusive de nós mesmos. Mas, é um trabalho difícil e de resultados imprevisíveis. Penso que o melhor que temos a fazer é mudar primeiro o nosso modo de pensar e de agir; depois, paulatinamente, tentar mudar aqueles que estão mais perto de nós: pais, filhos, irmãos, parentes, amigos, alunos, etc. Se conseguíssemos fazer isso, em pouco tempo mudaríamos o mundo e os homens viveriam mais felizes. Mas a história nos faz crer que isso é quase impossível. Todos os que tentaram, fracassaram. Até Nosso Senhor Jesus Cristo. Acho bom que você comece a pensar e tenha esse tipo de ideias. Não deixa de ser mais uma esperança. No entanto, tenho a obrigação de alertá-lo: se você enveredar por esse caminho, seus dias serão difíceis.

- Muito obrigado, Padre. Vou tentar pensar a respeito. Vou ver se encontro alguma base que me leve a soluções melhores. Voltarei a falar-lhe mais tarde.

Luigi sentiu-se pequeno, impotente e frustrado. Chegou a pensar que o livro que mantinha escondido poderia dar-lhe algumas respostas. Afastou logo a ideia. Aquele livro era algo perigoso. Sentia medo só em pensar que estava com ele. Mas, a tentação era grande. Por várias vezes, durante a noite, foi ao banheiro para reler alguns pontos que ficaram confusos em sua mente e o impediam de dormir direito. Certa feita, levou um susto. Quando estava em plena leitura, ouviu baterem na porta do banheiro. O pânico logo tomou conta dele. Esconder o livro onde? E se fosse o Padre encarregado do dormitório? Rapidamente acomodou-o entre a parede e o vaso. Jogou uma toalha em cima do vaso para disfarçar melhor. E, louco de medo, foi atender à porta.

- Não estás passando bem, Luigi? Quem perguntava era seu vizinho de dormitório, Darvile.

- Não é nada, Darvile. Acho que foram as uvas que eu comi no jantar. Volta para cama que estou indo também.

Por ser madrugada e ainda estar sonolento, Darvile não viu o rubor estampado no rosto do amigo nem percebeu o tremor disfarçado na sua voz. Aos poucos, Luigi foi voltando ao estado normal. Calmamente retornou ao seu lugar e deitou-se. Custou muito a adormecer. Ficou repassando mentalmente os fatos, o que serviu para aumentar sua confusão. No decorrer do dia, quando vislumbrava uma folga em suas atividades, corria ao dormitório para conferir se o livro não havia sido descoberto.

## VI

A semana custou a passar. Luigi sentia-se cada vez mais encurralado e medroso. Encurralado pelo turbilhão de pensamentos confusos advindos da leitura da obra de Bakunin; e medroso por não entender a extensão das novas ideias e por não ter com quem discutir o assunto. Finalmente, chegou a tarde de quarta-feira, quando iria ministrar aulas de catecismo às crianças na Catedral de Santa Anastasia. Aprontou-se, colocou o livro entre suas roupas e saiu. Nesse dia, abreviou as aulas e caminhou em direção à Piazza Delle Erbe. Logo avistou o grupo reunido próximo à Berlina. Como de hábito, localizou-se a média distância para observar e verificar a presença de possíveis pessoas conhecidas. Nives chamou-lhe a atenção. Era a terceira vez que a avistava. Nunca a observara detalhadamente. Naquela tarde, talvez porque estivesse um pouco mais quente, vestia roupas leves. Sua figura destacava-se entre as demais. Observou como era bonita. Cabelos longos, bem tratados, rosto com belos traços, irradiando alegria e um corpo com detalhes salientes e bem delineados. Trajava um vestido simples que acentuava seu perfil esbelto. Um decote singelo exibia parte de um colo atraente. Sentiu-se culpado por prestar atenção no detalhe dos seios da moça. Era seminarista, candidato ao sacerdócio e, portanto, um celibatário em potencial. Interessar-se daquela maneira por alguém do sexo feminino não lhe pareceu o mais adequado. Mesmo assim, continuou a observá-la, encantado com a sua figura. Era gratificante olhar a graça e a leveza dos seus movimentos e o sorriso franco e espontâneo que brotava dos seus lábios. Era um diferencial que chamava a atenção naquele grupo.

Luigi não ficou muito tempo naquela contemplação. Como se pressentisse que estava sendo observada, Nives ergueu o olhar e, de pronto, avistou-o. Seu sorriso foi espontâneo. Ato contínuo, caminhou até onde estava o rapaz.

- Oi, Luigi, que bom te ver de novo. Gostei muito que tenhas vindo.

- Eu também estou alegre. Como tens passado?

- Bem. Na rotina de sempre: casa e escola. A única diferença são estas reuniões, que me roubam bastante tempo. Mas eu não me importo. Estou adorando.

- E como vai o movimento de vocês? Crescendo?

- É trabalhoso, mas estamos colhendo alguns frutos. Estás vendo a reunião de hoje? Tem mais pessoas do que na última vez. E isso acontece sempre. A propósito, lestes o livro que te emprestei?

- Li. Respondeu, num monossílabo arrastado e quase inaudível.

- E o que me dizes a respeito?

- É difícil formar um juízo. São muitas as novidades. Alguns princípios parecem contraditórios. Não é fácil aceitá-los nem concordar com eles. São bem diferentes daqueles praticados no mundo que conhecemos.

- As mudanças são assim mesmo, Luigi. No início, chocam as pessoas. Ninguém quer mudar, ninguém quer abandonar o conforto proporcionado pela rotina de suas atividades e pela concordância com seus conceitos. Somos todos acomodados; temos medo do novo. A humanidade sempre foi assim, mas progrediu porque houve pessoas que propuseram mudanças e outras que as aceitaram e as praticaram. Não fosse dessa maneira, ainda estaríamos vivendo na idade da pedra e morando em cavernas sem qualquer tipo de organização e submissos aos nossos instintos.

- Talvez tenhas razão. Eu ainda estou em dúvida sobre os novos conceitos.

- Vem cá, que quero te apresentar ao Sérgio.

- Sérgio, este é o Luigi, de quem eu falei. Foi para ele que emprestei o livro de Bakunin. É estudante interno do convento. Pretende ser Padre.

- A Nives falou bastante em ti. É bom te conhecer. Se for do teu agrado, vem participar de mais reuniões nossas. Verás que vale a pena.

- Muito obrigado. Vou pensar no assunto.

Sérgio deixou os dois e foi conversar com outras pessoas que participavam do encontro. Com muito cuidado, Luigi retirou o livro que guardava sob o casaco e o devolveu a Nives.

- Ao menos, conseguistes não te escandalizar com os princípios de Bakunin. É o que me parece pelas tuas respostas.

- Alguns conceitos são transformadores de fato, e com potencial de gerar mudanças significativas em nossa sociedade.

- E tu, o que me dizes a respeito?

- Concordo com alguns e discordo de outros tantos.

- Ainda bem. Já emprestei este livro a outras pessoas e a maioria o devolveu dizendo que era uma insensatez. Tu não só não pensas que é uma completa loucura, como concordas com alguma coisa. É muito bom saber, e isso confirma que não és avesso a novidades. Era essa a ideia que eu fazia de ti.

- Aprendi na vida que sempre tem um lado bom em quase tudo. Basta saber procurá-lo.

- Não queres participar de alguma das nossas reuniões seletivas? Penso que irias gostar.

- Não sei, não. Sou seminarista e pretendo tornar-me Padre. Tenho dúvidas se devo e se fica bem. No seminário, nunca falamos em política. Nosso objetivo é outro: estudar a doutrina de Cristo para ensiná-la ao povo.

- Eu sei, mas não custa conhecer o pensamento de outras pessoas. Ninguém vai pedir para largares o seminário ou te desviares do teu objetivo. Nós vamos nos reunir no sábado à tarde, lá na casa de Julieta, às 4 horas.

- Na casa de Julieta? Não dissestes que essas reuniões eram fechadas e que só participava um pequeno grupo? Na casa de Julieta sempre vão muitos visitantes, especialmente no sábado.

- É exatamente por isso. Como entra muita gente, não iremos chamar a atenção de ninguém. E não vai ser no meio do povo. À esquerda da casa, junto ao muro, tem uma minúscula porta que leva aos fundos

do terreno. Nessa porta, estará um cartaz com os dizeres “Entrada permitida apenas para as pessoas autorizadas”. Nós colocaremos o cartaz no sábado de manhã. Atrás da casa, tem uma pequena construção que era utilizada como depósito de lenha e mantimentos. Será lá a nossa reunião. Conto contigo.

Falou tão meigamente e com tanta confiança que Luigi ficou constrangido em discordar.

- Está certo. Vou pensar.

Ao despedir-se, Nives presenteou-o com um olhar tão meigo que o fez enrubescer. Bastante constrangido, abandonou apressadamente o local, com medo que alguém notasse. Já na rua, uma indescritível sensação de felicidade apoderou-se dele. Voltou ao seminário observando com mais atenção o caminho da volta. A água do Adige pareceu-lhe mais limpa e mais clara do que em outros dias, e os álamos enfileirados ao longo dos dois lados da rua mostravam-se mais verdes do que de costume. Até a ladeira que conduzia ao convento pareceu-lhe menos íngreme. Não sabia o motivo, mas respirava um ar de felicidade nunca antes experimentado. Assobiando uma melodia do folclore italiano que sua mãe lhe ensinara quando criança, cruzou o portão do convento e dirigiu-se ao dormitório. Como nos dias em que ia ensinar catecismo na Basílica estava dispensado das atividades programadas para os seminaristas, deitou-se na cama, onde permaneceu em silêncio, com o olhar fixo no teto, por um longo período.

Foi assim que seu amigo Darvile o encontrou. Ficou admirado por vê-lo absorto e alheio a tudo. Nunca vira Luigi daquela maneira. Ao contrário, sempre era o primeiro a iniciar brincadeiras ou a convidar os colegas para um jogo de futebol ou outra atividade qualquer. Costumava ser o mais animado e o animador da turma.

- Deitado a esta hora? O que está havendo contigo, Luigi? Estás doente?

- Não é nada, Darvile. Estou apenas cansado. As crianças das aulas de catecismo estavam impossíveis. E eu senti um pouco. O calor também ajuda.

- Você, cansado? Conta outra, amigo.

Naquela noite, jantou menos do que o normal. Nada contra a comida. Era o apetite que havia diminuído. Ao deitar, custou a conciliar o

sono. De tempos em tempos, voltavam-lhe à mente os acontecimentos do dia. E os repassava uma vez mais. A imagem de Nives teimava em se fazer presente; não o abandonou nem durante as orações noturnas.

A semana transcorreu sem novidades, salvo a dúvida sobre a aceitação ou não do convite de Nives. Essa dúvida o atormentava. Parecia-lhe incorreto, ele, um seminarista, envolver-se em assuntos políticos, inteirar-se de uma filosofia nova que pretendia mudar a maneira de viver do povo italiano e de todo o mundo. Por outro lado, o temor natural que lhe inspiravam os novos conceitos era suplantado pelo desejo de rever a moça. Tinha a impressão de que esse desejo ia se transformando numa quase obsessão, o que o mortificava. Como futuro Padre, não deveria alimentar sentimentos e pensamentos daquela natureza. No entanto, a força que o impelia a pensar nela era mais poderosa do que a sua vontade. Sentia-se angustiado e confuso.

Avistando Frei Gottardo, resolveu abordá-lo.

- Frei, por favor, o senhor pode dar-me um pouco de atenção?

- Com todo o prazer, Luigi. O que está te preocupando?

- Não é propriamente uma preocupação. Andando pela cidade, a gente vê reuniões de pessoas, ouve notícias e seguidamente somos abordados por gente falando em política, em mudanças e coisas parecidas. Aqui no seminário, ninguém toca no assunto. O senhor acha que os Padres devem se envolver nessas questões?

- Luigi, vou tentar responder da maneira como eu penso. De um lado, temos nossos regulamentos, nossas normas de conduta, uma hierarquia a respeitar, seja em relação a nossos superiores, seja em relação às autoridades eclesiásticas. Esses regulamentos e essa disciplina nos ensinam que devemos nos preocupar com os assuntos de Deus, da nossa religião e da nossa congregação. A organização e o funcionamento do sistema político do país é assunto que diz respeito ao mundo laico. No entanto, esse povo leigo, ignorante em sua maioria, também precisa de nós, da nossa orientação, do nosso esclarecimento e do nosso apoio. A desigualdade social e a injustiça que observamos diariamente nos dizem que devemos ajudar e amparar a população mais humilde e necessitada, porque ela não sabe se defender. Como fazer isso? Como conciliar a nossa dupla missão? Se não acompanhamos e não participamos das atividades políticas, como podemos conhecer as diversas tendências para orientar melhor nossos fiéis? É uma dúvida que me atormenta desde

que fui ordenado. Até agora, não encontrei uma resposta satisfatória. Há sempre o temor, de parte dos nossos superiores, de que, no momento em que abraçamos uma causa, conquistamos a simpatia dos seguidores dessa causa e desagradamos aos que lhe são contrários. Não sei o que dizer. Por que te preocupas com isso?

- Não é nada sério, Padre. Queria apenas saber como devo me posicionar quando sou questionado sobre assuntos dessa natureza. Muito obrigado. Por enquanto, ainda é cedo para preocupações. Tenho bastante tempo até a minha ordenação para pensar e me instruir melhor.

A intenção de Luigi, na verdade, não era obter uma resposta convincente. O que ele queria mesmo era achar uma justificativa para comparecer à reunião de sábado. Não deixou de se alegrar quando, na explanação de Frei Gottardo, encontrou certa semelhança com o que Nives lhe dissera alguns dias antes.

## VII

E chegou o sábado. Com a desculpa de que tinha algo a fazer na Catedral de Santa Anastasia, deixou o convento e dirigiu-se à casa de Julieta. Era a primeira vez que visitava a casa famosa. De imediato, chamou-lhe a atenção a placa colocada numa das paredes em que estava escrito: “*Queste furono le case dei capuleti de onde uscì la Julieta per cui tanto piansiero i cuore gentili e i poeti cantarono. Secoli 13 e 14. E. V.*” (Estas foram as casas dos Capuleti, de onde saiu Julieta, pela qual tanto choraram os corações gentis e cantaram os poetas.)

Como imaginava, encontrou uma pequena multidão de turistas de diferentes países. O linguajar chamou-lhe a atenção. Inglês, Espanhol, Japonês, Português, Italiano e outros idiomas que não conseguia identificar formavam um burburinho incompreensível e desconexo. Sua atenção foi despertada por uma estátua de Julieta, em tamanho natural, de bronze, localizada no centro do pátio. Todos os turistas, homens e mulheres, queriam ser fotografados abraçando a estátua e acariciando com a mão o seio de Julieta. Tão repetida era essa pose que a pintura sobre o seio direito da figura estava desbotada e quase desaparecida. Todos queriam a lembrança. A casa devia ser a mesma da época. A varanda de onde, segundo o relato, Julieta ouvia as declarações de amor de Romeu, ainda aparentava bom estado de conservação. Havia placas, nas quais se podia ler, em inglês e italiano, os versos da obra de Shakespeare. O mesmo acontecia com a sacada. Queria deter-se por mais tempo, examinar melhor o palco da tragédia divulgada no mundo inteiro pela obra do imortal escritor inglês, mas a ansiedade falou mais alto. Procurou e

achou a tal porta. Logo que passou por ela, avistou a pequena construção nos fundos do pátio onde deveria estar acontecendo a reunião.

Bateu à porta e Nives veio atendê-lo. Continuava bela. Desta vez, sobre a blusa, vestia um casaco leve que cobria, também, parte de uma saia justa, de cor sóbria, que realçava os contornos de seu corpo. O sorriso com que o recebeu demonstrava a alegria de revê-lo. Meio encabulado, Luigi perguntou:

- É aqui a reunião de vocês?

- É aqui mesmo. Entra que vou te apresentar aos demais.

- Ei, pessoal, este é o Luigi, de quem falei. Veio até aqui para conhecer um pouco do nosso movimento. Já leu o livro de Bakunin. Espero que no futuro faça parte da nossa organização.

Levantando os olhos, Luigi prestou atenção no grupo. Eram seis ao todo. A figura de Sérgio sobressaía-se sobre as demais. Com toda a certeza, era o líder. Meio indeciso e assustado, o seminarista acompanhou Nives ao interior do recinto, onde passou a ser apresentado a cada um dos presentes. Sérgio foi o primeiro. Imediatamente o reconheceu.

- Tu és o nosso futuro Padre. Sê bem-vindo.

- Obrigado.

Sem saber como se comportar, apertou a mão dos demais. Giuseppe era operário. Trabalhava numa fábrica de ferramentas e utensílios agrícolas, em Verona. Andrea, procedente de Roverchiara, era um trabalhador rural; Zeno era balconista de uma loja de tecidos de Verona; e Giovanni, o mais velho da turma – aparentava ter uns 40 anos –, era comerciante, provinha da vizinha província de Vicenza e estabeleceu-se em Verona, onde explorava um pequeno negócio. Francesco, que não aparentava mais do que 20 anos, apresentou-se como estudante da Universidade de Pádua. Estava cursando Filosofia.

Luigi olhou o estudante com admiração e interesse. No próprio seminário ouvira muito falar sobre a Università Degli Studi Di Padova (UNIPD), em italiano. Trata-se de uma das universidades mais importantes e mais antigas da Itália e do mundo, fundada, oficialmente, em 1222. No entanto, pesquisas informam que bem antes disso já funcionavam em Pádua os cursos de Direito e Medicina. Sir Herbert Butterfield, em seu livro “As origens da Ciência Moderna (1962)”, afirmou: “admitindo-se que a honra de ter sido a sede da revolução científica possa pertencer de direito a algum lugar, tal honra deve ser atribuída a Pádua.”

A universidade de Pádua chegou a contar com cerca de 63 mil alunos e 2.350 professores. Por suas salas passaram estudantes que, no futuro, se tornariam famosos, como o polonês Nicolau Copérnico (1501 a 1506). Lá, também, lecionaram professores que tiveram seus nomes indelevelmente inscritos na história da humanidade, como Galileu Galilei (1592 a 1610). Pádua recebia alunos da Itália e de toda a Europa. Em 1405, quando Pádua passou a pertencer à República de Veneza, a universidade atingiu seu período áureo e, entre os séculos XV e XVII, foi considerada um centro internacional de estudos e pesquisas dos mais importantes do mundo. O mais imponente dos prédios do complexo, o que abriga a universidade, isso é, sua sede principal, antigamente pertenceu a um açougueiro. Depois de amplas reformas, ganhou a forma arquitetônica atual, mas, em sua fachada, foi mantido o desenho da cabeça de um boi, numa clara referência à sua origem. Por isso era conhecida como o “Palazzo del Bó” (Palácio do boi). Hoje é, somente, “Il Bó”( O Boi).

- Não foi difícil encontrar-nos, não é verdade? Perguntou Sérgio, mais para quebrar o silêncio do que propriamente para saber a opinião de Luigi.

- É verdade, com as informações da senhorita Nives, foi fácil chegar até aqui.

- Bem, já que nos conhecemos, vamos prosseguir com a nossa reunião. Por favor, senta conosco.

Cada um retomou seu lugar. O cômodo era pequeno e modesto. Uma mesa retangular rústica e um pequeno armário com portas de madeira era toda a mobília da sala. Uma única cadeira colocada à cabeceira da mesa e dois bancos dispostos ao longo da mesma completavam o ambiente.

Sérgio retomou seu assento, reassumindo a direção dos trabalhos. Luigi, meio sem jeito, procurou um lugar no lado oposto de onde Sérgio estava. Nives, percebendo a indecisão e o embaraço do amigo, acomodou-se a seu lado.

- Como vocês sabem, dizia Sérgio, falta menos de um mês para o 12 de abril, quando Verona realizará a festa de San Zeno, uma das maiores, senão a maior da província. É nessa data, quando aqui aportam pessoas de toda a redondeza, além dos moradores locais, que pretendemos mostrar a importância e o significado do nosso movimento. Como já

informei antes, convidamos Carlo Cafiero para prestigiar a manifestação. Da última vez que estive em Nápoles, formalizei o convite e ele se mostrou disposto a participar. Pretendo que o 12 de abril de Verona seja a maior manifestação anarquista do norte da Itália e o marco inicial da nossa caminhada. No Sul, as coisas estão andando bem. Aqui é um pouco mais difícil. Existe uma burguesia agrícola muito enraizada e muito forte. A população é inculta e humilde. Precisamos motivá-la. Nada melhor do que uma concentração popular grandiosa para impressioná-los. Vamos repassar a programação para ver se está tudo em ordem.

- As comitativas, pequenas ou maiores, se aproximarão da Piazza Delle Erbe, usando os caminhos ao longo das duas margens do Adige. Na praça, aguardarão até as duas horas da tarde, quando, todos juntos, iniciaremos a caminhada rumo à Piazza Bra, onde desenvolveremos toda a programação. No caminho entre as duas praças, levaremos cartazes e faixas e, em todo o trajeto, bradaremos frases de efeito como “Viva a nova Itália”, “Viva o povo italiano”, “Abaixo a tirania” e outras. Quando chegarmos à via Nuova, formaremos um conjunto compacto e coeso, fazendo muito barulho.

- Giuseppe e Zeno, como está a organização dos trabalhadores de Verona? Podemos contar com quantas pessoas?

- Senhor Sérgio, temos feito muitas reuniões com o operariado em salões de igrejas, em vendas, em pátios de fábricas, em praças e em todos os lugares possíveis. Esperamos levar, no mínimo, 200 pessoas.

- E tu, Andrea, como está o movimento na área rural? Em Roverchiara, Roverchiaretta, Isola Rissa e outras localidades do nosso interior?

- Não é fácil conseguir gente por lá. Os grandes proprietários não participam. Contamos com alguns pequenos agricultores. Os agregados têm medo de perder o pouco que possuem. Embora simpatizem com a causa, poucos se arriscam. Restam os diaristas e os desocupados, que procuramos motivar. Penso em 40 a 50 pessoas.

- E tu, Giovanni, como está o movimento lá pelas bandas de Vicenza?

- Olha, “seu” Sérgio, de acordo com o meu irmão Ernesto, deverão vir umas 50 pessoas integrantes da Liga Anarquista de Vicenza.

- Francesco, no meio estudantil de Pádua e de Verona, e entre a juventude, conseguiremos alguma coisa?

- Tenho certeza. Os estudantes são curiosos e os jovens são ávidos por ideias novas. Tenho percorrido os colégios de Verona e, em Pádua, dois amigos estão encarregados de formar uma comitiva. Estimo entre 50 e 100 jovens presentes. Um grupo está ensaiando o hino especial do movimento revolucionário.

- Poderias mostrar o que esse grupo de jovens pretende cantar durante a passeata?

- Pois não, é um prazer. Gostaria que a Nives me ajudasse.

Levantaram-se e entoaram a meia voz o hino que o grupo cantaria durante a passeata.

“Juventude do campo e da cidade  
A miséria é sua prisão,  
Junto às massas proletárias  
São milhões por trabalho e pão.

Bakunin é o nosso guia  
Nossa espada pra vitória,  
Com o povo marcharemos pra vencer  
A guerra revolucionária.

Instruir-se, lutar e trabalhar  
Jovens vozes do porvir  
Vossa aurora é a liberdade  
Empunhai já os vossos fuzis.

Se anuncia a tempestade  
Pra varrer a burguesia  
Camponeses e operários a empunhar  
A bandeira da anarquia,  
Juventude proletária a marchar  
Bakunin é o nosso guia.”

(Arquivo Bakunin, em Português).

- Muito bonito! Meus parabéns! Quem escreveu o hino?

- Não sei. Chegou à universidade e os estudantes gostaram.

- Como estamos vendo, a organização anda. Deveremos desfilar um contingente de umas quinhentas pessoas, muito animadas, o que não é pouco. Além disso, outros se integrarão pelo caminho. Faremos uma bela concentração na Piazza Brá.

- Níves, como estão as faixas e os cartazes?

- Estou trabalhando juntamente com o Francesco. Deverão estar prontos até o dia 12. Se o Luigi quiser nos ajudar, já que ele é estudante, também está convidado.

- Obrigado. Não sei se poderei colaborar. Sabe como é, as atividades no seminário e os compromissos com a Igreja me absorvem bastante. Mas, se puder, ajudarei.

- Então, está tudo acertado, falou Sérgio. Faremos outra reunião no sábado que vem, na Piazza...

- Quietos todos! Parados! Ninguém se mova! Gritando palavras de ordem, doze *carabinieri* (Policiais do Estado, cujas atribuições e competência são a defesa nacional) entraram, após terem aberto violentamente a porta.

- Estão todos presos. Nos acompanhem até o quartel. Se todos obedecerem, nada de ruim acontecerá. Se tentarem alguma coisa, usaremos a força e estamos armados.

A ameaça não poderia ser mais clara. Os participantes da reunião não tinham armas e estavam em número menor. Sem oferecer resistência, um a um foi acompanhando os policiais. Ao invés de saírem pela frente da casa onde se aglomerava a multidão de turistas, dirigiram-se ao fundo do terreno e enveredaram por uma rua lateral. De lá, foram conduzidos até o quartel.

No quartel, foram colocados numa sala de pequenas dimensões, sem móveis e sem cadeiras. Um de cada vez era chamado para prestar depoimento. Giovanni aproveitou um intervalo em que estavam sozinhos para dirigir-se ao grupo:

- Não sei o que acontecerá conosco, mas quero dizer que, em caso de necessidade, se surgir a oportunidade, me procurem. Moro na Via Forti, perto de Santa Anastasia. Tenho condições de prestar alguma ajuda. Procurem pela “Casa Vêneta”.

## VIII

Os chamados para depor não retornavam. Um a um ia sendo encaminhado para outras dependências. Chegou a vez de Luigi.

- Então, você também é anarquista?

- Não, senhor. Fui assistir à reunião a convite, como ouvinte. Sou seminarista. Moro e estudo no convento dos Padres Dominicanos, aí do outro lado do Adige.

- Como é que pode um quase Padre estar no meio desse pessoal? O Anarquismo é a negação de todo o sentimento religioso. Como se explica isso?

- Desculpe, senhor, mas eu não tenho nada a ver com esse movimento. Nem sei o que fazem e o que pretendem. Eu estava ensinando catecismo em Santa Anastasia, fui convidado e, por curiosidade, compareci à reunião e vim parar aqui. Por favor, me liberem para eu voltar para o convento. Meus superiores já devem estar preocupados com a minha demora. Por caridade, deixem eu ir para casa.

- Você pensa que vai se safar assim, sem mais nem menos? Esta noite você vai dormir aqui e amanhã iremos até o convento para confirmar a história. Se for verdadeira, te liberaremos.

- Pelo amor de Deus, não façam isso comigo. Como vou explicar ao Padre Superior?

- Devia pensar nisso antes de se meter em confusão. Agora, aguente.

Em seguida, o conduziram por um longo corredor até uma sala escura nos fundos, à direita. Sem qualquer consideração, jogaram-no porta a dentro. Não havia móvel algum. Muito menos uma cama ou um catre onde pudesse recostar-se. Não sabia o que fazer. A única janela era protegida por grade. A porta, muito reforçada e trancada, não permitia qualquer fuga. A comida e a água lhe eram entregues por uma portinhola que escondia a pessoa. Começou a ficar aflito. No começo, rezou. Depois, não conseguiu conter o choro.

Pensamentos terríveis afloravam-lhe à mente. Começou a pensar no Frei Camilo, o diretor, sempre austero e retilíneo em sua forma de pensar e agir. Não permitia brincadeira de qualquer espécie. Sempre dizia que o seminário não era a Igreja, mas uma extensão dela. Todos os anos, na palestra de boas-vindas aos seminaristas, fazia questão de repetir a recomendação: “tenham sempre em mente que vocês estão aqui para estudar, orar, servir e obedecer”. E Frei Rocco, que tanto o estimava e o apontava como exemplo para seus colegas? E Frei Gottardo, tão amigo de sua família? Ao lembrar de Frei Gottardo, os pensamentos logo se voltaram para sua casa. O orgulho que toda a família, especialmente seus pais, sentiam dele. Sempre que retornava para as férias, sua mãe preparava uma pequena recepção. Convidava parentes, vizinhos e amigos para confraternizar e saudar as férias do filho. Seu pai Giuseppe fazia questão de sair com ele pela vizinhança para mostrar a todos que era o pai de um futuro Padre. Que vergonha!!

Além da vergonha, tinha outras preocupações que o atormentavam. O que diria ao Padre Superior quando retornasse? E aos outros padres e colegas? E se o assunto chegasse ao conhecimento dos pais, como agiria? Estava apavorado. Não sabia o que fazer. Devia ser castigo por ter dado ouvidos à bela jovem. Se não fosse o convite dela, jamais pisaria naquela casa.

Não conseguiu dormir durante a noite inteira. Finalmente, depois de horas que lhe pareceram intermináveis, amanheceu. Nada soube dos outros. Se foram presos, se ainda estavam lá, se foram soltos. Nada. Nem da Nives. Por volta das oito horas, abriram a porta. Não era o café da manhã. Era um soldado, uniformizado e armado. Foi logo dizendo:

- Tu aí, levanta e me acompanha. Nada de gracinhas. Fica na tua, senão vais levar porrada.

Ato contínuo, agarrou-o pelo braço e, literalmente, arrastou-o para fora da sala e o conduziu até o gabinete do comandante.

- Sim senhor, hem! Até você aprontando! Onde se viu, um seminarista envolvido com essa turma? Sei que lá no Sul vocês aprontaram e estão aprontando muito. Aqui, vocês não vão emplacar. Tenho notícias de que em Pádua e em Veneza houve prisões. Aqui em Verona estava calmo até ontem. Aí surgiram vocês. Mas não pensem em levar essas ideias adiante. Aqui, não! Aqui ainda tem ordem e respeito. Eu vou cuidar para que continue assim. Anarquistas? Em Verona, não! Nunca!

- Mas eu não sou anarquista, já expliquei ontem. Foi minha primeira vez nessas reuniões. Fui convidado e aceitei, de curioso. Não tenho nada a ver com esse pessoal. Por favor, acredite em mim. Nunca participei de qualquer movimento político. Sou seminarista e quero me tornar Padre e pregar a religião. Nada mais.

- Por enquanto, você vai ficar detido aqui. Vou até o convento falar com seus superiores e ver se não há um movimento anarquista lá dentro. Tenho notícia de que no Sul alguns padres estão envolvidos. Aqui ainda não sei de nada. Vou averiguar.

Depois, dirigindo-se ao soldado, disse:

- Pode levá-lo.

Luigi retornou à sala. Não comeu nem bebeu nada. Lá permaneceu até a tarde. Começou a chorar quando viu a figura de Frei Gottardo em frente à porta. Jogou-se nos braços dele. Não falou nada, apenas chorou copiosamente. Amparado pelo Padre, dirigiu-se à saída. Daí, direto para o convento. Durante o caminho, nenhum falava. Frei Gottardo, com ares preocupados, caminhava em silêncio, envolto em seus pensamentos. Luigi não se atreveu a perguntar o que tinha acontecido pela manhã. Apenas balbuciava:

- Por favor Frei, eu não tive culpa. Eu não sabia de nada. Conheci aquele pessoal ontem. Foi a maldita curiosidade que me levou para lá. Acredite.

Chegando ao convento, foram direto para a sala do Diretor. Frei Camilo, do alto de toda a sua indignação, vociferou:

- Então, Luigi, nos fez passar toda essa vergonha. Este convento nunca tinha sido vistoriado por soldados. Tivemos que abri-lo. Mostrar tudo, como funciona. Depois, ser interrogado e suspeito de traição. Meu Deus, como você foi se meter lá? Logo você, que era apontado como o melhor aluno? Ao invés de ensinar catecismo, o que estava fazendo?

Desonrando seus pais, sua família e o nosso convento? Você tem ideia da loucura que fez?

E prosseguiu:

- O que aconteceu com você foi muito grave. Voluntária ou involuntariamente, você expôs ao ridículo a nossa casa. É o único responsável. Vou reunir a congregação e vamos decidir o que fazer. Por enquanto, você fica aqui, mas isolado. Não quero que mantenha contato com seus colegas. Você vai ficar na clausura.

E ele permaneceu enclausurado por dois dias. Sozinho. Sem ninguém para conversar. Nem os freis Rocco e Gottardo, nem seu amigo Darvile ou qualquer outro dos internos. Durante todo o tempo, pensou, rezou e chorou.

Finalmente a porta abriu-se e apareceu a figura de Frei Gottardo. Luigi não sabia o que dizer, tamanha a alegria que sentiu. Quando se recompôs conseguiu balbuciar apenas “obrigado, Frei”.

- Luigi, temos que ir ao dormitório. Lá, você vai reunir todas as suas coisas. Sairemos ainda hoje daqui.

- Para onde vamos?

- Para sua casa, em Bovolone. Você foi suspenso até o fim do ano. Não adiantaram nossos argumentos nem o fato de você ser um aluno brilhante. A congregação resolveu afastá-lo por um tempo, para pensar. Você precisa saber se quer ser Padre ou não. O que você fez foi muito ruim e você pôs sob suspeita, para não dizer coisa pior, todas as atividades desta casa. O policial foi muito claro: este convento ficará sob rigorosa observação o tempo que as autoridades julgarem necessário. Nunca se chegou perto disso...

Passaram ao dormitório, onde recolheram os pertences de Luigi e abandonaram o convento. Em pouco tempo, estavam no trem que os levaria a Bovolone.

## IX

Só dona Gelsemina encontrava-se em casa. O pai e o irmão tinham ido trabalhar. A surpresa foi grande. Dona Gelsemina correu para fora e foi abraçar o filho.

- O que está havendo? Como é que estão aqui a esta hora? Aconteceu alguma coisa? Luigi está doente?

- Não se preocupe dona Gelsemina, falou Frei Gottardo. Está tudo bem. Ele vai passar algum tempo fora do Seminário. Não é nada de especial. Nem está doente. Faz parte do aprendizado. Ele precisa conhecer um pouco do mundo para ser um bom Padre. E Giuseppe?

- Está no parreiral, trabalhando com o Bruno. Vou chamá-lo.

- Não. Deixe que eu vou até lá com o Luigi. Voltaremos para o almoço. Conheço o caminho.

Frei Gottardo conhecia muito bem o trajeto até o parreiral. Fizera aquele caminho inúmeras vezes, sempre com alegria e admirando o belo visual que as vinhas ofereciam.

- Luigi, não te preocupes. Não falarei nada à tua família sobre os motivos porque estás aqui. Aliás, eu não acredito que tenhas conscientemente participado daquela reunião. Eu disse no encontro da congregação e digo agora que fostes induzido pela inexperiência e pela curiosidade; não creio que compartilhes daquelas ideias.

- É isso mesmo, Frei. Eu não sabia e ainda não sei do que se trata. A gente não conhece nada do que se passa no mundo aqui de fora.

Qualquer coisa é novidade e queremos saber a respeito. Não conheço aquele pessoal. Foi a primeira vez que participei de uma reunião deles.

- Há tempos que eu tento introduzir em nossa congregação a ideia de que os seminaristas devem ter um período de aprendizado fora do convento. Defendo que todos os alunos depois dos 18 anos, antes dos estudos e dos votos finais, passem, no mínimo, meio ano fora do seminário para conhecerem o mundo e, especialmente, para avaliarem se é o sacerdócio mesmo o que eles querem. Devem ter plena consciência das renúncias que o estado clerical impõe em relação à vida laica. Não acho justo que descubram essa realidade quando não há mais volta, quando já proferiram os votos finais.

- Gostaria, continuou, que os futuros Padres assumissem sua missão com pleno conhecimento do passo que estão dando e do mundo que estão deixando para trás. Penso que, assim, teríamos Padres melhores. Não haveria tanta frustração no meio do clero e nem tanto abandono de missão. Mas, infelizmente, não é o que pensam meus superiores. Entendem que os jovens, fora da proteção do convento, sucumbirão às tentações e não retornarão ao seminário. E, dessa maneira, continuam formando Padres que só vão conhecer a vida real depois de ordenados.

- Acho que o senhor tem razão, Frei. Mas, agora, eu estou aqui e como resolver isso na minha família?

- Deixa comigo que eu conduzirei o assunto.

Mais alguns metros e estavam no parreiral. Frei Gottardo mais uma vez admirou a maneira como Giuseppe conduzia suas vinhas. Ao invés de fazer como a maioria dos viticultores da região, que estendia os fios de arame sobre postes encimados por outro lenho atravessado, formando uma espécie de cruz para que os ramos da parreira se debruçassem sobre eles, imitando um telhado, conduzia os fios de arame, também distendidos entre os postes, mas um acima do outro, com espaços de até meio metro, de modo que a parreira, ao pousar sobre eles, ao invés de formar um telhado, formasse uma parede. Com esse procedimento, as uvas ficavam mais tempo expostas ao sol, aumentando seu nível de açúcar e, conseqüentemente, melhorando a qualidade do vinho. Esse deveria ser o segredo do sucesso do vinho de Giuseppe.

- Olá Frei, mas que surpresa é essa? Vocês hoje aqui? Eu não esperava.

- Nem nós sabíamos que seria hoje, Giuseppe. Mas, aconteceu. A congregação entende que os seminaristas, depois de completarem 18 anos, devem passar algum tempo fora do convento para conhecerem melhor o mundo antes de fazerem os estudos finais e seus votos. Chegou a vez de Luigi. E aqui está ele.

- O senhor sabe que é sempre uma alegria e uma felicidade recebê-lo. Depois de abraçar demoradamente o filho, disse:

- Agora o Luigi fará companhia ao Bruno e nós iremos para casa conversar.

Em casa, o Frei explicou à sua maneira porque o Luigi deveria ficar fora do seminário por um tempo. Para não alarmar os pais, falou que era costume com todos os alunos depois de atingir certa idade e determinado nível na formação sacerdotal.

Como não havia serviço para Luigi em Bovolone, acertaram que em uma semana ele retornaria à Verona e que Frei Gottardo o auxiliaria a se estabelecer na cidade e procuraria algum lugar onde ele pudesse trabalhar.

Durante a semana, Luigi evitou conversas que lembrassem sua situação de seminarista. Também disfarçava quando o assunto enveredava sobre o futuro. Preferia falar sobre Bovolone, a alegria de estar em casa, coisas para fazer no parreiral. Evitou, também, muitas visitas. Só as indispensáveis.

No dia aprazado, voltou para Verona. Tinha combinado com frei Gottardo que se encontrariam na estação de Porta Nuova, que é a verdadeira e a mais representativa entrada da cidade, onde desembocam as maiores correntes de trânsito e onde se localiza a Estação Ferroviária. A monumental arquitetura de Porta Nuova, que até hoje mantém as estruturas originais, foi construída por Mechele Sammicheli entre 1535 e 1540. Sofreu algumas modificações durante a ocupação austríaca, por volta de 1854, sem perder, no entanto, seu estilo e seu charme original.

Após as manifestações de alegria pelo reencontro, frei Gottardo mostrou certa preocupação ao discorrer sobre as dificuldades que surgiram para colocar Luigi em algum estabelecimento ligado à Igreja. A batida policial no Seminário dos Padres Dominicanos foi noticiada entre as instituições religiosas e entre as autoridades eclesiásticas de Verona e repercutiu em todos os setores das diversas paróquias e casas mantidas ou administradas pelos Padres. Mas, com a ajuda do vigário

da paróquia de Santo Stefano, conseguiu uma colocação provisória para Luigi. Aconteceu que os registros daquela paróquia haviam se danificado parcialmente por conta de um temporal e os livros precisavam ser refeitos enquanto ainda fossem legíveis. Luigi trabalharia na parte da manhã e, à tarde, estaria livre para procurar serviço e uma colocação. Não receberia qualquer remuneração, salvo quarto e comida. Não era bem o que esperava, mas aceitou por ser a única oportunidade que lhe foi oferecida.

Antes de acomodar-se nos aposentos a ele destinados, percorreu as instalações da casa paroquial e da igreja. Mais tarde, procurou inteirar-se sobre a história do templo, porque, segundo se dizia, teria sido a primeira catedral da cidade. A igreja foi erguida em um local onde existia um oratório do Século VI e é formada por três naves e um presbitério. As obras de arte mais importantes situam-se na nave direita, que abriga, entre outras, a obra prima do maior pintor da província de Verona do século XVII, Marcantonio Bassetti: uma tela com os cinco bispos veronenses, aos quais a capela é dedicada. Nela, se encontram, também, pinturas de Orbetto e de Batista del Moro. No presbitério, chama a atenção a presença de um deambulatório semicircular, de colunas com capitéis da igreja do século VIII. É um belo templo, um digno representante da arquitetura românica veronense, com uma história rica e um repertório de obras artísticas que merece a admiração de quantos o visitam.

O quarto que lhe destinaram estava localizado nos fundos da casa paroquial. Era espaçoso, arejado e da janela tinha uma bela vista daquela parte da cidade. Gostou e encarou com entusiasmo sua nova tarefa, abraçando com muita animação a perspectiva do seu primeiro emprego.

Durante a tarde, procuraria alguma colocação. Pensou em explorar a Piazza Delle Erbe, que possuía em seu redor diversos restaurantes sempre bem frequentados por turistas. Não foi muito feliz em suas primeiras tentativas, mas era persistente. Durante vários dias, marcou e procedeu a entrevistas. Tinha boa aparência e uma cultura acima da média, o que poderia lhe render vantagens quando comparado com outros. Também, não tinha muita pressa. Gostava do lugar onde estava, do trabalho que fazia e da figura do Padre Antônio, pároco de Santo Stefano, com quem mantinha agradáveis colóquios. De vez em quando batia a saudade dos amigos do seminário, especialmente de Darvile e dos freis Rocco e Gottardo. Nunca mais ouvira referências sobre os anarquistas responsáveis por sua saída do convento. Não vira reuniões

nos diversos locais onde estivera e não encontrou ninguém dos que conheceu na casa de Julieta. Uma tarde, quando estava distraído, sentado nos degraus da Berlina, avistou o vulto de uma moça que caminhava apressada entre o povo que se apinhava na praça. Pareceu-lhe Nives, pela maneira de andar. Levantou-se e foi a seu encaço.

- Nives, boa tarde. A moça virou-se de pronto para ver quem a chamava. Logo reconheceu Luigi.

- Que bom te ver. Correu de encontro ao rapaz e, como amigos saudosos, abraçaram-se efusivamente.

- O que aconteceu contigo depois daquela tarde?

Luigi, então, detalhou todo o ocorrido com ele após aquele sábado: a saída da delegacia, a batida policial no convento, sua suspensão, a ida à Bovolone, o reencontro com a família e o trabalho que conseguira em Santo Stefano.

- Sinto-me culpada por tudo isso. Se eu não te convidasse, não terias ido àquela reunião e nada teria acontecido. Mas, também, recebi o meu castigo.

- Como assim?

- Fiquei presa à noite toda. No outro dia, foram chamar meu pai, que me libertou. Imagina de que maneira fui recebida em casa... Meu pai me retirou da escola e disse que no próximo ano eu iria ficar interna num colégio de freiras em Pádua. Estou esperando. Mas não pretendo ir, nem que tenha que fugir de casa. Já falei para a mamãe.

- E o teu grupo, onde anda?

- Sérgio retornou a Nápoles. Disse que voltaria para continuar seu trabalho. Não tenho tido notícias dos outros, nem de Francesco, que me ajudava a confeccionar os cartazes. Tenho visitado algumas vezes o Giovanni, na loja dele. Ele mantém contato com os demais. Disse que dentro de alguns dias o Sérgio estará de volta e retornaremos ao trabalho.

- Pensam em continuar com as reuniões depois de tudo o que aconteceu? Não é perigoso?

- Perigoso é, mas temos que prosseguir. Sabemos que o movimento está se espalhando pela Itália e por toda a Europa. Seguidamente Giovanni recebe informações e novas publicações. É bonito ler e saber

como estão sendo recebidas as novas ideias. Pode ser coincidência te encontrar hoje, mas ao ler um texto remetido pelo núcleo anarquista de Roma, pensei em ti, porque te diz respeito.

- Como assim?

- É que fala do domínio do papado sobre a nossa capital. Como és seminarista, vais te tornar Padre, eu associei o assunto a ti. É sobre Garibaldi, o herói de dois continentes, e sua luta para libertar Roma do jugo papal.

- Não sabia disso. Explica, por favor.

- Garibaldi tentou libertar Roma. Fez algumas tentativas. Na de 1862, juntou 3 mil homens em Palermo, mas, por razões diversas, perdeu o combate, foi ferido e preso. Posteriormente, o rei Vittorio Emanuele concedeu-lhe anistia como prêmio pelos serviços prestados nas lutas pela reunificação da Itália. No entanto, a derrota não foi suficiente para fazê-lo desistir de sua intenção. Em 1867, graças aos recursos conseguidos com a campanha denominada “Óbulo da Liberdade”, formou um exército considerável de voluntários, mas também não obteve sucesso e foi novamente preso, e, depois, solto. Foi uma pena que não conseguiu seu intento na última tentativa, em 1868. Estava muito bem organizado, graças aos recursos que conseguiu coletar. Chegou a ter a adesão de 8 mil homens, naquela que ficou conhecida como “Campanha do Agro Romano para libertação de Roma”. Conseguiu conquistar a fortaleza papal, mas teve que desistir porque não houve na cidade o apoio prometido. Os anarquistas mantiveram-se fieis, mas só eles. Seu plano estava muito bem elaborado. A base de todo o movimento estava sediada em Florença. Infelizmente, com a desistência do rei, a tentativa fracassou e forças italianas e francesas defenderam o papado, acarretando a derrota do exército de Garibaldi. Agora que Garibaldi morreu, o núcleo anarquista de Roma recorda a luta do ilustre herói e incita a todos para não deixar cair no esquecimento o sonho do grande general. Vem, alguma tarde, até a casa de Giovanni. Vamos conversar a respeito. Tenho mais alguns escritos que eu gostaria de mostrar. Sabes onde fica?

- Sei, sim. Vou ver o que posso fazer. Continuo procurando trabalho e tenho muitas tardes livres. Vou arranjar algum tempo para passar por lá.

Despediram-se com outro abraço. Luigi não sabia como disfarçar a alegria pelo encontro. Tinha certeza que iria à casa de Giovanni não para conhecer as novidades sobre o Anarquismo ou sobre a libertação de Roma, mas para rever Nives e passar algumas horas com ela.

A semana não apresentou novidades que merecessem registro. Luigi continuava seu trabalho com dedicação e eficiência. A figura de Nives continuava povoando sua imaginação. Foi uma semana longa. Ansiava revê-la. Retornou várias vezes à Piazza Delle Erbe com a esperança de que ela aparecesse. Tudo em vão.

Em várias oportunidades, procurou os templos onde ministrara catecismo para rever colegas. Aparentemente, haviam sido suspensas aquelas aulas. Não teve qualquer notícia do convento. Estava curioso para saber o que comentavam sobre sua saída súbita do seminário. Como repercutira a batida policial.

Na tarde de sábado, dirigiu-se à catedral de Santa Anastasia. Encontrou um seminarista ministrando catecismo. Com bastante cautela, entrou e acessou a nave principal. Lá estava seu colega Higino, dando aula de religião a um grupo de crianças. Cautelosamente, aproximou-se e, escondido atrás de uma coluna, esperou a aula terminar.

- Higino, como vais?

- Tu por aqui? Disseram que tinhas ido para casa a fim de tratar um problema de saúde.

- De fato. Estive em casa. Mas já estou de volta. Estou trabalhando na casa paroquial da Igreja de Santo Stefano, até terminar o ano. Pretendo, no ano que vem, continuar meus estudos no convento. E por lá, como estão as coisas?

- Tudo mais ou menos no mesmo. Só que as saídas foram proibidas. Disseram que era para os alunos se prepararem melhor para as provas do fim de ano. Ninguém entendeu direito. Fazia dois meses que eu não vinha aqui ensinar catecismo. Lembras daquelas saídas nas tardes de domingo? Nenhuma mais. Não sei se é só por causa das provas. É que algum tempo atrás a polícia esteve no seminário. Vasculharam tudo. Frei Camilo ficou horas com eles na sala da direção. Não sabemos do que se trata, mas foi muito estranho. No outro dia, reuniram todos os freis, alunos e funcionários para dizer que a visita da polícia não teve nada demais. Alguém fizera uma denúncia e a autoridade veio conferir. Não foi encontrado nada que pudesse comprometer o convento.

- E Frei Rocco e Frei Gottardo, como estão. E o Darvile?

- Estão todos bem. Todos sentimos a tua ausência. O que foi que te deu? Estás melhor?

- Não foi nada demais. Só um susto. Já estou melhor. A parte ruim dessa história é que perdi um ano de estudos. Devo recuperar mais adiante. Não quero atrasar minha ordenação.

- Quando vais aparecer? Estamos todos com saudade de você.

- Qualquer dia, quando me sobrar algum tempo. Faze um favor. Dize a todos que eu estou bem, trabalho em Santo Stefano e, assim que for possível, passarei no convento para matar a saudade.

Despediram-se com um abraço. Cada um seguiu o seu caminho. Higinio para o convento e Luigi apressou o passo, rumo a via Forti, em busca da Casa Veneta.

## X

Luigi conhecia bem o caminho para Santa Anastasia. Em poucos minutos, chegou à Basílica e não teve dificuldades para encontrar a Casa Veneta. Era uma casa bem apresentável. Um sobrado. O pavimento inferior, com as paredes de pedra, servia ao mesmo tempo de cômodo e de alicerce para o pavimento superior. Um bege discreto coloria todo o imóvel. Em vermelho, um pequeno letreiro com os dizeres “Casa Veneta” encimava a porta principal que dava acesso ao andar térreo. Da rua, percebeu a figura de Giovanni atrás do balcão. Com um largo sorriso, foi em sua direção.

- Que bom te ver, Luigi. Semana passada a Nives falou-me que tu estavas aqui em Verona. Eu não sabia. Como tens passado?

- Bem. Estou fora do convento até o próximo ano. Moro em Santo Stefano. Ajudo o Padre com os livros e ganho casa e comida. Estou procurando outro trabalho, mas está difícil. E o senhor, como tem passado?

- Levando a vida de sempre. Tenho este pequeno negócio que me sustenta. Moro aqui, na parte de cima, com minha esposa Chiarina. Dá para viver bem. Chiarina costura e cuida da casa e eu, do negócio, que está prosperando. Verona é uma cidade em contínuo crescimento e a mercadoria vem tendo boa aceitação.

- Estou vendo. É uma bela loja. O senhor vende quase de tudo aqui. Tem picaretas, pás, vassouras, cal, portas e janelas prontas. Parabéns.

- Estou em Verona há 15 anos. Vim de Vicenza com a Chiarina. Não tínhamos nada. Comecei como pedreiro e, aos poucos, me tornei negociante. Não posso me queixar. A vida tem sido boa para nós.

- Que bom. Eu tenho passado por situações inusitadas. Depois daquele sábado fui afastado do convento até o final do ano. Para mim, foi muito pesado. Ainda bem que frei Gottardo me ajudou. Contou uma história diferente para minha família e colocou-me em Santo Stefano.

- A Nives contou por alto o teu problema. Bota azar nisso. Logo na primeira vez...

- Que se há de fazer. Aconteceu. Agora preciso continuar tocando a minha vida. Ainda não desisti da ideia de ser Padre. Espero retornar ao seminário no próximo ano, se me aceitarem. E, como está o movimento de vocês? Continuam se encontrando?

- Na verdade, pouco. O senhor Sérgio retornou a Nápoles. Sei pouco dos outros. Quem aparece seguidamente por aqui é o Giuseppe, que mora aqui em Verona, e o Andrea, de Roverchiara. Tenho poucas notícias do Zeno e nunca mais vi o Francesco. Meu irmão Ernesto continua trabalhando pela causa em Vicenza. Diz que vai bem e está crescendo. Por aqui, andamos um tanto parados. Esperamos o retorno do senhor Sergio para continuar. Enquanto isso, minha casa é uma espécie de sede. Aqui chegam todas as notícias e os vários escritos sobre o Anarquismo. Junto com a Nives, arrumo e arquivo o que recebemos. São documentos importantes para o futuro do Anarquismo no Norte da Itália.

- Então quer dizer que, praticamente, o movimento se resume ao senhor e a senhorita Nives. Ela vem sempre aqui?

- Quase todos os dias. Fez amizade com a Chiarina e me ajuda muito na organização dos documentos e dos livros. É muito inteligente e competente. Não fosse por ela, pouco seria feito. Cuido da loja e ajudo em casa, quase não me sobra tempo. Tenho uma sala no andar de cima só para guardar o material que fala do nosso movimento. A Nives cuida. Na verdade, ela sabe muito mais do que eu. Está a par de tudo. É que eu ando muito ocupado com os meus negócios. Além desta loja, tenho, no fundo do terreno, um galpão para estocar a mercadoria. Com a novidade que está chegando à Itália, o serviço aumenta muito. A procura é grande.

- Que novidade é essa?

- É uma verdadeira revolução na área da construção. É um produto novo chamado “Cimento Portland”. Foi inventado por um inglês de nome Joseph Aspdin, há poucos anos. Tomou conta da Inglaterra e está

tomando conta de toda a Europa, inclusive da nossa Itália. É um produto muito prático para a construção e fornece uma liga bem consistente. Mais sólido que o calcário e de muito fácil manejo. Trata-se de uma mistura resultante da queima de pedras calcárias com argila. Depois de misturado é triturado e vendido assim, em sacos. Tudo muito simples, mas, alguém precisou descobrir. Recebeu o nome de Portland porque, depois de pronto, ficou muito parecido com o calcário da ilha inglesa do mesmo nome.

- É muito vendido?

- Não tem mercadoria que chegue. O que vem num dia sai no outro. Impressionante! Mas, você não gostaria de olhar a nossa pequena sede?

- Será um prazer para mim. Sabe como é, embora seminarista, gosto de saber das novidades.

- Então, me acompanhe.

Luigi seguiu Giovanni até uma pequena escada interna que dava acesso ao andar superior. Após atravessar a cozinha e a sala, entraram no quarto que servia de sede para o movimento anarquista de Verona.

- Pronto, chegamos. Aqui está tudo o que temos. Fique à vontade. Vou avisar a Chiarina e depois volto para atender o negócio. Saiu e retornou em seguida de mão com uma bela mulher aparentando uns 40 anos, sobriamente vestida.

- Muito prazer, sr. Luigi. Giovanni falou-me do senhor. Sua saudação foi cordial, acompanhada de um belo sorriso.

- O prazer é meu, senhora. Foi muita bondade do seu esposo trazer-me até aqui. Não se preocupe comigo. Ficarei pouco tempo.

- Então, está certo. Volto aos meus afazeres. Qualquer coisa, é só chamar.

Luigi passou os olhos pelo cômodo. Achou tudo limpo e organizado. Ao fundo, havia um armário com portas de vidro, cheio de livros. Por curiosidade, começou a manuseá-los. Eram volumes com apresentação austera, mas bem conservados. Vários chamaram sua atenção, e, de maneira especial, “O que é Propriedade?”, de um escritor que não conhecia, chamado Pierre-Joseph Proudhon. Também viu livros de outros autores desconhecidos. Chamou-lhe a atenção uma coleção de obras de Bakunin. Deitou seu olhar sobre um brochado cujo título era

“A Sociedade Internacional Revolucionária”. Não encontrou o “Catecismo de um Revolucionário”, que tanta preocupação e tantas dúvidas lhe suscitou. Por curiosidade, folheou o livro “A Sociedade Internacional Revolucionária” e só então se deu conta de que fora o mesmo que lera no convento. O “Catecismo de um Revolucionário” era, por assim dizer, o nome popular da obra. Com a pressa de ler, dado o pouco tempo de que dispunha, e, louvado na informação de Nives que falou em “Catecismo de um Revolucionário”, não havia se preocupado com o título do livro que levava para o convento. No entanto, folheando algumas páginas, deu-se conta de que era o mesmo “catecismo”. Ainda estava absorto na leitura quando uma voz alegre e conhecida atraiu sua atenção.

- Que bom Luigi, tu estás aqui. Fico muito contente.

Ato contínuo, Nives correu em direção ao moço e o recebeu tão entusiasmada que chegou a embarçá-lo. Um calor súbito percorreu seu corpo e enrubescceu suas faces.

- Como bem vês, cumpri minha palavra. Aqui estou. Vim conhecer a nova sede do movimento de vocês. Meus parabéns pela organização. O senhor Giovanni disse que és tu quem toma conta de tudo.

- Não é bem assim. Giovanni e a Chiarina estão sempre me ajudando e mostrando como organizar os livros e os panfletos avulsos. Procuro ordená-los para facilitar a leitura. O que tenho feito é estudar muito a filosofia anarquista e, quanto mais estudo, mais aumenta minha convicção de que deveria ser adotada por todos para melhorar a Itália e o mundo. E tu, conseguistes trabalho?

- Ainda não. Continuo procurando. Devo achar algo meio logo porque o serviço em Santo Stefano não vai muito longe. Estou quase terminando. Não sei se depois de tudo feito posso continuar morando na paróquia. Como está a situação na tua casa?

- Com meu pai, cada vez pior. Ele é o tipo do patriarca italiano que acha que todos devem ouvi-lo e seguir suas ordens cegamente. Não respeita ninguém lá em casa. Tenho pena da coitada da minha mãe que não reage. Meu irmão Alduíno confidenciou-me que vai sair de casa. Eu, se ele insistir com a ideia de internar-me no convento, também vou fugir. Mamãe sabe. Alduíno também. Para meu pai, mulher só existe para servir e obedecer, muito diferente do que pensa Bakunin, por exemplo. Deverias ler o que ele diz sobre as mulheres e o casamento. Na semana passada, recebi um folheto a respeito. Toma, leva para casa e lê. É importante.

- Nives, não sei se devo. Ainda moro na casa paroquial.
- E daí? Não estou pedindo que o mostres. Peço apenas que o leias.

Falou com tanta espontaneidade e tão gentilmente que ele não teve como recusar. Recebeu o escrito e o colocou no bolso interno do casaco. Trocaram mais algumas palavras e despediram-se com a promessa de se reencontrarem em breve.

Embora a contragosto, Luigi tratou de abreviar o encontro. Sentia-se cada vez mais atraído pela moça. Sabia que não devia, mas, apesar do remorso por admirar tanto a amiga, vivia momentos de felicidade em sua companhia. E isso lhe fazia bem. Queria demorar-se mais. No entanto, por prudência, retirou-se. À noite, recolheu-se a seus aposentos e começou a leitura do folheto que recebera.

## **A mulher, o matrimônio e a família**

### **Mikhail Bakunin**

**“Igualdade de direitos para as mulheres.** Sou partidário da emancipação plena das mulheres e sua igualdade social com os homens.

A expressão “igualdade social com os homens” implica que, juntamente com a liberdade, pedimos iguais direitos e deveres para o homem e para a mulher, ou seja, nivelamento dos direitos das mulheres, tanto políticos quanto econômicos e sociais, com os do homem. Por consequência, desejamos a abolição da lei familiar e matrimonial, e da lei eclesiástica tanto quanto a civil, indissolúvelmente ligadas ao direito de herança.

**Abolição da família jurídica.** Ao aceitar o programa revolucionário anarquista – único que oferece, ao nosso entender, as condições para a emancipação real e completa do povo comum – e convencidos de que a existência do Estado, sob qualquer forma, é incompatível com a liberdade do proletariado e impede a união internacional fraterna das nações, expressamos a necessidade de abolição de todos os Estados.

A abolição dos Estados e do direito jurídico implicará necessariamente a abolição da propriedade individual hereditária e da família jurídica com base nessa propriedade, porque nenhuma dessas instituições suporta a justiça humana.

**Livre união matrimonial** (contra o casamento por compulsão, levantamos a bandeira da união livre). Estamos convencidos de que, abolindo o casamento religioso, civil e jurídico, restauraremos a vida, a realidade e a moralidade do casamento natural com base unicamente no respeito humano e na liberdade de duas pessoas: um homem e uma mulher que se amam. Acreditamos que, ao reconhecer a liberdade de ambos os cônjuges para separarem-se quando quiserem, sem pedir permissão de ninguém para fazê-lo, e, ao negar, da mesma forma, a necessidade de qualquer permissão para juntar-se em casamento, e rejeitar em geral a interferência de qualquer autoridade nessa união, unimos mais um ao outro. Estamos convencidos também de que quando já não exista entre nós o poder coercitivo do Estado para forçar os indivíduos, associações, comunas, províncias e regiões para conviver contra a sua vontade, haverá entre todos uma união muito mais estreita, uma unidade mais viva, real e poderosa do que a imposta pelo esmagador poder estatal.

**A educação das crianças.** Com a abolição do matrimônio, surge a questão da educação das crianças. Sua educação, desde a gravidez da mãe até a maturidade, e formação e educação, igual para todos – uma formação intelectual e industrial onde se combinem a capacitação para o trabalho manual e mental – devem corresponder fundamentalmente à sociedade livre.

**A sociedade e as crianças.** As crianças não são propriedade de ninguém, nem de seus pais, nem da sociedade. Só pertencem à sua própria liberdade futura. Mas, nas crianças, essa liberdade ainda não é real. É apenas uma liberdade potencial. Pois uma liberdade real – isto é, a consciência plena e sua realização em cada indivíduo, baseada principalmente no sentido da própria dignidade e em um autêntico respeito pela liberdade e dignidade dos outros, ou seja, baseada na justiça – somente pode ser desenvolvida nas crianças através do desenvolvimento racional da sua inteligência, caráter e vontade.

Conclui-se que a sociedade, cujo futuro depende inteiramente da adequada educação e instrução das crianças e que, portanto, não só tem o direito, mas também a obrigação de cuidar delas, é a única guardiã das crianças de ambos os sexos. E como a futura abolição dos direitos de herança converterá a sociedade como a única herdeira, esta terá que considerar como uma de suas primeiras obrigações o fornecimento de todos os meios necessários para a manutenção, formação e educação de crianças de ambos os sexos, independentemente da sua origem ou dos seus pais.

Os direitos dos pais se limitarão a amar seus filhos e exercer sobre eles a única autoridade compatível com esse amor, na medida em que essa autoridade não prejudique a sua moralidade, seu desenvolvimento mental ou sua liberdade futura. O casamento como ato civil e político, como qualquer outra intervenção da sociedade em questões amorosas, está destinado a desaparecer. As crianças serão confiadas – por natureza e não por direito – às suas mães, sendo prerrogativa dessas sob a supervisão racional da sociedade” – GEAPI<sup>9</sup>.

Luigi debruçou-se sobre o texto. Leu e releu várias vezes. Começou a compará-lo com o que acontecia no mundo que ele conhecia. Na casa paterna, a situação era bastante tranquila. Seus pais viviam em harmonia e decidiam os destinos da família e dos negócios em conjunto, embora a última palavra sempre fosse de Giuseppe. Sabia que entre os vizinhos não era bem assim que acontecia, especialmente quando se tratava de educação dos filhos e de direito sucessório. As filhas estudavam pouco; só o suficiente para ler e escrever. Os filhos homens, ao contrário, poderiam, se as condições financeiras permitissem, sonhar com estudos mais adiantados e, até, com curso superior. Havia diferença, também, quanto ao recebimento da herança. As filhas, quando casavam, recebiam um enxoval completo e, sempre que possível, um dote que normalmente era representado por uma máquina de costura, um tear ou outro utensílio próprio para lides domésticas. Excepcionalmente, algum valor em dinheiro. Bens imóveis sempre eram destinados aos filhos varões. Havia casos em que nem todos os filhos homens eram contemplados, mas um ou dois, de acordo com a vontade soberana do pai. E ninguém reclamava. Achavam natural essa forma de repartir os bens, embora todos os filhos, homens e mulheres, tivessem contribuído com seu trabalho para a construção do patrimônio familiar.

Luigi começou a entender e concordar com algumas das propostas explanadas por Bakunin sobre como entendia a nova sociedade e uma relativa simpatia pela filosofia anarquista estava começando a tomar forma em sua mente. Desejou conhecer mais das novas ideias. Passou a frequentar com mais assiduidade a casa de Giovanni.

# XI

Naquela noite, Giovanni e Chiarina, após o jantar, como habitualmente faziam, comentaram os acontecimentos do dia.

- Sabes Chiarina, está aumentando muito o serviço da nossa loja. Não tem cimento que chegue.

- Tenho notado que ultimamente chegas cansado em casa. Não seria a hora de pensar em contratar alguém para te ajudar?

- Estive pensando nisso. Te lembras do Luigi, aquele seminarista que vem seguidamente por aqui? Ele está procurando um trabalho. Pela manhã, ajuda na Igreja de Santo Stefano e tem as tardes livres. Parece ser um bom moço.

- Eu também gostei dele. Aparenta ser uma pessoa educada, bem apresentável e respeitador.

- Além disso, era estudante. É verdade que no seminário, mas está lá há vários anos. Sei que nos conventos, além de latim e religião, também ensinam matemática. Deve ter aprendido fazer contas. Acho que seria útil para nós e para a nossa loja. O que achas de eu oferecer trabalho para ele? Por alguns meses, só na parte da tarde. Podemos fazer experiência.

- Acho que vale a pena, sim. Se não der certo, procuraremos outro.

Ignorando o projeto de Giovanni, Luigi continuava em sua rotina. Pela manhã, copiando os livros da paróquia e na parte da tarde visitando lugares em busca de trabalho. Estava ficando um tanto ansioso pela

falta de oportunidades. Sabia que em Santo Stefano teria trabalho para mais um ou dois meses e faltava ainda muito tempo para retornar ao convento. No sábado, resolveu voltar à Casa Veneta para conversar com Giovanni e, talvez, rever Nives. Queria devolver o escrito de Bakunin e comentar com ela as ideias que lhe agradaram e aquelas com as quais não concordava.

- Que bom te ver Luigi, como vais? Perguntou Giovanni.

- Bem, como sempre. Só estou um pouco preocupado porque os livros estão quase no fim e eu ainda não consegui trabalho. Ainda não posso retornar ao convento e não gostaria de voltar para Bovolone, por falta de opção.

- É sobre isso que eu queria conversar. Como vês, meu negócio está crescendo. Tenho dificuldade de atender tudo sozinho. Preciso de alguém que me ajude. A Chiarina não pode. Eu pensei em ti. Sei que é um trabalho simples. Mas, como preciso, resolvi primeiro conversar contigo.

- Estou muito agradecido, mas ainda não terminei em Santo Stefano. É só pela manhã, mas eu gostaria de terminar. É verdade que recebo como pagamento apenas casa e comida, mas sou muito grato ao Padre Antônio. É uma boa pessoa. Quando ninguém ligado à Igreja queria me ajudar, ele me acolheu e sempre se mostrou meu amigo. Temos conversado sobre vários assuntos. Por tudo isso, eu quero terminar o trabalho. Falta pouco. Talvez um mês e meio, dois no máximo. Mas, fico agradecido pela oferta. Se ainda estiver de pé, quando sair de Santo Stefano aceitarei com prazer.

- Acho que podemos resolver isso. Pensei a respeito e quero fazer uma proposta. Continuas com o Padre Antônio até terminar o serviço que começastes e, na parte da tarde, trabalhas comigo. Fica em regime de meio expediente. Depois, se os dois concordarmos, poderemos continuar. O que achas?

- Para mim, seria ótimo. Assim, eu posso terminar o que comecei. Aceito com prazer e fico agradecido. Espero corresponder.

- Então, vamos tratar dos detalhes como horário, serviço a fazer e, naturalmente, o que vou te pagar. Gostaria de já poder contar contigo na próxima segunda-feira.

- Estarei aqui no horário que vamos combinar.

Entraram num cômodo pequeno que era uma espécie de escritório de Giovanni. Só era utilizado durante o expediente. As anotações eram feitas à noite, em casa.

Acertados os detalhes, Luigi retornou imediatamente. Nem pensou em demorar-se mais, tamanho o seu contentamento. Foi direto contar a novidade a seu amigo Padre Antônio. Esqueceu até de esperar pela Nives. Nem lembrou que tinha ido para devolver o escrito de Bakunin.

Naquele final de semana, Luigi ficou em casa. Trabalhou um pouco e descansou a maior parte do tempo. No domingo à tarde, foi conversar com o Padre Antônio.

- Padre, a situação está melhorando para mim. A partir de segunda-feira, vou iniciar um novo trabalho. Mas, não se preocupe. A minha tarefa aqui será concluída no tempo previsto. O novo emprego em nada vai alterar o serviço daqui.

- Tenho certeza que sim, Luigi. Eu te conheço e sei que vais concluir a cópia dos livros conforme combinamos. E quero que saibas que as portas daqui estarão sempre abertas para ti enquanto eu estiver nesta paróquia. Podes continuar ocupando o quarto mesmo depois de terminares o que estás fazendo. Não te cobrarei nada. Vais ter que acertar com a funcionária a parte da lavagem da roupa. Nada mais. O café da manhã tomaremos juntos e, assim, poderemos continuar nossas conversas.

- Padre Antônio, o senhor não sabe o bem que está me fazendo. Agora, além dos freis Gottardo e Rocco, que sempre me ajudaram e foram meus amigos, tenho mais o senhor. Nem imagina como isso me faz bem. Depois da minha falta de sorte ao ser preso na primeira vez que fui assistir a uma reunião deles, a maneira como me trataram no convento machucou-me bastante. Quase desisti de ser sacerdote. Foi o senhor que restabeleceu minha fé e devolveu-me a vontade de continuar no seminário. Serei eternamente grato pelo que fez e ainda está fazendo. Muito obrigado, mesmo. Sei que Deus irá recompensá-lo.

- Apenas cumpri com meu dever de cristão e de administrador desta paróquia. Fostes um achado! Eu é que estou agradecido. Onde iria encontrar outra pessoa discreta e competente para fazer o serviço? Podes crer, não me deves obrigação alguma. Se alguém deve alguma coisa aqui, esse alguém sou eu.

Depois de mais algum tempo de conversa, despediram-se e cada um foi para o seu aposento.

A insistência de Luigi em terminar o trabalho começado aumentou a admiração que Giovanni sentia por ele. Gostou, porque o rapaz mostrou honestidade, gratidão e responsabilidade, qualidades que admirava.

E a segunda-feira chegou. Luigi vestiu roupa limpa e logo após o almoço dirigiu-se à “Casa Vêneta”. Chegou na hora combinada.

- Boa tarde, senhor Giovanni. Aqui estou, pronto para o trabalho.

- Chegaste na hora certa. Aí está o material que separei para o sr. Montagna. Aqui está a lista. Vamos conferi-la e carregar a carroça. A conferência e o carregamento foram rápidos. O pagamento já fora acertado anteriormente. Ao lidar com o cimento, Luigi percebeu a necessidade de outra roupa ou de um jaleco. Giovanni disse que à noite Chiarina confeccionaria um bom avental para ele usar no trabalho. A tarde foi de novidades. Giovanni o instruía sobre o material que revendia e os preços de cada produto. Luigi gostou e teve a certeza de que tinha condições de fazer o serviço que lhe fosse confiado.

No final do dia, Giovanni recolheu o dinheiro e as anotações. À noite, em casa, passaria tudo a limpo. Luigi retornou à Casa Paroquial um pouco cansado, mas contente. Só faltou a visita da Nives para o seu dia ter sido perfeito. Por sinal, estranhou a ausência dela tanto no sábado quanto na segunda-feira. O escrito continuava em seu bolso. Ansiava vê-la e devolver-lhe o artigo e discutir com ela as ideias nele inseridas.

Aos poucos, Luigi foi se inteirando sobre tudo o que acontecia na loja. Começou, também, uma troca de ideias e de conhecimentos entre os dois. Giovanni logo percebeu a facilidade dele com a escrita e com os números. Passou a confiar-lhe as anotações que fazia à noite em sua casa. E o resultado mostrou-se tão eficiente que, em pouco tempo, os serviços burocráticos passaram a ser efetuados na loja e durante o expediente.

- Acho, Chiarina, que a contratação do seminarista foi muito boa para nós. Além da ajuda que me empresta no atendimento aos clientes, consegue fazer todas as anotações com clareza e segurança. Posso, assim, diariamente, saber o que foi vendido, quanto temos em estoque, o dinheiro que entrou e o que precisamos comprar para suprir o nosso negócio. E, o que é importante, consigo à noite descansar e conversar contigo sem a preocupação de antes. Quando fecho a loja, termino, de fato, o serviço.

- Eu fico mais contente ainda. Agora nós podemos jantar com tranquilidade, conversar e, até passear à noite. Visitar a cidade e caminhar ao longo do Adige é sempre um programa maravilhoso. Podemos, também, conviver um pouco com nossos amigos; enfim, ter uma vida agradável. Por falar em amigos, o que será que aconteceu com a Nives que não aparece há vários dias?

- Não sei. Tenho medo que a pai dela tenha aprontado alguma coisa contra a menina. É uma pena! Uma garota tão boa com um pai assim. Essa história não vai terminar bem.

Finalmente, na quarta-feira, Nives apareceu. Como sempre, jovial e disposta. Não escondeu nem disfarçou a alegria ao saber que Luigi estava trabalhando com eles. Correu a seu encontro e cumprimentou-o pelo acontecimento.

- Que maravilha tu aqui!

- O “seu” Giovanni ofereceu-me trabalho. Como tenho tempo, vou seguindo por aqui. Estou muito agradecido. Eu achava que retornaria a Bovolone porque não achava emprego. Felizmente, apareceu essa oportunidade.

- E nem imaginas como ele é útil, interveio Giovanni. Em poucos dias, aprendeu quase tudo e ainda faz os apontamentos do dia, que, antes, eu fazia em casa, à noite. Para nós, foi um achado. Agora eu e Chiarina pensamos até em passear à noitinha, coisa que não fazíamos há vários anos.

Conversaram mais um pouco e Nives foi ao encontro de Chiarina e as duas seguiram para o quarto onde fora instalado um pequeno ateliê de costura.

No final do dia, os dois homens uniram-se a elas. Luigi aproveitou para devolver o artigo de Bakunin.

- Achei os conceitos dele sobre as mulheres muito apropriados, afirmou Luigi. Já, sobre a família e a educação dos filhos, tenho minhas dúvidas...

- Os ensinamentos sobre as mulheres são sábios e coerentes, mas de difícil aplicação, emendou Nives, com uma entonação triste que não fugiu à percepção do rapaz.

- Como assim, Nives?

- É que nós vivemos uma cultura em que a vontade do homem sempre é soberana. As mulheres só têm direito de servir e obedecer. E não é só aqui, na Itália. Pelo que sei, é no mundo inteiro. Poucos se propõem a mudar. Para alterar essa situação é muito difícil. Falo, também, por experiência própria. Vivo essa tristeza lá em casa, todos os dias. Desculpem eu falar para vocês. Mas, está muito difícil. Meu pai é dono de tudo: da casa, do que tem na casa, do dinheiro, da propriedade, da minha mãe, do meu irmão, de mim, do que podemos ou não podemos fazer, do que devemos comer e beber, do que devemos vestir, enfim, de tudo. Minha mãe, coitada, já está tão acostumada e tão sem vontade que obedece em tudo, sem nem sequer argumentar ou discutir com meu pai. Aceita calada e submissa. Eu não estou mais aguentando.

Chiarina abraçou carinhosamente a moça que não se conteve e desandou num choro convulsivo.

- Meu pai voltou a dizer, noite passada, que vai me colocar interna num colégio de freiras em Pádua. Recomendou para mamãe que começasse a pensar nas providências necessárias porque o fim de ano se aproxima e, a partir de janeiro, deverei estudar naquele colégio, interna. Não quero e não pretendo ir. Não sei o que vou fazer, mas para lá não vou, com certeza. Já avisei a mãe. Se for preciso, fugirei de casa.

- Calma, Nives. Com o tempo, as coisas se acomodarão, asseverou Giovanni, mais em tom de consolo do que de convicção, pois conhecia o temperamento prepotente do pai da menina.

O ambiente ficou pesado e constrangedor. Chiarina conduziu Nives até a cozinha, onde serviu um chá para reanimá-la. Giovanni e Luigi retornaram a seu trabalho. No final do dia, como Nives continuasse muito abalada, Chiarina pediu a Luigi para acompanhá-la até a sua casa.

- Sabe, Luigi, já estou me preparando para deixar a casa. Só tenho pena de minha mãe, coitada; vai sofrer sozinha. Tenho certeza que o pai vai culpá-la pela minha fuga.

- Para onde pretendes ir?

- Não sei, ainda. O Sérgio convidou-me para ir com ele a Nápoles, onde eu teria casa e trabalho. Tenho um pouco de receio. Conheço o Sérgio, mas não tenho qualquer informação sobre as pessoas que integram o Anarquismo de lá.

- Então, continuas em contato com o senhor Sérgio?

- Sim. Nós nos correspondemos. Ainda na semana passada recebi uma carta dele. Luigi mal conseguiu disfarçar a contrariedade que a notícia lhe proporcionou.

- Penso que tens razão. Enfrentar sozinha uma vida em local desconhecido, no meio de estranhos, não deve ser muito agradável. Principalmente para uma moça que nem você, jovem e bonita.

- Obrigada por me achar bonita, corou um pouco ao responder. Mas, se não houver outra solução, terei de enfrentar. Já decidi que em casa não vou ficar e interna não irei.

- Como disse o senhor Giovanni, vamos com calma, o tempo ajuda.

A residência de Nives situava-se do outro lado da cidade, nas proximidades da Piazza San Zeno. No caminho, contornaram a Piazza Bra. Ao se depararem com a monumental Arena, Luigi não conteve seu entusiasmo.

- É uma verdadeira maravilha esta Arena. Segundo Frei Rocco, é o maior monumento do Império Romano, depois do Coliseu. Nela, cabiam mais de 30 mil espectadores, sem contar que possui, ainda hoje, todas as condições de receber espetáculos populares, dado o seu estado de conservação.

- É verdade, confirmou Nives. Graças a sua excelente acústica, anualmente, várias óperas ainda são encenadas aqui. No verão passado, foram quatro, sem contar com a maravilhosa exposição de presépios natalinos. Todos os anos, por ocasião do Natal, aqui são expostos presépios de toda a Itália e até alguns do exterior. É um espetáculo belíssimo, digno de ser visto. Atrai turistas de todo o mundo.

- No ano passado, guiados por Frei Rocco, visitamos a exposição. É bonita mesmo. Vale a pena.

- Segundo consta, ia explicando Nives, este anfiteatro teria sido construído no início do século I da nossa era. Suas dimensões atingem 138 x 109 metros no lado externo e 74 x 44 metros na planta interna. Sua fachada é revestida de pedra calcária, branca e rosada, trazida de Valpolicella. A maior parte da caixa anelar ruiu ou foi destruída ao longo dos séculos, restando apenas um pequeno fragmento que nós chamamos de “Ala”. Mas, é no seu interior que reside a verdadeira força e a grandiosidade desse anfiteatro, graças às excelentes bancadas. Outro

aspecto que chama a atenção é o bom estado de conservação, muito diferente do Coliseu, por exemplo, que se encontra bastante danificado.

- Como conseguiu manter-se conservada durante tantos séculos?

- É uma história bonita, continuou Nives, calcada no amor que nós, veronenses, dedicamos a esse monumento. Originariamente, tanto o Coliseu quanto a Arena e todos os outros anfiteatros romanos foram construídos para serem palco das lutas de gladiadores, para caçadas e embates com animais, para corridas de “bigas” e outros esportes violentos. Mas, com o passar dos séculos, a nossa Arena foi recebendo outros espetáculos, especialmente líricos, graças à sua excelente acústica e às confortáveis bancadas. E, assim, foi sendo preservada. No final do século XVI, criaram até uma comissão especial com a finalidade de promover sua conservação e executar as obras necessárias para restaurar eventuais danos que tivesse sofrido. Recebeu o pomposo nome de “Conservatores Arenae”. Depois, outras associações e corporações foram surgindo com a mesma finalidade. Por isso chegou inteira até hoje. É lógico que contribuiu para isso, também, a solidez de suas estruturas, à base de betão e pedra, e a excelência da construção.

- Parabéns! Que bela lição de história estou recebendo hoje.

- É que eu, Luigi, adoro Verona e me interessa tudo o que diz respeito a ela. Outra coisa, a nossa Arena teve um destino bem diferente do Coliseu de Roma. Este, depois que cessaram os violentos espetáculos circenses, foi paulatinamente sendo degradado pela utilização que foram lhe dando ao longo dos séculos. O Coliseu serviu como habitação, como sede de oficinas, como templo de associações religiosas e várias outras utilidades. Além disso, em certa época, muitas pedras de sua estrutura foram subtraídas, para erguer obras públicas e particulares. Foi sede de ordens religiosas. Foi saqueado por conquistadores e abalado por terremotos. Não se tem notícias de trabalhos constantes de conservação ou de restauro. O nosso anfiteatro, ao contrário, sempre foi conservado e amado por todos os veronenses.

- Gostei de ver o teu entusiasmo pela Arena. Se todos os veronenses, ou a maioria deles, tiverem o mesmo amor, a Arena continuará bela e útil por muitos séculos.

- É o que espero. Para isso, temos que estar em permanente vigilância. É um patrimônio nosso, de todo o povo de Verona. Queremos mantê-lo vivo e belo por muito tempo.

Chegaram à casa de Nives. Era um sobrado, cercado por muros altos, pintado de branco e com aberturas de cor avermelhada. Não escapou à percepção de Luigi que se tratava de uma residência de qualidade acima da média, significando que nela habitava uma família abastada.

- É aqui que eu moro. Gostarias de entrar e conhecer o meu pessoal?

- Desculpe, mas já está tarde. Deixarei para outra ocasião.

- Como achares melhor. Agradeço pelo trabalho de me acompanhar até aqui.

- Não foi trabalho algum. Ao contrário, foi um prazer, e, de quebra, ainda ganhei uma bela lição de história. Quem ficou devendo fui eu.

Num clima de nostalgia e de quase tristeza, despediram-se com um aperto de mão caloroso. Luigi retornou diretamente para Santo Stefano. Na volta seus pensamentos concentraram-se nos acontecimentos do dia, especialmente nas atitudes de Nives, desde a tristeza demonstrada ao comentar a prepotência paterna até o entusiasmo quando falava de Verona e de sua Arena. À medida que recordava os fatos, mais aumentava a admiração que sentia pela bela moça.

## XII

Para Luigi, os dias iam se sucedendo sem que ocorressem fatos de maior relevância. O serviço na paróquia estava quase concluído e, na loja, tudo corria tão bem que já se considerava um veterano, tal a presteza com que cumpria as tarefas que lhe eram confiadas.

Em poucos dias, aprendeu os segredos do negócio, conheceu a maioria dos clientes e inteirou-se das diversas sutilezas que envolviam a venda de cada produto. Sentia-se feliz.

Na sexta-feira Giovanni procurou-o aparentando certa preocupação.

- Luigi, surgiu um imprevisto. Meu irmão que mora em Vicenza sofreu um derrame. Seu estado de saúde não é bom. Como sou o único parente que Ernesto tem, minha cunhada pediu ajuda. Preciso e quero ajudar. Não gostaria de deixar a loja fechada. Será que poderias tomar conta dela no sábado pela manhã? Tens que ficar sozinho porque a Chiarina vai comigo. Espero estar de volta no domingo à noite. Pretendo tomar o trem das 6h, hoje. Gostaria que dormisses em minha casa esta noite e, no sábado, abrisses a loja pela manhã e depois continuasses por aqui até o meu regresso. Não gosto de deixar a casa e a loja sem ninguém.

- Não tem problema, senhor Giovani. Durmo em sua casa, abro amanhã no horário de costume, atendo ao expediente e fecho ao meio dia. Também posso ficar aqui até a sua volta. Só preciso de um tempo para avisar o padre Antônio para que não fique preocupado com minha ausência. Vá atender seu irmão, que precisa do senhor

- Então te apresses que está ficando tarde.

Antes de partir, Giovanni e Chiarina mostraram o quarto onde dormiria, a cozinha e onde guardavam os mantimentos.

A noite foi tranquila e sábado, na hora costumeira, abriu a loja. Como de hábito, aos sábados, o movimento foi pequeno. Ao meio dia, cerrou as portas e recolheu-se ao interior da casa.

Por volta das 3 da tarde, bateram à porta. Com alguma preocupação, Luigi foi atender. Para sua surpresa, Nives estava à sua frente, sorrindo.

- Boa tarde, Luigi. Você por aqui a essa hora?

- É que o senhor Giovanni e a dona Chiarina precisaram viajar às pressas. Deram-me a incumbência de cuidar da casa e da loja e aqui estou.

- Alguma coisa grave?

- O irmão do senhor Giovanni teve um derrame. Não está passando bem. Eles foram para Vicenza.

- Que pena. Não sabia de nada. Pode-se entrar ou ficamos conversando na porta?

- Desculpa, Nives, não estou acostumado a ser dono de casa. Entra, por favor.

Com um largo sorriso, ela aquiesceu e os dois foram para a sala e acomodaram-se nos sofás.

- Estás gostando do novo emprego?

- Muito. O trabalho é bom, gosto dele e estou me dando bem. O senhor Giovanni ensina tudo o que preciso saber, os clientes são gente boa na sua maioria, a mercadoria é de primeira qualidade e eu estou satisfeito.

- Que bom! É agradável trabalhar onde a gente se sente bem. Lembro das nossas reuniões. Passávamos horas falando com o povo. Era na rua, de pé, mas eu amava. Sinto falta.

- Quer dizer que o movimento parou?

- Não está parado, mas quase. O senhor Sérgio voltou para o Sul, a turma daqui é pouco organizada e tem medo da polícia. Restamos o senhor Giovanni e eu. Conversamos sobre o Anarquismo e guardamos o material e as publicações que recebemos. Queres dar uma olhada no que temos?

Dirigiram-se ao quarto onde estava a biblioteca anarquista. Mais uma vez Nives repassou as obras que possuía, fazendo breves comentários sobre as mesmas.

- Confesso que não conheço nada do Anarquismo. Em poucas palavras, o que ele prega? Perguntou Luigi.

- Só o bem. É uma pena que a maioria das pessoas interprete mal o nosso movimento. E é muito triste constatar a resistência que encontramos por parte dos governos e da sociedade. Dos governos, se justifica, mas, da sociedade? Não entendo. Trata-se de uma filosofia maravilhosa. Prega a liberdade e o bem de todos. Busca a sociedade ideal, onde todos, independentemente de crença, condição social, sexo, cultura ou grau de instrução, tenham os mesmos direitos e deveres. Prega que o bem coletivo é o resultado do interesse comum, sem qualquer anuência, influência ou prepotência do Estado. Entende que a boa convivência entre as pessoas e entre os povos é uma decorrência da vontade e da razão individuais, sem influência de qualquer autoridade, seja religiosa, seja estatal. O anarquismo, se bem entendido e praticado, é a sublimação do real significado da palavra liberdade.

- Quando começou esse movimento?

- O termo Anarquismo, explicou Nives, deriva da palavra grega *Anarkhia*, que significa ausência de governo, de autoridade. Segundo alguns, sua origem remonta à antiguidade, mais precisamente às teorias do filósofo chinês taoísta Lao Zi<sup>10</sup>, fundador do taoísmo. O livro Tao Te Ching, escrito por Lao Zi, conteria as primeiras ideias libertárias do mundo, que seriam as precursoras do Anarquismo. Nunca li nada desse autor, nem do outro filósofo chinês Chuang Tsu<sup>11</sup>, que também teria abordado a liberdade das pessoas. Para muitos pensadores, esses são os verdadeiros precursores do Anarquismo. Já, para os anarquistas cristãos, o verdadeiro fundador do Anarquismo foi Jesus Cristo e a primeira sociedade anarquista na acepção da palavra foi criada pelos doze apóstolos. Veja como é significativo o enunciado na Bíblia Cristã, na parte dos Atos dos Apóstolos, que acho que você não desconhece.

- Tenho uma vaga lembrança. A nossa Bíblia é tão extensa. Você tem à mão esses dizeres?

- Sim, marquei na Bíblia de dona Chiarina aqueles ensinamentos. Veja, aqui diz o seguinte:

“4.34 - não havia, pois, entre eles necessitado algum: porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositava aos pés dos apóstolos. 4. 35 - E repartia-se por cada um, segundo as necessidades que cada um tinha. 4,36 - José, a quem os apóstolos davam o sobrenome de Barnabé [que significa filho da consolação], levita, natural de Chipre, 4-37, como tivesse um campo, vendeu-o e levou o preço, depositando-o aos pés dos Apóstolos”.

- Como vês, o teu cristianismo, nos seus primórdios, professava o Anarquismo, que vem de muito longe e foi pregado por sábios e filósofos ao longo dos séculos.

- E como chegou até nossos dias? Perguntou Luigi.

- O caminho foi longo. Para abreviar a história, foi tomando forma pelo clérigo dissidente inglês Willian Goldwin<sup>12</sup>, considerado um dos primeiros proponentes do Anarquismo. Ficou famoso especialmente por duas obras, *Inquérito acerca da justiça política*, em que ataca as instituições políticas, e *As coisas como elas são*, um verdadeiro libelo contra os privilégios da aristocracia. Viveu entre 1756 e 1836. Contribuiu, também, Jean Jacques Rousseu<sup>13</sup>, escritor e filósofo suíço. Mas, o grande filósofo e pensador francês Pierre Joseph Proudhon, foi o idealizador da filosofia anarquista e o primeiro anarquista assumido da história. Ele próprio se autodenominava anarquista. Escreveu algumas obras de conteúdo filosófico. A mais famosa, sem dúvida, é *O que é Propriedade?*, publicada em 1840, na qual afirma, taxativamente, que “propriedade é roubo”. Sustentou, ao longo da vida, acalorada disputa ideológica com Karl Max, o pensador do comunismo. A grande diferença entre Anarquismo e comunismo é que o primeiro defende a liberdade total e o segundo, a submissão dos indivíduos aos interesses do Estado. Há uma máxima de Proudhon que resume seu pensamento, em relação aos governos:

“Aquele que puser as mãos sobre mim para me governar é um usurpador. Eu o declaro meu inimigo.”

- Faleceu em 1865, deixando uma quantidade considerável de obras. Se quiseres ler *O que é Propriedade?*, está em nossa coleção. Garanto que gostarás.

- Impressionante! Não sei como nunca me falaram dessa filosofia. Admiro, também, teu conhecimento. Como conseguiste aprender tanto sobre o Anarquismo?

- Lendo, estudando e conversando. É assim que se aprende. Como os livros e as publicações estão aqui, poderias ler a respeito, te instruir. Garanto que serão conhecimentos úteis para a tua vida.

- Deixa algumas obras separadas que, à medida em que tiver tempo, farei a leitura. Lembro que à época que nos conhecemos me emprestaste uma obra de Bakunin. Por que nada falaste sobre ele?

- Mikhail Bakunin foi um gênio, um dos maiores pensadores do nosso tempo. Se Proudhon foi o idealizador do Anarquismo, podemos dizer que Bakunin foi o seu realizador. Foi ele quem deu forma prática ao movimento. Para efeito de comparação, podemos afirmar que Proudhon fez o projeto e Bakunin construiu a obra. Proudhon disse o que fazer e Bakunin ensinou como fazer. Deu praticidade à consecução dos objetivos idealizados por Proudhon. Definiu regras de convivência e deu objetividade às ideias libertárias. Contou com a preciosa ajuda do príncipe Kropotkin<sup>14</sup> e de algumas teorias de Leon Tolstoi<sup>15</sup>, outros dois grandes pensadores russos.

- Tu realmente sabes tudo sobre o Anarquismo. Parabéns!

- Sei alguma coisa e procuro me aperfeiçoar estudando os nossos pensadores, comparando ideias e procedimentos e me informando de que modo nós podemos melhorar como pessoas e como sociedade.

- Te admiro por isso. Conheço poucos que se interessam por filosofias que visam dar melhores condições de vida e sobrevivência a todos e não apenas a si próprios.

- Procuro fazer a minha parte.

Dito isso, Nives retirou-se para a cozinha, de onde retornou pouco depois com uma xícara fumegante entre as mãos.

- Preparei um chá. Aceitas?

- Com prazer.

Depois de um breve silêncio, Luigi perguntou:

- Como está a situação em tua casa?

- Nada bem. Cada vez pior. Acredita que hoje de manhã meu pai destratou a mamãe. Sabe por quê? Porque ela ainda não começou a se inteirar sobre o que preciso levar para o internato. Pode uma coisa dessas?

Desandou num pranto sentido. Luigi, num gesto de solidariedade e conforto, tomou-a em seus braços como se fosse protegê-la. E, assim, silenciosamente, os dois permaneceram abraçados por alguns minutos. Para Luigi, foi uma situação nova, algo que nunca experimentara na vida. Tinha abraçado outras meninas em sua infância, mas dessa vez era diferente. Foi tomado de um sentimento de carinho como jamais experimentara. Senti-la junto a si, entregue e confiante, deu-lhe sensação de poder. Entendeu que precisava e queria consolar e proteger aquela menina. Passou a acariciar seus cabelos e seu rosto, enquanto ela se derretia em prantos. Nunca vira uma pessoa tão desamparada, tão fraca e tão carente de proteção. Uma onda de ternura invadiu o seu ser. Nem lembrou que era seminarista e que queria tornar-se Padre, e que compartilhar tão intimamente os sentimentos de outra pessoa, especialmente mulher, não era o mais apropriado. Apenas entendeu que aquela moça estava desesperada e necessitada do seu conforto e da sua proteção.

Subitamente, a moça estancou o pranto e desvencilhou-se dos braços do rapaz. Vermelha e encabulada, afastou-se.

- Desculpa, Luigi. Não pretendia te incomodar. Não sei como aconteceu. Foi tão repentino que não raciocinei.

- Não te preocupes. Estás atravessando uma fase difícil. É natural esse sentimento de raiva e impotência. Tem fé. A situação será resolvida. Dê tempo ao tempo.

- Dar tempo ao tempo? Meu pai nunca mudará de opinião. Encasquetou que deve me enviar a um colégio, interna, e eu não vou. Vou fugir. Ainda não sei para onde, mas vou.

Disse essas palavras com tanta determinação que nem passou pela cabeça de Luigi o pensamento de que ela mudaria de opinião. E isso o preocupou e assustou. Preocupou, pela lacuna que a ausência da moça deixaria em sua vida e assustou pelo que poderia acontecer a ela depois da fuga, sozinha em qualquer lugar. Tratou de amenizar a situação e conduzir a conversa para assuntos banais com a finalidade de tranquilizá-la. A estratégia deu certo. Em poucos minutos, a voz da moça voltou ao natural e a jovialidade de sempre passou a brilhar de novo em seus olhos e em suas palavras.

Conversaram mais um pouco sobre assuntos diversos e depois ela se despediu e voltou para sua casa.

## XIII

Luigi quase não dormiu; não pela preocupação de cuidar da casa e do negócio, mas pelos acontecimentos do dia que lhe roubaram o sono.

No domingo, acordou cedo, deu uma volta pela casa e caminhou até a loja. Tudo em ordem, recolheu-se à cozinha, onde preparou seu café. Aproveitou a manhã para passar os olhos pelos diversos livros que compunham a biblioteca anarquista. Não se concentrou em nenhuma obra específica. Admirou mais uma vez a boa disposição e a organização dos compêndios, distribuídos nas prateleiras em ordem de autor. Quando começou a pensar em seu almoço, ouviu o toque da campainha. Com algum cuidado foi abrir a porta. Para sua surpresa, lá estava Nives com um belo sorriso estampado no rosto.

- Bom dia. Posso entrar?

- É lógico que sim. Estou muito contente em te ver. Dito isso, abriu a porta e ela foi entrando com a maior naturalidade, vez que conhecia muito bem toda a casa. Em seguida, dirigiu-se à cozinha.

- O que temos aqui para almoçar?

- Eu nem pensei no almoço. Tem pão, salame e ovos.

- Nada disso, falou Nives. Vamos dar um desfalque na despensa da Chiarina. Eu sei onde ela guarda tudo. De imediato, reuniu farinha, ovos, água e sal.

- Você já fez massa?

Com uma agilidade e uma rapidez admiráveis, misturou os ingredientes e aprontou a massa. Com um pouco de orégano, manjeriço,

cebola e tomate, fez um molho saboroso. Em pouco tempo, o almoço estava pronto. Luigi pôs a mesa.

- Você não acha que está faltando alguma coisa aqui? Perguntou a moça.

Abandonou o recinto para voltar com uma garrafa de vinho.

- Este é um Valpolicella, de Gambelara, Província de Vicenza. O Giovanni tem um fornecedor de lá de muitos anos. Ele elogia este vinho e eu também o aprecio muito. Vamos experimentá-lo?

Serviram-se. O vinho era realmente bom.

- Meu pai, disse Luigi, produz vinho lá em Bovolone. Para avaliar a qualidade, basta dizer que o seu maior comprador é o convento dos padres Dominicanos de Verona. O vinho de missa de Santa Anastasia vem de lá, da casa do meu pai.

- Eu gosto muito de vinho e você nunca me falou disso?

- Não foi por mal. Nunca houve oportunidade.

Sentaram-se e saborearam o almoço.

- Parabéns! Já podes casar. Cozinhas muito bem.

- Mamãe sempre diz que mulher que não sabe cozinhar nunca segurará marido, falou a moça. É porque, segundo ela, os homens são muito gulosos e gostam de comer.

- Eu, ao menos, gosto. Mas devo dizer, também, que o vinho é de boa qualidade e eu conheço vinho, me criei com ele. Vamos a ele. Aliás, meu pai sempre diz que *“a vida é curta demais para não tomar vinho bom”*.

- É verdade. Andei lendo que *“um bom vinho é poesia engarrafada”*. Não sei quem disse. Mas eu li em qualquer lugar.

- Deve ser como aquele provérbio italiano que Frei Gottardo gostava de recitar depois de vários copos de vinho, afirmou Luigi: *“Um barril de vinho produz mais milagres do que uma igreja cheia de santos”*.

- Um Padre dizendo isso? Parece meio fantástico, brincou a moça.

- Mas é a pura verdade. Frei Gottardo é quem busca o vinho para os Padres Dominicanos. É uma pessoa maravilhosa! Sou seminarista por causa dele. Foi ele, também, que aliviou minha situação junto aos meus pais depois de ter sido preso e suspenso no seminário. Gosto mui-

to dele e devo a ele muita coisa. Foi quem me arrumou trabalho em Santo Stefano.

- Um amigo assim é precioso. Tens mais é que conservá-lo.

- Parece que o vinho sempre foi apreciado aqui na Itália. Contam, dizia o moço, que Cícero ensinava: *“os vinhos são como os homens: os maus azedam e os bons apuram”*.

Saboreando vinho e cantarolando velhas árias do cancionero italiano, deixaram a mesa e foram para a cozinha fazer a limpeza. Enquanto Nives lavava a louça, Luigi a secava e a guardava no lugar. Nessa troca de atividades, eram frequentes os contatos de mãos e de braços, o que não causava constrangimento a nenhum deles. Nada faziam para evitar esses contatos prazerosos. Ao contrário, parecia que inconscientemente buscavam oportunidades para encontrar-se, criando um clima de convivência que os encantava e os excitava. Essa espécie de jogo amoroso foi se prolongando com brincadeiras e risos, provavelmente potencializado pela leveza de espírito e pela liberdade de ação que um pouco de vinho confere a quem o saboreia. Num pequeno descuido, aparentemente acidental, Nives, ao tentar buscar um copo na extremidade da pia, desequilibrou-se. De imediato, Luigi amparou-a e ficaram abraçados por alguns segundos, tempo suficiente para que se fitassem profundamente. Num gesto quase automático, beijaram-se. Não foi um beijo voluptuoso, foi um beijo espontâneo, suave, terno e amoroso. Houve uma espécie de devoção naquele ósculo inocente e juvenil, mas suficiente para provocar em ambos um sentimento de admiração. Nives enrubesceu e sentou-se. Luigi ficou parado, inerte, olhando para a moça sem entender direito o que estava acontecendo. Nunca vivera situação semelhante. A única mulher que beijara na vida fora sua mãe. Nem nas brincadeiras infantis com as meninas que conhecia lembrava de ter beijado alguém. Ainda mais na boca. O que o perturbou mais foi sentir-se correspondido. Foi essa certeza que o afligiu. Ficou extasiado com o beijo da moça que o fitava feliz e satisfeita. Foram breves segundos de constrangimento. Não sabia o que dizer nem como proceder. Aos poucos, foi se acalmando e tomando consciência da situação. Nives continuava confortavelmente sentada, um pouco mais ruborizada do que o normal e com uma expressão de alegria e de surpresa estampada no rosto. Parecia que esboçava um sorriso.

- Desculpe, Nives, foi sem querer.

- Eu é que preciso me desculpar. A culpa foi minha. Se não tivesse tropeçado, nada disso teria acontecido. Penso que não precisamos nos penitenciar. Não cometemos crime algum, nem fizemos nada que pudesse nos envergonhar.

- Está certo. Acho melhor esquecer o que houve e, na próxima vez, tomar um pouco mais de cuidado com o vinho.

Aparentemente, o assunto foi dado por encerrado. Quedaram-se mais algum tempo em conversas genéricas. Nives voltou à sua residência e Luigi, após fechar a casa, recolheu-se ao seu quarto pensando em dormir um pouco. Era domingo e não planejava nada. Como prometido, Giovanni e Chiarina retornaram à noite. Após breves esclarecimentos, cada um recolheu-se aos seus aposentos.

## XIV

Os dias iam se sucedendo sem fatos importantes, salvo a rotina do trabalho. Na quinta-feira, Nives apareceu. Cumprimentou Giovanni e Luigi, trocou algumas palavras e dirigiu-se à cozinha e permaneceu toda a tarde em companhia de Chiarina.

No almoço de domingo, nem Nives nem Luigi demonstraram qualquer constrangimento. Ao contrário, durante todo o tempo, externaram alegria e espontaneidade. O beijo parecia não ter deixado marca em nenhum dos dois. Ambos davam a impressão de que a casualidade do ato imperava na mente e no sentimento deles. Um leve rubor apareceu nas faces de Nives quando Giovanni, abrindo outra garrafa de vinho, brindou a todos com a conhecida expressão atribuída a Caio Plínio Cecílio Segundo, também conhecido como “Plínio, o Velho”: *in vino veritas*. O rubor se acentuou quando seus olhos cruzaram com os de Luigi. Este, prontamente desviou o olhar de modo que nenhum dos outros percebesse.

- Na terça-feira, Nives entrou na loja com a aparência agitada.

- Vocês sabem o que eu vi há pouco na *Piazza Delle Erbe*? Um senhor estava distribuindo folhetos e anunciando uma grande novidade: os governos italiano e brasileiro haviam firmado um acordo para a ida de italianos à América, ao Brasil, mais precisamente. Segundo ele, o governo brasileiro propiciaria a italianos a compra de terra em ótimas condições, com prazo longo para pagamento. Além disso, financiava ferramentas para trabalhar e, no primeiro ano, sementes para plantio e víveres para a subsistência. O nosso governo, através dos *ricercatori*

credenciados, se encarregaria de angariar pessoas interessadas, de preferência agricultores, e facilitaria sua saída do país. Segundo dizia, vários navios já tinham partido de Gênova com centenas de patrícios a bordo e outros estavam preparando o embarque. O que vocês pensam disso?

- Giovanni disse que precisava olhar melhor o que estava acontecendo. Luigi, lembrando das conversas de seu pai com o Frei Gottardo, afirmou que não via com bons olhos a ida de conterrâneos para outros países.

- Penso que não é justo mandar embora parentes e amigos para sobrar mais comida para nós. Muito melhor seria fazer as reformas que a Itália precisa para conseguir alimentar o povo. A conversa sobre o assunto ocupou mais algum tempo, depois, cada um continuou seus afazeres. Nives guardou o folheto e retornou à sua casa.

Na quinta-feira, chegou um telegrama avisando que o irmão de Giovanni falecera naquela manhã e seria enterrado no dia seguinte. Sem poder conter a dor que a notícia trouxera, Giovanni imediatamente explicou a Luigi a situação, chamou Chiarina e partiram para a Estação Ferroviária. Alertou sobre a possibilidade de demorar alguns dias e recomendou que tomasse conta do negócio e da casa. Como Luigi já era conhecedor de tudo, disse a eles que poderiam viajar e permanecer em Vicenza o tempo necessário. Ele cuidaria da casa e da loja e na volta faria um minucioso relatório. A sexta e o sábado transcorreram sem problemas. Normalmente eram dias de pouco movimento. No sábado, após o almoço, dirigiu-se à biblioteca. Deparou-se com um autor desconhecido, chamado dr. Giovanni Rossi<sup>16</sup>, um agrônomo, que escrevera o ensaio *Une Commune Socialiste*, no qual relatava sobre uma hipotética comunidade vivendo coletivamente suas ideias libertárias, sem a interferência de governo ou de religião, sem propriedade privada, onde tudo o que se produzia e o que se consumia era de forma coletiva. O personagem central era uma mulher chamada Cecília. Ao lado das obras, alguns exemplares do jornal *Lo Sperimentale*, editado pelo mesmo autor em sociedade com Andrea Costa. Embora muitas afirmações fossem pertinentes, achou utópica e impraticável a ideia.

Por volta das 3 horas, foi atender à porta. Era Nives, alegre como sempre, que chegava com um pacote nas mãos.

- Boa tarde. São *grostoli*. Achei gostosos. A mamãe os fez e eu estou trazendo para o nosso café da tarde.

- Infelizmente, esse café será só para nós dois. O sr. Giovanni e a Chiarina estão em Vicenza, no enterro do irmão.

- Meu Deus! Eu não sabia de nada. Coitado do sr. Giovanni! Deve estar muito triste. Era o único irmão vivo. Acho melhor voltar.

- Já que você trouxe os *grostoli*, entre. Vamos experimentá-los. Ainda sei preparar um bom café. Tomou-a pela mão e a conduziu ao interior da casa.

- Fique à vontade. Vou preparar o nosso café e já volto.

Quando retornou à sala, olhou mais demoradamente para a moça, que estava tirando o casaco que vestia. Um vestido simples, de alças, realçava e delineava perfeitamente seus contornos, a partir dos ombros simétricos e bem torneados, envelopados em pele alva e sedosa, descendo pela cintura diminuta até o quadril saliente e se estendendo por um par de pernas bem formadas e assentadas sobre pés graciosos, perfeitamente visíveis através das sandálias de tiras. Talvez tenha se demorado demais nessa contemplação. Nives, ruborizada e envergonhada por ter despertado a atenção do rapaz com tal intensidade, explicou que viera com roupas mais confortáveis porque Chiarina prometera ensiná-la a fazer novos penteados.

- Tudo bem. Você está muito bonita e com aspecto saudável. Gostei de ver, respondeu Luigi com um sorriso meio enigmático, quase maroto.

Saborearam o café com os *grostoli* e foram à cozinha tratar da limpeza. Como no dia anterior, Nives lavava e Luigi secava e guardava a louça. Sem saber exatamente de quem partiu o impulso, viram-se abraçados. O gesto foi de uma espontaneidade surpreendente. Novamente beijaram-se, mas, desta vez, o beijo não foi suave nem inocente. Ao contrário, foi insistente e lascivo, despertando amor e desejo. E a natureza falou mais alto. Ainda unidos pelo beijo e pelo abraço, debruçaram-se sobre um sofá velho e, como cúmplices conscientes, entregaram-se ao apelo do instinto. E o amor aconteceu. Nenhum dos dois sabia como proceder, mas a natureza se encarregou de conduzi-los. Quando emergiram do transe, olharam-se, sorriram e voltaram aos beijos, agora sim, suaves e amorosos. Não houve necessidade de palavras; desculpas não foram ditas nem ouvidas; restou apenas o sentimento de que algo prazeroso e maravilhoso havia acontecido. Nenhuma exclamação de arrependimento. Nada de perguntas sobre o que fariam ou o

que aconteceria daí para a frente. Apenas a alegria e as delícias do amor correspondido.

Após uma breve arrumação nas roupas, Nives foi para sua casa. Um beijo rápido serviu como despedida, sem qualquer promessa ou jura de amor. Luigi deitou cedo. Em pouco tempo, imergiu num sono profundo, sem preocupar-se com o que acontecera naquela tarde. Sorveu a taça da felicidade com tal entusiasmo que não sobrou espaço para divagações ou questionamentos.

No domingo, acordou disposto e alegre. Fez rápida inspeção pela casa e pela loja e depois preparou seu café sem pressa. Dirigiu-se à biblioteca e quando se dispôs a ler um livro, bateram à porta. Foi atender. Era Nives, que o recebeu com um sorriso matreiro. Palavras, para que palavras? Luigi a acolheu, fechou a porta, prendeu-a em seus braços e, aos beijos, foi conduzindo-a para o seu quarto. Dessa vez, ela vestia apenas uma blusa e uma saia. Com a pressa própria dos amantes, passaram a se despir mutuamente e, ao contrário do dia anterior, quando deitaram em um sofá desconfortável, procuraram a maciez da cama para viver o seu amor. Saciados e felizes, adormeceram abraçados. Luigi despertou primeiro. Pela primeira vez, deleitou-se com a beleza de uma mulher nua. É que, exausta, Nives adormecera sem a preocupação de cobrir-se. A admiração começou pela face rosada e seguiu pelos olhos que, embora fechados, irradiavam beleza através dos cílios longos e simétricos. Os lábios, carnosos e macios, desenhavam um contorno gracioso para a boca. Uma covinha discreta repartia um queixo delicado e quase arredondado. Baixando o olhar em direção ao colo, deparou-se com a maravilhosa visão dos seios em forma de taça, alvos como a neve e encimados por dois mamilos rosados. Continuou seu olhar pelo ventre encolhido, passando pelos quadris salientes que formavam com as pernas um conjunto harmônico e gracioso. Quando se detinha na delicadeza dos pés e ainda embevecido pela beleza do corpo feminino que pela vez primeira apresentava-se a seus olhos, surpreendeu-se com o suave movimento da moça, que o fitava com semblante alegre e curioso.

- O que você está olhando tanto? Alguma coisa de errado?

- Ao contrário. Nunca tinha visto tanta beleza numa mulher. E eu estava me perguntando o que teria feito para merecer tudo isso.

- Bobo. Não é nada demais. Eu também estou encantada contigo. Jamais imaginei que o amor fosse tão maravilhoso. Te confesso que

pelo relato que ouvi de algumas mulheres, tinha medo do primeiro encontro. Mas foi tão surpreendente que nem tive tempo de pensar. E eu adorei o que fizemos. Nunca esquecerei. Te serei eternamente grata pelo teu carinho.

Continuaram com esses arrulhos românticos e nem perceberam que o tempo ia passando. Quando se deram conta já era mais de quatro horas da tarde. Levantaram, tomaram um banho rápido, providenciaram um lanche frugal e Nives retornou para sua casa, onde era esperada pela mãe, que a aguardava com alguma preocupação. Inventou uma rápida desculpa para a demora e as duas partiram para a prometida visita a uma tia.

## XV

- Luigi sentia-se feliz como nunca lembrava de ter estado. Mentalmente, reviveu tudo o que havia sucedido nos últimos dias. E aprovou. Sabia que era o fim do sonho sacerdotal, o que lhe rendeu alguma preocupação. Não é fácil, de um momento para outro, abandonar um projeto acalentado durante muitos anos, praticamente desde a meninice. Mas era o preço que precisava pagar pela sua felicidade. Sabia que teria dificuldades para explicar à sua família, a Frei Rocco e a Frei Gottardo. No entanto, teria que providenciar os esclarecimentos o mais rápido possível. Antes de ir a Bovolone, achou mais prático procurar Frei Gottardo e aconselhar-se com ele, afinal, fora o principal responsável pela sua ida ao convento. No entardecer daquele mesmo dia, decidiu ir ao seminário em busca do frei amigo. Foi recebido com alguma reserva, mas em pouco tempo estava frente a frente com Frei Gottardo. O encontro para ambos foi uma explosão de alegria. Fazia tempo que não conversavam ou se viam.

- Luigi, que bom que você veio me visitar. Estava com muita saudade. Soube, através do Padre Antônio, que terminastes o serviço em Santo Stefano. Aliás, meus parabéns! Fostes muito elogiado, tanto pelo trabalho bem feito como pelo teu comportamento, o que, para mim, que te conheço, não é nenhuma novidade.

- Obrigado. Padre Antônio foi muito bom comigo. Estou agora trabalhando na casa de um amigo, sr. Giovanni, onde me sinto bem. Ele tem uma loja de material de construção. Gosto do serviço, da maneira como sou tratado e tenho conseguido guardar algum dinheiro.

- Mas isso é ótimo! Já estamos em setembro, logo virá o fim do ano e depois o teu retorno ao seminário, de onde, aliás, nunca deverias ter sido afastado. O que te aconteceu poderia ter ocorrido com qualquer um. Frei Camilo e a Congregação foram duros demais contigo. Nem sequer teu comportamento e tua dedicação foram considerados. Não me conformo até hoje.

- É sobre isso mesmo que desejo falar com o senhor.

Sem omissões, Luigi historiou todo o seu relacionamento com Nives, desde o encontro na ida para Sirmione até o último dia. Não omitiu nada.

- Meu filho, é uma decisão difícil. Você precisa ter certeza do que está fazendo. Do ponto de vista religioso, a união entre um homem e uma mulher também é vocacionado e abençoado por Deus. Não debes te mortificar. Se o teu caminho for esse, podes contar com a benção e a proteção de Deus, que gosta de todos e não apenas dos Padres e dos religiosos. Podes exercer o teu sacerdócio também na vida leiga. Penso que, como leigo e no meio do povo, tens condições de dar contribuição valiosa para os desígnios de Deus a teu respeito. O que debes analisar bem é a pessoa com quem pretendes te unir.

- Ela é maravilhosa, Frei. Vou combinar um sábado para o senhor e ela se encontrarem na casa de Giovanni. Tenho certeza que será aprovada. Mas, o que me preocupa é como vou contar a história lá em casa. O que dirão meu pai, minha mãe e os vizinhos?

- Com teus pais debes te preocupar. Com os vizinhos, não. Nunca esqueças que jamais conseguirás a aprovação de todos.

- Mas como vou contar?

- Vamos fazer o seguinte. Na próxima ida a Bovolone para buscar vinho, você irá comigo e eu te ajudarei. Mas, antes, quero conhecer a moça.

- O senhor Giovanni está em Vicenza. Foi na semana passada para o enterro do irmão. Até sábado, deve estar de volta. Que tal o senhor nos visitar no sábado à tarde?

- Será um prazer. Me dá o endereço, avisa a moça e me espera. Estarei lá, com certeza.

Na segunda-feira pela manhã, Nives retornou. Aproximou-se de Luigi e aproveitou a oportunidade em que não havia clientes para saudá-lo com um beijo discreto.

Luigi contou a visita que tinha feito a Frei Gottardo e o desejo dele de conhecê-la. Combinou que estaria na casa de Giovanni sábado à tarde e que estava ansioso para que os dois se encontrassem. Ela aprovou a ideia, não porque achasse necessário, mas para agradecer a seu amado.

Na quarta-feira Giovanni e Chiarina retornaram. Luigi deixou-os a par de tudo o que havia ocorrido na ausência deles, contou a novidade do seu namoro com Nives, omitindo, naturalmente, os detalhes dos últimos dias. Chiarina ficou exultante.

- Que maravilha! Eu imaginava que um dia iria acontecer e torcia por isso. Gosto muito dos dois. Quero que sejam felizes. Não tive a felicidade de ter um filho, mas vocês dois me compensaram. De hoje em diante, o Luigi vai morar em nossa casa. Sabemos que o pai da Nives é muito rigoroso e pode não permitir o namoro. Aqui, poderão ficar mais à vontade. Desculpe Giovanni, não te consultei, mas acho que você pensa da mesma maneira.

- Com certeza, Chiarina. Eu pretendia falar contigo sobre isso mais tarde, mas já que você antecipou, eles podem contar com todo o meu apoio.

Ambos abraçaram o moço e num clima festivo retornaram à casa. Luigi falou que já confidenciara a Frei Gottardo que não retornaria ao seminário e o desejo manifestado pelo Padre de conhecer Nives no próximo sábado. Falou, também, da ida para Bovolone em companhia do Frei para explicar a situação a seus pais.

No sábado, por volta das 3 horas da tarde, Frei Gottardo apareceu. Já era esperado. Com desenvoltura e naturalidade, foi se apresentando a todos, demorando-se um pouco mais no cumprimento a Nives. Com alguns petiscos preparados por Chiarina, todos foram convidados para o café da tarde.

- Desculpe, sr. Giovanni, falou o Frei, mas o Luigi me falou muito bem de um Valpolicella que o senhor consegue em Gambelara. Gostaria de prová-lo. Nada contra o café de dona Chiarina, mas eu gosto muito de vinho e sempre que surge algo novo, faço questão de provar.

- Não tem problema, disse Giovanni, ao mesmo tempo em que buscava o vinho.

- Aqui está. O senhor pode prová-lo!

E o Padre fez isso. Como um bom conhecedor de vinho, tomou a taça, olhou-a através da luz, sentiu o aroma e sorveu um gole demorando-se algum tempo com o líquido na boca.

- De fato. É um vinho de qualidade, quase tão bom quanto o produzido pela família do Luigi. Parabéns! É o melhor Valpolicella que experimentei.

Frei Gottardo aos poucos foi se aproximando de Nives. Iniciou um diálogo e, enquanto os demais saboreavam o vinho, conduziu-a até a biblioteca, de onde retornaram algum tempo depois. Após mais algumas taças de vinho, despediu-se, não sem antes dizer que na semana seguinte iria a Bovolone e que Luigi se preparasse para ir junto. Ficou de avisar o dia. Luigi quis saber de Nives o que achara do Frei e alguma coisa sobre o que conversaram.

- Gostei dele. Pareceu-me boa pessoa. Te preza muito. A conversa foi sobre banalidades. Nada de importante.

Não deu maiores explicações. A resposta da moça, um tanto evasiva, causou uma certa estranheza no moço, que esperava entusiasmo na manifestação dela em relação ao Frei amigo. Deixou para outro dia perguntas mais detalhadas a respeito.

No domingo mesmo, dirigiu-se a Santo Stefano para buscar seus poucos pertences. Explicou a Padre Antônio a oferta que recebera de Giovanni, o que, para ele, seria muito mais cômodo. Padre Antônio concordou e, mais uma vez, agradeceu a colaboração, prontificando-se para auxiliá-lo em caso de necessidade. Luigi também agradeceu, e prometeu visitá-lo com frequência.

## XVI

O cômodo cedido a Luigi na casa de Giovanni não era tão espaçoso quanto o do Padre Antônio, mas era confortável e tinha uma janela que propiciava bela vista da rua, o que lhe agradou. Nives não apareceu e, na quinta-feira, Frei Gottardo avisou que iriam a Bovolone no dia seguinte para poder retornar no sábado.

- Durante a viagem, conversaram sobre vários assuntos. Luigi não se conteve.

- Então, Frei o que lhe pareceu a moça?

- Gostei muito dela. Acho que fizestes uma boa escolha. Só tive a impressão que não é muito afeita a assuntos de religião. É isso mesmo, ou estou enganado?

- É isso mesmo, Frei. Sabe que ela integrava o grupo de anarquistas que acabou preso, comigo junto. Para esse ramo do Anarquismo, religião não combina muito com a filosofia deles. Mas, ela é nova. Tentarei mudá-la.

- Conhecendo-te como te conheço, tenho certeza que vais conseguir. Até porque, deve ter sido criada como católica. Como todo o jovem, procurou novidades. Logo, voltará a si, e, com tua ajuda, mais depressa ainda.

Com a alegria de sempre, foram recebidos por Giuseppe e Gelsemina. Depois da janta, recolheram-se ao alpendre. Esperaram Gelsemina terminar as atividades da cozinha e chamaram-na para a conversa.

- Vocês devem saber, começou Frei Gottardo, que Deus tem muitos caminhos para que cheguemos a Ele. O sacerdócio é um deles, mas não o único. O mundo laico precisa de bons católicos em seu meio. Parece que Luigi está escolhendo essa estrada. Mantivemos uma longa conversa. Ele me expôs as razões dele, que são lógicas e sensatas, e eu estou concordando. Pediu-me que o acompanhasse nessa conversa com vocês, que são seus pais, e é o que estou fazendo.

A notícia não deixou de surpreender. Dona Gelsemina chegou a verter algumas lágrimas. Afinal de contas, tinha sonhado tanto com um filho sacerdote. Mas pareceu conformada.

- Bem, filho, se é isso mesmo que tu queres, é melhor que aconteça agora do que depois de ordenado. Eu queria muito que fosses Padre. Sempre foi o meu sonho. Mas eu quero acima de tudo que sejas feliz.

O moço beijou e abraçou a mãe, também bastante emocionado.

- Meu filho, falou Giuseppe, estás consciente do que vais fazer? Pensaste bem? E depois, pretendes voltar para casa ou ficar lá por Verona?

- Pai, respondeu, tenho pensado bastante e me aconselhado com Frei Gottardo. Acho que estou fazendo a coisa certa. Não pretendo voltar para Bovolone, onde as oportunidades de trabalho são poucas. Tenho um bom emprego e posso me manter. Mais tarde, quero cursar uma faculdade. Desejo ser professor. Não quero que vocês se preocupem comigo. Mandarei notícias. Além disso, Verona e Bovolone são cidades próximas. Cada pouco, estarei aqui ou vocês podem me visitar quando quiserem. Antes de ir embora, deixarei o endereço.

- Vocês podem ficar tranquilos, emendou Frei Gottardo. Seu filho é um moço responsável e bom. Vai se dar bem. Tenho certeza que Deus designou para ele missão importante no mundo laico, e ele, com certeza, a cumprirá. Só queria fazer uma recomendação a vocês. Ainda estamos no começo de setembro. A volta dele para o convento estava prevista para janeiro do ano que vem. Até lá, penso que o assunto deveria ficar só entre nós. Nada de contar para os vizinhos. Deixem que eles descubram mais tarde.

O trabalho na “Casa Vêneta” seguia normalmente e Giovanni estava cada vez mais satisfeito com o novo funcionário. No almoço dominical, a presença de Nives era uma constante. Depois, enquanto Giovanni e Chiarina descansavam, os namorados ocupavam seu tempo

conhecendo-se, admirando-se e vivendo o seu amor. Algumas vezes, dedicavam-se a passear pela cidade, proporcionando a Nives a oportunidade de demonstrar todo o apreço que sentia por Verona, quando explicava em detalhes as particularidades dos lugares que visitavam e a história de cada um deles, o que fazia com entusiasmo e alegria. Uma tarde, foram visitar o antigo Convento dos Capuchinhos, na via Del Pontieri, onde demoraram-se admirando o lugar, agora em ruínas. Do antigo prédio ainda aparecia, bem visível, o claustro, onde os monges se isolavam para orações e meditações. A Capela de São Francisco era uma das poucas edificações que se mantinha em pé.

- Estás vendo aquela cripta? Segundo a tradição, explicava Nives, lá teria sido depositado o corpo de Julieta. Sobraram apenas as paredes que teriam abrigado o sarcófago. Dizem que o corpo foi depositado aqui após superar uma série de inusitadas peripécias, o que provocou inúmeras discussões e questionamentos entre historiadores e curiosos. Ninguém sabe se este é o local exato, mas, como foi universalmente aceito, todos o reverenciam como túmulo de Julieta, e eu faço o mesmo, independentemente da certeza histórica. É o que acontece com muitos monumentos. O povo, ao longo do tempo, vai associando fatos a crenças, lendas e folclore, e os historiadores acabam registrando tais episódios, que passam para a história como verdades incontestáveis.

Discorrendo sobre Verona, assunto preferido pelos dois, era comum estenderem seus passeios até o Adige, que, no final de tarde, oferecia um belo espetáculo, quando os últimos raios do sol caíam sobre as calmas águas do rio.

A conversa entre Nives e Frei Gottardo ainda intrigava Luigi. Ela nada lhe adiantara, apesar da grande curiosidade demonstrada por ele.

- Não foi nada demais, disse a moça, ao ser novamente questionada. Ficou um pouco constrangedor quando tratamos de religião. Sabes muito bem o que penso. Anarquismo e fé não afinam muito. Reconheço a longa história do catolicismo, a dedicação dos fieis na preservação de monumentos, o labor silencioso e meritório dos monges e frades, principais responsáveis pelos registros históricos dos acontecimentos que nos antecederam no longo caminho percorrido pela humanidade até os dias atuais. Admiro muito o trabalho nos orfanatos e nos hospitais, mas os tempos são outros. A humanidade continua andando e buscando novos rumos. Existe uma corrente do Anarquismo denominada cristã, mas não me filio a ela. Prefiro as ideias de Proudhon e a praticidade de Bakunin.

Luigi achou melhor não replicar e evitou prolongar a conversa para não polemizar com ela. A amava e a admirava demais. Teria outras oportunidades.

Na quinta-feira seguinte, Nives apareceu com semblante preocupado. Cumprimentou rapidamente Giovanni e Luigi e dirigiu-se ao andar superior, ao encontro de Chiarina. Luigi, após consultar Giovanni, foi procurá-la. Achou a menina chorando nos braços de Chiarina.

- O que houve, Nives?

- Não sei o que fazer. Meu pai voltou ontem à noite de Pádua com o comprovante da minha matrícula no Colégio Imaculata e uma relação do enxoval e do material necessário para o internato. Tudo deve ser providenciado até o começo do ano que vem, quando devo reiniciar meus estudos naquela escola. Não pretendo ir. Passei a noite pensando na situação e não cheguei a nenhuma conclusão. Estou desesperada sem saber o que fazer da minha vida. A única certeza que tenho é a de que não irei para aquele colégio. Já tenho 18 anos, posso trabalhar. Ainda não sei que rumo tomar. Estou aflita.

Enquanto Chiarina providenciava uma água com açúcar, Luigi abraçava carinhosamente a moça, tentando transmitir-lhe tranquilidade.

- O Sérgio está em Nápoles e tinha dito que arrumaria serviço para mim naquela cidade, falou Nives. Hoje mesmo vou escrever para saber se confirma a proposta. Por enquanto, é a única possibilidade que se me apresenta. Deve haver outras. A partir de amanhã, vou me empenhar para ver o que consigo.

- Certo, falou Luigi. Procuraremos algo. Vamos com calma. Ainda tem bastante tempo. Estamos em setembro. Até o fim do ano, acharemos a melhor solução. Quero que saibas que estou contigo para o que der e vier. Podes contar comigo sempre.

Ela presenteou-o com um olhar de agradecimento tão terno que o comoveu. Depois, despediu-se de todos e voltou para casa um pouco mais tranquila. Como de hábito, ao chegar dirigiu-se a seu aposento para ordenar as roupas. Surpreendeu-se ao avistar o folheto da semana anterior que informava sobre a ida de italianos para colonizar o sul do Brasil. Matutando a respeito, releu mais uma vez o panfleto, depois dobrou-o cuidadosamente, recolocou-o na bolsa e adormeceu. No outro dia, dirigiu-se à Piazza Bra e procurou o *recrutatore*. Gostou de saber

que podiam se inscrever todos os interessados, independentemente de sexo ou idade; que a passagem poderia ser financiada e que não era obrigatória a exigência de ser agricultor. O navio partiria de Gênova no final do mês de setembro e restavam poucas vagas.

Durante a tarde, ao adentrar à casa de Giovanni, sentiu-se renovada e esperançosa. Pretendia discutir com ele e com Luigi a oferta que recebera.

- Calma, Nives. Vamos devagar. É melhor colher mais informações, ponderou Luigi, um tanto alarmado com o entusiasmo dela.

- É isso mesmo, falou Giovanni. A América é muito longe e temos a obrigação de saber tudo antes de qualquer decisão. Tenho alguns conhecidos daqui e de Vicenza que têm parentes que viajaram. Vou falar com eles para ter melhores informações.

Os fatos dos últimos dias preocuparam Luigi. Entendia o anseio de Nives por uma solução. Não lhe agradava a ideia de vê-la partir para Nápoles, ao encontro de Sérgio. Só de pensar na proximidade que viveriam os dois e na dependência dela em relação a Sérgio, enchia-o de preocupações. Por outro lado, se partisse para a América, seria o mesmo que perdê-la para sempre. Durante a semana, continuou imaginando alguma alternativa que pudesse resolver o problema, sem vislumbrar qualquer alternativa. Giovanni apareceu com novidades.

- Falei com alguns amigos que têm parentes na América. As notícias parecem boas. O governo brasileiro disponibilizou uma vasta porção de terras para ser ocupada por imigrantes italianos. Dá prazo para pagamento e ainda ajuda com utensílios agrícolas, sementes para o primeiro plantio e o sustento das famílias até a primeira colheita. As terras são boas e, segundo relatam, é uma ótima oportunidade para quem deseja progredir na vida. Os *recrutatori* não estão mentindo. Continuam procurando gente. Em outubro, deve sair mais um navio do porto de Gênova.

A notícia que havia chegado à Itália era a de que o Imperador brasileiro pretendia povoar e colonizar o sul do país. Para tanto, acordou com a província de São Pedro a cessão de 32 léguas quadradas de terras para serem, depois de medidas e demarcadas, vendidas aos colonos que chegariam da Europa, sob condições especiais, inclusive de preço. As demarcações e medições eram feitas por agrimensores. As terras estavam localizadas entre o Rio das Antas, a região de Vacaria e as coloni-

zações alemãs já implantadas no vale do rio Caí. A área era dividida em linhas e, estas, em lotes. As linhas tinham entre seis e sete quilômetros de extensão e os lotes coloniais entre 22 e 25 hectares. Permitia-se a venda de lotes menores.

Por insistência de Nives, Luigi aquiesceu em conversar com o agente que procedia ao recrutamento. Ficou sabendo que a viagem duraria em torno de 35 dias, os navios eram seguros, haveria assessoramento e acompanhamento de autoridades italianas em todo o trajeto e, na chegada ao país, seriam conduzidos até a região determinada e lá receberiam o lote que lhes seria disponibilizado. Tudo fazia parte de um acordo entre os governos. Aos imigrantes, seria concedido prazo de cinco anos para pagar as despesas da viagem e a terra adquirida. Não era obrigatória a condição de agricultor, mas ao comprar o lote, deveria estabelecer-se como agricultor e desbravar e cultivar sua área. O governo brasileiro queria a efetiva ocupação do território.

Luigi, embora urbano há algum tempo, conhecia tudo sobre a vida rural. Vivera no interior durante sua infância, participava de todas as atividades da família e, nas férias, procurava inteirar-se de tudo o que dizia respeito ao trabalho agropastoril. Tinha predileção especial pelo cultivo das videiras. Sempre que podia, acompanhava o pai e o irmão em todo o manejo do parreiral, desde o preparo da muda, passando pelo desenvolvimento da planta e pelos cuidados com a colheita, até os detalhes e sutilezas da transformação da uva em vinho. Podia-se dizer que era um agricultor. Por isso, não temia uma possível ida à América para trabalhar a terra, embora tal perspectiva nunca tivesse povoado seus pensamentos. No entanto, a angústia e a premência de Nives em busca de uma solução para abandonar a casa paterna, compeliaram-no a resolver definitivamente o problema e a ida para a América estava se constituindo em proposta única. Procurou aconselhar-se com seu amigo Giovanni e com o Frei Gottardo. Ambos se mostraram reticentes. Estavam em meados de setembro e o último navio previsto para a América naquele ano partiria em fins de outubro. Tinha que encontrar uma solução em poucos dias. Depois de uma conversa franca com Giovanni, decidiu viajar. Antes de inscrever-se, resolveu que faria uma visita a seus pais na companhia de Nives e de Giovanni e Chiarina.

No domingo pela manhã, grande foi a surpresa de Giuseppe e Gelsmina ao se depararem com os visitantes. Luigi tratou logo de fazer as apresentações. Mais tarde, refeitos da surpresa, acomodaram-se na sala.

- Então, Luigi, estes são os teus patrões lá em Verona?

- Não só meus patrões, são meus amigos e quem me hospeda. Moro na casa deles.

- Muito obrigado a vocês por acolherem nosso filho. E essa moça, quem é?

- Como vocês ouviram na apresentação, chama-se Nives, é estudante e mora em Verona. É quem estou namorando e na companhia de quem pretendo passar todos os dias da minha vida.

Olharam-na com alguma desconfiança. A moça sentiu-se observada por olhares curiosos, mas não hostis. Embora encabulada, procurou manter a calma e responder com naturalidade às perguntas que lhe dirigiam, sabendo que era o objeto da curiosidade. Após um breve diálogo sobre amenidades diversas, os homens dirigiram-se ao parreiral e as mulheres trataram de preparar o almoço. Nives procurou esmerar-se ao máximo na execução das tarefas culinárias, demonstrando conhecimento e capacidade de execução, o que despertou um sentimento de simpatia e de admiração por parte de Chiarina e Gelsemina.

O almoço, acompanhado por um bom vinho, transcorreu num ambiente alegre e de muita cordialidade.

- Sentados no alpendre da casa, Luigi tomou a iniciativa.

- Pai, pretendo tentar uma vida melhor. Sou jovem, tenho saúde e algum conhecimento. Ofereceram-me a oportunidade de fazer a vida na América. Todos dizem que é a terra da *cucagna* (terra da fartura). Ofereceram-me passagem, um bom pedaço de terra, sementes para o primeiro plantio, mantimentos até a primeira colheita, ferramentas para trabalhar e transporte até o local onde vou me estabelecer, tudo por um preço acessível e prazo de cinco anos para pagar. A Nives vai me acompanhar. Acho que devo experimentar. Todos sabem que aqui na Itália a situação está difícil. Depois, se não der certo, posso retornar.

A surpresa estava escancarada nos rostos dos pais. Ficaram pálidos e, por alguns segundos, não conseguiram balbuciar uma sílaba sequer. Aos poucos, Giuseppe começou a se refazer.

- Meu filho, como é isso? Quem te garante que você vai encontrar tudo da maneira que falastes? Acho que é quase um disparate meter-se numa aventura dessas.

- Pai, é uma aventura, mas não é um disparate. Temos a garantia de que, durante a viagem, o nosso governo supervisionará tudo. E, lá na

América, as possibilidades de sucesso são grandes. O senhor Giovanni tem vários conhecidos e todos confirmam a tranquilidade na travessia e as boas oportunidades que o novo país oferece. Não é, senhor Giovanni?

- Sim. As cartas que chegam de lá contam maravilhas. Naquele país tem um campo enorme para trabalhar e progredir. Tudo está por fazer. É uma boa oportunidade para quem quer uma vida melhor do que aqui.

- Não sei se é uma solução, ponderou Giuseppe. Vocês vão partir rumo ao desconhecido. Tem tantos perigos pela frente: doenças, naufrágio, a vida em terras estranhas e tantas outras coisas que nos fazem pensar. Tenho muitas dúvidas e uma grande preocupação...

Despediram-se com muita tristeza. O inconformismo estava estampado nas repetidas recomendações do pai e nas lágrimas da mãe, que teimavam em mostrar-se o tempo todo. Luigi, com semblante triste, prometeu outra visita antes da partida.

Chegados a Verona, trataram de procurar os *recrutatori*. Fizeram a inscrição e ficaram sabendo que o navio partiria de Gênova no dia 29 de outubro. Embora faltasse um mês, o tempo parecia exíguo para tudo o que precisavam fazer. Giovanni, compreensivo e, praticamente, conivente com a viagem, procurou facilitar tudo a Luigi. Sairia do expediente sempre que precisasse. Além disso, separou uma expressiva quantia em dinheiro que lhe entregaria por ocasião do embarque. Nives, por sua vez, confidenciava tudo à mãe e combinaram que os valores que o pai lhe disporia para comprar e confeccionar o enxoval exigido pelo internato, seriam guardados para a viagem.

Em meados de outubro, Luigi voltou à casa paterna. Dessa vez, sozinho. Giuseppe, percebendo que o filho estava determinado, pareceu conformar-se. Gelsemina, no entanto, continuava apreensiva. E manifestava sua contrariedade com palavras e com lágrimas.

- Luigi, falou Giuseppe. Já que estás determinado a ir, não insistirei mais que abandones teu sonho. Mas, quero que saibas que esta casa sempre estará de portas abertas se algum dia precisares ou desejares retornar. Escreve sempre que puderes. Sentiremos muito tua ausência. Gostaria que levasses para a América, junto com tua bagagem, essas cinco mudas de parreira que eu separei especialmente para você. Se a nova terra é generosa como dizes, estas mudas produzirão muitos frutos. Foram escolhidas entre as melhores do parreiral.

- Muito obrigado, meu pai. Pode crer que elas serão tratadas como o senhor me ensinou. Quero agradecer, também, por tudo o que fizeram por mim. Partirei, mas meu coração e meu pensamento continuarão voltados para esta casa maravilhosa onde nasci e me criei. Minha saudade da família e da casa onde vivi os primeiros anos da minha vida será eterna, como eterna será minha gratidão. Podem ter certeza que, se algo sair errado, voltarei com a mesma alegria e a mesma esperança de ser feliz que possuo hoje em relação à vida que levarei na América. Pretendo visitá-los com a frequência que puder.

Com beijos, abraços e lágrimas, despediu-se de todos.

Em Verona, começaram os preparativos para a viagem. Compraram um baú para colocar os pertences pessoais. Luigi ia depositando nele suas roupas. Nives, a cada dois ou três dias, comparecia à casa do amado trazendo alguma roupa ou pertence. Algumas vezes, vinha acompanhada da mãe Delelma, que tudo sabia. Em relação ao pai, diziam a ele que eram trajes que serviriam de modelo para a costureira fazer outros iguais, copiando as mesmas medidas. O dinheiro, que supostamente seria destinado à compra de tecidos para confeccionar o enxoval, era cuidadosamente guardado. Outro baú, com pequenas ferramentas oferecidas por Giovanni, completava a bagagem: enxada, foice, facão, um pequeno serrote, machado, martelo, alguns pregos, um pouco de arame, além de várias sementes de cereais e árvores frutíferas. As mudas de parreira seriam levadas manualmente para que fossem melhor cuidadas.

## XVII

Na estação de Porta Nuova despediram-se de Giovanni, de Chiarina e de Delelma, num ambiente de muita emoção. Giovanni, que já havia ofertado as ferramentas e algumas sementes, chamou Luigi à parte e entregou-lhe um pequeno envelope contendo dinheiro. O moço não queria aceitar. Giovanni foi convincente afirmando que era um empréstimo que deveria ser devolvido por ele, pessoalmente, no primeiro retorno.

A ida até Gênova foi tranquila. Enquanto o trem vencias as últimas ruas de Verona, Nives, acomodada em seu banco, não tirava os olhos da paisagem. Sabia que estava deixando sua amada cidade, sem a certeza de revê-la. Lançou seu último olhar para a Arena, sem poder esconder as lágrimas que, teimosamente, vertiam de seus olhos, inundando sua bela face. Luigi tentou confortá-la da maneira que podia. Após paradas em diversas estações, chegaram, no dia seguinte, a Gênova. Procuraram uma hospedaria próxima ao porto e acomodaram-se.

Em frente à estalagem, havia uma pequena praça. Nela, apertavam-se dezenas de pessoas, todas reunidas em pequenos círculos ao lado de baús, malas, sacos e sacolas. Deviam ser famílias que aguardavam o embarque. Luigi e Nives, depois da janta, resolveram conhecer melhor a praça e alguns de seus ocupantes. A caminhada foi dificultada pela quantidade de pessoas e de bagagens que ocupava o local. Nos curtos diálogos que travaram com os acampados, souberam que se acomodaram na praça porque não tinham recursos para arcar com as despesas de uma hospedaria. A esperança de dias melhores no novo destino estava plasmada na face de cada um. Nives, anarquista e agnóstica por convicção, não deixou

de admirar a fé que a maioria demonstrava :alguns, reunidos rezando o terço, outros reverenciando pequenas imagens de Jesus, Maria, José e de outros santos em quem depositavam irrestrita confiança, imagens essas que foram abençoadas antes da partida de suas aldeias e cidades. As refeições, modestas: pão, algum pedaço de queijo ou de salame e água, que era tudo o que podia comprar seu escasso dinheiro.

Apesar das dificuldades que estavam passando, podia-se dizer que um sentimento de alegria imperava entre aqueles acampados. Alguns ainda lembravam as festas de despedida do seu vilarejo. Poucos falavam dos parentes e amigos que ficaram para trás. O próprio torrão natal, que os viu nascer e crescer, parecia totalmente esquecido ante à expectativa do futuro promissor que os aguardava na América. Um misto de esperança e de tristeza acompanhou o jovem casal no seu retorno à hospedaria, onde passaria sua última noite em solo italiano. Pela manhã, reuniram seus pertences e dirigiram-se ao porto para o embarque.

Uma extensa fila movimentava-se lentamente pelas plataformas de acesso ao navio. Fiscais, autoridades alfandegárias e policiais supervisionavam, juntamente com representantes da companhia de navegação, o embarque dos passageiros. Tudo transcorria em relativa ordem. Problemas pontuais eram solucionados rapidamente pelas pessoas credenciadas. As acomodações do navio eram bastante modestas. Precisava criatividade para conseguir um mínimo de privacidade. Com um pouco do dinheiro entregue por Giovanni, Luigi conseguiu cômodos razoáveis. Instalaram-se e, confiantes, iniciaram a longa viagem. O navio saiu de Gênova com destino ao porto do Rio de Janeiro.

À medida que o transatlântico ia se distanciando da costa italiana, uma preocupação crescia na mente de Nives. Sabia que fora ela quem induzira Luigi a tomar a decisão de aventurar-se rumo ao desconhecido. Teria sido uma boa ideia a partida assim, um tanto precipitada, sem informações seguras do futuro que os esperava? Sentia-se responsável pela situação que estavam vivendo. Esse pensamento atormentava-a. Vendo a preocupação da moça, Luigi questionou-a

- O que está havendo contigo? Por que esse desânimo?

- Não é nada. Só a tristeza por abandonar minha querida Verona. Penso, também, no que nos espera lá adiante. Anseio para que tudo corra bem. Jamais me perdoarei se não der certo. Fui eu que te arrastei para esta aventura.

- Alto lá, Nives. Vim por livre e espontânea vontade. Ninguém me obrigou a nada. Te acompanho porque te amo, quero estar sempre a teu lado e quero o teu bem, mas fiz isso consciente e depois de avaliar toda a situação. Se algo não der certo, é porque não tinha que dar. Não deves te sentir responsável. Penso que daqui a algum tempo nós vamos rir das preocupações de hoje. Tenho certeza absoluta que nos sairemos bem nesta empreitada.

Falou mais para tranquilizá-la do que por convicção. Com essas palavras, abraçou-a e confortou-a. Assim, abraçados, foram ao convés apreciar a noite no mar.

Superado o alvoroço da partida e a agitação própria dessas ocasiões, a calma começou a se instalar no navio. Calmaria, também, na água. À medida que o barco avançava, o mar tornava-se mais profundo, propiciando um balanço suave, acentuado por uma tênue brisa. No interior da embarcação, as pessoas aos poucos iam ocupando seus espaços. Todos estavam tomando consciência de que a longa travessia efetivamente começara. A ansiedade das primeiras horas começava a ser substituída por um sentimento de medo que se dissipava à medida que o barco avançava rumo ao desconhecido. Isso estava perfeitamente visível nos semblantes preocupados dos adultos e na pouca atividade das crianças. A viagem começara de fato.

A vida a bordo obedecia ao regulamento do navio, baseado em determinações das autoridades italianas, transmitidas diretamente às companhias marítimas. Todos podiam, em horários pré-determinados, dirigir-se ao convés a fim de apanhar sol e apreciar a paisagem. A única proibição era quando chovia ou quando ameaçava alguma tempestade. Durante os longos dias da travessia, alguns ensaiavam pequenos cantos e músicas com os poucos instrumentos que possuíam. As *tarantelas* eram entoadas e dançadas com entusiasmo e alegria. O mesmo acontecia com os demais ritmos do rico folclore italiano. A comida a bordo podia ser classificada como boa. Por volta de 8 horas, era distribuído a todos café com biscoitos. No almoço e no jantar, era servida uma sopa de massa ou de legumes, com algum tipo de carne, batatas, pão fresco e um copo de vinho para cada homem. Aos domingos, a refeição era complementada com alguma fruta seca, ovos e uma ração maior de vinho. Percebendo o entusiasmo de alguns dos passageiros ao saborear a comida oferecida no navio, podia-se afirmar que se alimentavam melhor aí do que nas pobres casas de onde provinham.

Com o passar dos dias, um sentimento de amizade começou a se estabelecer entre os passageiros. Nives, irrequieta e ativa como sempre, procurava as crianças para desenvolver com elas atividades diversas, com a intenção de tornar mais agradável a longa viagem. Além dos jogos infantis, passou a ministrar conhecimentos rudimentares de leitura e de contas. Aos poucos, algumas mães foram se associando. Depois de um certo tempo, a roda de folguedos ocupava boa parte do convés, situação não só permitida como incentivada e aplaudida pelos passageiros e pela tripulação do navio. Luigi, por sua vez, também procurava conversar e animar os homens, em sua maioria medrosos e analfabetos. O jovem casal tinha noção perfeita de que possuía nível cultural superior ao dos demais. Durante a viagem, nunca abordaram assuntos políticos.

A nota triste era quando acontecia algum óbito. Normalmente atingia crianças de tenra idade ou idosos. A mortalidade infantil era comum também nas colônias de onde provinham. Era encarada como fenômeno natural entre os passageiros. A fragilidade dos pequeninos, aliada à falta de cuidados com princípios higiênicos, costume corriqueiro entre aqueles imigrantes pobres e incultos, fazia com que as crianças fossem as principais vítimas. Alguns idosos também não resistiam. Durante o percurso, não se ouviu referência a qualquer tipo de peste. Mesmo assim, por precaução, os doentes eram internados e isolados em enfermarias que dispunham de poucos recursos, mas suficientes para oferecer um tratamento adequado para superar problemas comuns de saúde. Essas enfermarias eram obrigatórias em todos os navios que transportassem imigrantes. As doenças que levavam a óbitos eram mais uma decorrência da subnutrição e da falta de higiene preexistentes do que de males contraídos no barco. Ocorriam, na maioria das vezes, por problemas respiratórios, como bronquite e pneumonia ou em consequência de enterites agudas. Nessas ocasiões, a tristeza solidária tomava conta de todos os passageiros que se esmeravam ao máximo em cuidados com a família enlutada. O enterro obedecia às normas do navio. O Capelão de bordo reunia os presentes para preces e procedia aos atos de encomendação. Depois, o corpo era enrolado em panos por oficiais do navio e jogado ao mar. Nunca faltavam orações e cânticos religiosos compartilhados por todos. As cenas, embora comoventes em sua origem, com a repetição, tendiam a tornar-se corriqueiras, diminuindo o impacto da emoção, salvo para as famílias diretamente atingidas, porque sentiam, com toda a intensidade, o peso da perda do seu ente querido.

Embora raros, nascimentos também aconteciam durante as viagens. As famílias que viajariam com mulheres grávidas avaliavam antes da partida o tempo médio da travessia para efetivar o embarque, evitando, ao máximo, nascimentos a bordo. Naquela viagem ocorreu o nascimento de uma menina, filha de um casal proveniente de Roverchiaretta. No batismo, realizado às pressas pelo receio de que não resistisse, vez que o nascimento fora prematuro, a menina recebeu o nome de Vitória. O acontecimento foi celebrado e se transformou em festa com a participação dos passageiros e de alguns tripulantes. A criança sobreviveu e chegou sã e salva ao porto do Rio de Janeiro.

Nives começou a apresentar sinais de cansaço, com tonturas e enjoos. O apetite diminuiu e alguns vômitos começaram a perturbá-la. Tal quadro passou a preocupar Luigi. Ela, que era sempre a primeira a se apresentar para as reuniões com as crianças, passava horas deitada sem disposição para retomar as atividades habituais.

- O que está havendo contigo?

- Não sei, Luigi. Acho que é o balanço do mar que está me afetando. Se não passar, seria melhor procurar auxílio na enfermaria. Continuar assim é difícil.

-Vamos hoje mesmo. Nada de esperar.

O plantonista era o dr. Emídio, um senhor de meia idade, com aspecto bonachão, que os recebeu alegremente.

- O que aconteceu com vocês?

Eles historiaram o que vinha ocorrendo. Emídio, após algumas perguntas e um minucioso exame, levantou-se e, ostentando o seu melhor sorriso, abraçou Luigi com entusiasmo e cumprimentou-o.

- Parabéns, vais ser papai. O que essa moça tem é normal para ocasiões assim. O início da gravidez sempre é um pouco complicado. O corpo da mulher demora para aceitar o novo ser que está gerando. E manifesta a sua contrariedade com enjoos, tonturas, falta de apetite e vômitos. Mas, em pouco tempo, isso passa e a vida voltará a seu normal. O que ela precisa agora é de muito repouso, nada de atividades que exijam esforços e muito carinho e compreensão da tua parte. Leva estes chás. São de ervas e ajudam bastante nesta fase. Não se preocupem. Não há doença alguma; ao contrário, há mais uma vida que está surgindo. É motivo de festa e de alegria.

Um tanto atônitos, Luigi e Nives ficaram sem saber o que responder. O primeiro sentimento foi de alegria. Olharam-se e beijaram-se com ternura. Nives começou a chorar. Após agradecerem a Emídio, retornaram a seus aposentos.

- Eu queria muito um filho teu, mas não nesta hora, em plena viagem e sem saber como será o nosso futuro. Ainda estamos viajando, nem chegamos à América, nem sabemos o que vamos encontrar e, com um filho, o que faremos?

- Primeiro, vamos com calma, falou Luigi. Essa criança que você carrega é fruto do nosso amor e sempre será tratada com carinho, mesmo agora, antes de nascer. De hoje em diante, vamos reprogramar a tua vida. Sabemos que gravidez não é doença, mas alguns cuidados devem ser tomados para que tudo aconteça de forma natural. Em poucos dias, estaremos deixando este navio. Até lá, debes repousar bastante, comer bem e tocar a vida com alegria. Nosso bebê deve sentir, quando ainda está no teu ventre, que é algo precioso e que é amado por nós dois. Isso fará bem a ti e a ele.

As palavras de Luigi tranquilizaram a moça, que se mostrou mais conformada. A notícia logo se espalhou entre os passageiros. As crianças e mulheres que participavam das rodas de recreação que ela promovia esmeraram-se em cumprimentos e manifestações de alegria. Esses encontros amenizaram bastante a monotonia da viagem. As reuniões com as crianças e algumas mães continuaram, mas sem repetir a frequência anterior e, algumas vezes, sem a presença de Nives.

Na manhã do dia 6 de dezembro, acordaram por força de um burburinho estranho que vinha do convés, acompanhado de gritos de alegria, nunca vistos nem ouvidos no decorrer da travessia. Luigi vestiu-se rapidamente e correu para ver o que estava acontecendo. De pronto introduziu-se entre a multidão e entendeu as causas de tanto barulho e de tanta comemoração. É que, aos olhos de todos, descortinava-se a vista da baía da Guanabara, na costa brasileira. Correu a buscar Nives para que não perdesse a beleza do espetáculo. Ao longe, apareciam os primeiros contornos da nova terra. Inúmeras casas indicavam a existência de uma cidade que parecia deitada no colo de um morro que, mais tarde, se transformaria no cartão postal mais famoso do Rio de Janeiro. Ao largo da baía, várias embarcações de menor porte navegavam. Assim, aos poucos, a cidade foi crescendo aos olhos de todos e as pequenas embarcações pa-

reciam acompanhar o navio nos seus últimos metros. Em pouco tempo, estavam atracando no cais de desembarque, localizado nas proximidades da estação ferroviária. Após o desembarque e desembaraço aduaneiro, foram enviados à ilha das Flores, onde o Governo Brasileiro, sob controle da Inspetoria de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura, criara um centro de recepção e de alojamento para imigrantes. Esse alojamento servia, também, como local de triagem para observação e informações sobre possíveis portadores de moléstias, os quais eram separados do respectivo grupo para tratamento. Havia o receio de que transmitissem a doença aos demais, e o que deveria ser um caso isolado, poderia transformar-se numa epidemia de grandes proporções. Os doentes ficavam retidos numa espécie de quarentena. Quando a doença identificada possuía características de transmissibilidade, toda a delegação era isolada e acomodada no interior do alojamento, até a erradicação da moléstia.

O transporte até a hospedaria da ilha era feito em pequenas embarcações que comportavam de 15 a 20 pessoas. Após a triagem e a inspeção médica, os imigrantes recebiam roupas de cama e sabão, e a recomendação de que eram responsáveis pela limpeza e higiene do local. A hospedaria possuía alojamentos para solteiros e para casais. Luigi e Nives foram conhecer suas novas instalações. Eram extremamente simples, com uma cama e um armário. Nada mais. O local para banhos, lavagem de roupa e higiene pessoal era coletivo. Os sanitários, de uso comum, resumiam-se a dois, um para homens e outro para mulheres, em cada alojamento. Mais tarde, foram conduzidos ao refeitório quando, pela vez primeira, saborearam o produto principal da culinária brasileira, na base do arroz e feijão, iguarias quase desconhecidas no país de origem. O primeiro encontro não foi muito agradável. O sabor brasileiro do arroz e do feijão custou a ser absorvido pelo casal. Mas, com o tempo, não só foram se acostumando como passaram a apreciar o novo cardápio.

Ficaram retidos por dez dias à espera do barco que os conduziria à nova terra. Durante a permanência, aproveitaram o tempo para conhecer um pouco o lugar onde haviam chegado. O que mais chamou a atenção foi a exuberância da vegetação e a quantidade de flores. Era seu primeiro contato com um país de clima tropical. E gostaram do que viram. O tempo disponível era dedicado a conversas com vizinhos e companheiros de viagem, todos compartilhando do mesmo sonho: uma vida próspera e feliz no novo mundo que haviam escolhido ou que foram obrigados a escolher.

## XVIII

A viagem pela costa brasileira até Porto Alegre não foi agradável. O pequeno vapor não oferecia conforto aos passageiros. Comportando uma população maior do que a sua capacidade, a embarcação carecia de condições mínimas para o transporte das pessoas embarcadas. Falta de privacidade, comida escassa, ausência de médicos e inexistência de remédios eram algumas das suas carências. Assim mesmo, os dez dias foram cumpridos sem problemas maiores. Em Porto Alegre, foram recebidos por um agente de colonização encarregado de todos os procedimentos para o desembarço dos passageiros e das bagagens e acomodação nos pavilhões de imigrantes. Também era ele o responsável por organizar a lista que seria enviada aos diversos diretores das colônias, com o nome do imigrante e de eventuais acompanhantes, como esposa e filhos. Competia, também, ao agente contratar o serviço de transporte até a colônia determinada, bem como a aquisição dos víveres necessários para a viagem e eventuais paradas em locais pré-estabelecidos.

O grupo de Luigi era composto por doze pessoas. Além deles, mais quatro casais e dois homens solteiros. Não havia crianças e apenas um casal de idade avançada, acompanhado de dois filhos maiores, integrava a comitiva. Nives era a única grávida, o que lhe rendeu cuidados especiais. O primeiro trecho, até São João do Montenegro, foi cumprido ao longo do rio Caí, em pequena embarcação a vapor, numa distância aproximada de 80 quilômetros e demorou quase um dia. Em Montenegro, ficaram alojados num velho barracão construído pelos alemães para abrigar imigrantes. No dia seguinte, iniciaram a longa e difícil viagem até a colônia. O meio de transporte eram mulas devidamente

treinadas. Com exceção de Nives e do casal de idosos que ocuparam as montarias, os demais iam a pé, acompanhando as mulas que carregavam seus pertences em cestos acomodados sobre as costas dos animais. A utilização de carroças não era viável pelas condições da estrada: picada aberta no mato, travessias de rios em pontes precárias ou inexistentes e atoleiros que chegavam, em alguns casos, a mais de meio metro de profundidade, onde as montarias afundavam até a barriga e as pessoas tinham dificuldade para atravessar.

O primeiro dia de viagem foi cumprido com relativa facilidade. Naquela região, o terreno oferecia, em sua maior parte, uma topografia baixa e plana, interrompida, de quando em vez, por colinas de pequena altitude. Ao entardecer, vislumbraram a casa do alemão, uma construção de madeira, ampla, pintada e aparentando bom estado de conservação. Atrás da casa, um espaço coberto e com repartições na parte interna, servia de coqueira e abrigo para os animais. Assim que Tião, o guia do grupo, avistou a casa, ordenou a todos que parassem e aguardassem sua volta. Imediatamente, acompanhado do seu auxiliar, correu até a propriedade, de onde regressou algum tempo depois e convidou a todos para segui-lo. O grupo foi instruído para que se acomodasse no paiol, uma construção rústica, de madeira, com uma porta e duas janelas, onde eram depositados cereais e o feno destinado a alimentar os animais durante o inverno. Cada um descarregou seus pertences e procurou espaço suficiente para estender a pequena manta que havia recebido do guia no início da viagem e que servia de colchão e acolchoado.

O paiol não tinha banheiros nem paredes divisórias, obrigando a caravana a abrigar-se coletivamente sem qualquer resquício de privacidade. Luigi e Nives acomodaram-se próximos de uma janela, dispondo seus pertences num pequeno semicírculo, protegendo, ainda que parcialmente, o descanso de Nives. No começo da noite, foi servido o jantar, constituído de arroz, feijão, saladas verdes colhidas na horta do alemão e carne de cordeiro. Cada um recebeu seu prato das mãos de Miguel, o cozinheiro, e consumiu seu alimento sentado no chão do paiol. De sobremesa, um creme de leite e ovos, levado ao fogo com porção considerável de açúcar, a que davam o nome esquisito de “chico balanceado”. Para beber, vinho e água. Os alimentos, adquiridos na propriedade do alemão Günter, foram preparados numa mesa improvisada ao lado do paiol e cozidos em panelas suportadas por uma pequena trempe. A água era retirada de um poço próximo. Luigi e Nives, durante a janta,

receberam a companhia de outro casal, também jovem e bastante alegre: Severino e Marieta.

- Vocês são de onde? Perguntou Luigi.

- Somos de Roverchiara, falou Severino, e estamos ansiosos para conhecer o lugar onde viveremos. E vocês, vêm de que lugar?

- Eu sou de Bovolone, mas estava vivendo e trabalhando em Verona. Ela é de Verona. O que levou vocês a empreender essa aventura?

- Minha família não tinha terra. Trabalhávamos todos como agregados. O pai, a mãe e mais um irmão e duas irmãs. Nossos pais vivem e trabalham no mesmo lugar há mais de 25 anos. Não conseguiram nada além de sobreviver na pobreza. É verdade, não passamos fome, mas não víamos qualquer possibilidade de progresso. A família de Marieta vivia situação semelhante. Numa ida a Verona, nos deparamos com um *recrutatore*, que nos ofereceu esta oportunidade. De comum acordo, aceitamos. Em pouco tempo, casamos, juntamos nossas coisas e estamos aqui. Nossas famílias ficaram apreensivas, mas nós encaramos com esperança. Vamos ver no que vai dar. E vocês, por que estão aqui?

- Nós também viemos em busca de uma oportunidade. Somos jovens e resolvemos ver o que a América tem para nos oferecer. Ouvimos referências muito boas sobre a vida no Novo Mundo. Estamos aqui para conferir de perto, especialmente agora que Nives está esperando o nosso primeiro filho.

- Vocês não ficaram receosos de empreender uma viagem destas na situação dela?

- É que ficamos sabendo no navio, durante a travessia, senão teríamos esperado. Não tem volta. Temos certeza que vamos festejar juntos o nascimento do primeiro brasileiro do grupo. Estamos contentes e orgulhosos pelo nosso filho.

O senhor Günter tinha sido o último dos imigrantes alemães a chegar em Montenegro. Por isso, coube-lhe a propriedade mais distante do povoado, próxima à trilha que levava aos altos da serra. Quando o administrador da companhia de colonização passou pelo local, viu a propriedade e lhe agradeceu. Procurou o alemão e firmou com ele um acordo para que as caravanas que rumassem em direção às terras que lhe eram destinadas pernoitassem e se abastecessem na propriedade, com preços previamente estabelecidos. Foi o que fez Tião com seu grupo.

Naquela noite dormiram bem, mais em decorrência do cansaço do que do conforto oferecido pela hospedaria improvisada. Acordaram cedo e cada um tratou de recolocar nas montarias os seus pertences. Após o café da manhã, servido do mesmo modo da janta, reiniciaram a viagem. Tião era experiente. Já conduzira diversas caravanas, sempre com êxito. Antes da partida, colocou-se à frente da comitiva e, aparentando preocupação, falou alto para que todos ouvissem:

- Pessoal, é o seguinte. Iniciaremos hoje a etapa mais difícil da nossa caminhada que é a subida da serra. Não será fácil para ninguém, nem para as pessoas, nem para os animais. O percurso é perigoso e pode oferecer surpresas desagradáveis. A estrada é estreita, cheia de pedras e de subidas íngremes, bastante acidentada, ladeada por florestas densas, com galhos caídos e, não raro, o surgimento de animais selvagens. Se aparecer algum, não se preocupem. Eles não atacam caravanas grandes como a nossa. Por isso, é importante que andemos sempre juntos, uns próximos aos outros. Que ninguém fique para trás. Em todas as viagens que conduzi, nunca avistei índios, mas dizem que estão por aí. Se surgir alguma dificuldade, tratem de informar-me. Com muita disposição e pedindo a proteção de Deus, vamos em frente, na certeza de que ao final do dia estaremos na Pedra do Urubu, nosso ponto de parada. Já acampamos várias vezes no lugar. Conheço bem o trajeto e sei que o local oferece boas condições. Avante, em frente, todos juntos!

Nives continuou a viagem em sua montaria. Luigi, sempre próximo dela, continuava ladeando a mula com seus pertences. Além da dificuldade que o terreno oferecia, não se registraram maiores percalços na subida, salvo uma das mulas que, tropeçando nas pedras, perdeu o equilíbrio e caiu ajoelhada, sem prejuízos à carga que transportava. Não apareceu nenhum animal selvagem, nem avistaram índios, e, apesar de muito cansados, todos chegaram bem ao local determinado, onde passariam a noite.

A Pedra do Urubu levava esse nome porque sobre ela costumavam pousar aves catartídeas, de rapina, de cor preta, porte avantajado e que se alimentavam de carniça, comumente conhecidas como urubu de cabeça preta. Escolhiam aquele lugar porque, do alto do mesmo, tinham visão panorâmica e privilegiada sobre tudo o que acontecia ao redor, lhes propiciando perceber de longe a existência de possível alimento, garantindo, assim, sua subsistência. Embora de difícil acesso, um pequeno gramado plano formava uma clareira no meio da mata, protegido por um cinturão de figueiras. Sobre algumas das figueiras e escorados

na parede de pedra, foram estendidos troncos de árvores, de pequenas dimensões, sobre os quais eram colocados galhos finos, formando uma espécie de cobertura, renovada a cada caravana que pernoitava no local. Nas proximidades, uma fonte de água cristalina servia às pessoas e aos animais. O ritual de descarregar as mulas e formar um pequeno semicírculo com as malas, sacolas e baús, foi repetido. As mantas eram estendidas no gramado sem qualquer proteção. Com as iguarias compradas na fazenda do senhor Günter, foi preparado o jantar, que, depois de pronto, foi servido a cada um como prato feito. Extenuados pela difícil jornada, após a janta improvisada, deitaram-se sobre suas mantas, enrolados em panos e protegidos pelo precário telhado construído com galhos de árvores e adormeceram. Uma grande fogueira foi acesa no centro do acampamento e Miguel passou a noite em vigília. Contaram com a sorte de um tempo bom, sem chuvas ou chuvisqueiros, comuns naquela região. Com a claridade dos primeiros raios da aurora, levantaram-se, recarregaram as mulas, tomaram café e seguiram viagem.

O terreno continuava íngreme, mas a subida já não era tão acentuada. Podiam andar com mais segurança; pessoas e animais já dispunham menos esforço. Magnífica paisagem descortinava-se sob o olhar maravilhado de todos. Encostas cobertas de mata e vales deslumbrantes passaram a integrar a paisagem antes pedregosa e difícil de percorrer. É que haviam atingido o topo da serra e alcançado o altiplano da região. Aí situava-se a sede da colônia. À medida que as caravanas chegavam, seus integrantes eram conduzidos até o barracão da companhia colonizadora, ao qual davam o nome de hospedaria. Era uma construção simples, de madeira, sem quartos, amplo refeitório e dois banheiros, um para homens e outro para mulheres. Os imigrantes ficavam acampados até seu encaminhamento ao respectivo terreno. Essa demora, às vezes, durava semanas, dada a dificuldade em localizar e delimitar o lote destinado a cada um. As despesas de hospedagem e de demarcação das propriedades eram de conta da companhia colonizadora.

Luigi e Nives alojaram-se num dos cantos do barracão. Acomodaram sua bagagem e trataram de repousar da difícil caminhada, suportada com sacrifício e sem queixas por parte de Nives, o que mereceu, inclusive, elogios de Tião, o guia do grupo.

As refeições eram compartilhadas com Severino e Marieta, com quem dividiam a mesma mesa. A amizade entre os casais começava a se estabelecer, considerados os interesses comuns.

- Severino, falou Luigi, amanhã depois do almoço poderíamos deixar Marieta com Nives e dar uma volta pela redondeza para conhecer um pouco a região e, talvez, conversar com algum colono já estabelecido. O que você acha?

- É uma excelente ideia. Conhecer um pouco do lugar onde viveremos e ouvir o que nos dizem os que nos precederam.

Conforme combinado, depois do almoço fizeram um giro de reconhecimento. Constataram que todos os colonos tinham tomado posse efetiva de seus lotes. As casas estavam prontas ou em fase final de construção. Todos, no entanto, ainda preservavam em perfeito estado as choupanas, edificadas em madeira bruta e cobertas de palhas ou folhas, que lhes serviram de abrigo nos primeiros meses. Parte da mata tinha sido derrubada. O terreno ao redor das casas tinha aspecto limpo e já se podia vislumbrar a existência de coqueiras, chiqueiros e estrebarias, o que denotava a presença de animais. Em alguns pátios das residências já podiam ser vistas pequenas árvores frutíferas, plantadas há pouco tempo, em fase de crescimento. As roças aparentavam bom desenvolvimento vegetativo, comprovando a excelente fertilidade do solo. Podia-se afirmar que a colonização estava implantada naquela linha.

- Bom dia, disse Luigi, ao avistar um colono que vinha voltando com uma carroça puxada por bois, carregada de pasto.

- Bom dia, respondeu. Posso ajudar em alguma coisa?

- Somos imigrantes. Estamos hospedados no barracão da colônia, aguardando que nos conduzam até o terreno que nos foi destinado. Meu nome é Luigi e o dele é Severino. Faz tempo que moram aqui?

- Muito prazer, me chamo Orestes. Já passa de ano que estamos aqui. Como estão vendo, começando a dar um rumo para a nossa vida. Mas não foi fácil. Vocês vão ver. Derrubar a mata, fazer roçado e construir a casa foi muito trabalhoso. Mas, vale a pena. O solo é generoso. Tudo o que se planta cresce e dá bons frutos.

- É bom saber. Chegamos há dois dias e não conhecemos nada. Sua propriedade fica longe daqui?

- Não, é logo ali adiante. É a terceira do lado direito. Desculpem, mas tenho pressa. A Tereza está sozinha. Se quiserem conversar mais, cheguem lá. Hoje à tarde ficarei em casa. Também quero saber alguma coisa da nossa Itália.

Mais tarde, retornaram à residência de Orestes e ficaram sabendo por ele das dificuldades para se estabelecerem na nova terra. O desmatamento do local onde foi construída a choupana, os cuidados com a segurança por causa dos animais selvagens e o fogo permanentemente aceso para afastá-los. Apesar das advertências, os imigrantes não foram molestados por índios. Discorreu sobre a derrubada da mata para as primeiras roças, a precariedade da comida fornecida nos meses iniciais, a escassez de ferramentas para o trabalho e a dificuldade para preparar a madeira para a construção das casas, apesar da abundância de árvores. As terras eram pródigas em florestas com muitas espécies próprias para extração de madeira, como cedro, angico, cabriúva e a imponente araucária. Orestes informou que a única serraria na redondeza ficava a uma distância de pouco mais de três quilômetros e utilizava o velho método de rolar as toras através de uma armação suportada por duas forquilhas sobre as quais eram assentados dois ou mais troncos de árvores, devidamente alisados, por onde as toras eram empurradas até atingirem altura suficiente para abrigar um homem sentado. Um segundo trabalhador ficava na parte superior da tora e ambos puxavam uma serra nas linhas previamente demarcadas, produzindo taboas. Das árvores, somente era aproveitado o tronco. A parte mais fina e a ramada eram queimadas. As casas eram construídas em sistema de mutirão.

- Como vocês podem ver, o trabalho não é pouco, mas garanto que a terra é boa, disse Orestes. O clima é agradável, nem muito frio nem muito quente, parecido com o da nossa Itália, só, ao contrário de lá, o verão aqui é em dezembro, janeiro e fevereiro e o inverno em junho, julho e agosto.

- Vejo que teremos uma tarefa grande pela frente. Ainda bem que contamos com a experiência de vocês. Esperamos ajuda. Retribuiremos assim que pudermos, falou Severino.

- Sem dúvida. Temos feito isso com todos. Um ajuda o outro sempre que há necessidade. Não precisam se preocupar com o pagamento da terra. O Governo brasileiro aceita receber parte do valor em trabalho na abertura de estradas, porque não tem nenhuma por aqui. Acho que vocês notaram quando vieram.

- É verdade, falou Luigi. Não foi fácil chegar. Não vimos nada que pudesse chamar-se estrada. Apenas picadas e pontes improvisadas sobre os rios, quando havia. Em alguns casos, tivemos que cruzar por dentro da água. Ainda bem que eram córregos rasos, em sua maioria.

- Dão licença um minuto. Vou até a cozinha para ver o que a Tereza aprontou para nós.

Luigi aproveitou o tempo para olhar a casa. Era uma construção com pouco ou nenhum acabamento refinado, erguida sobre uma ladeira, permitindo a formação de um porão de dimensões médias. A base era de pedra. A casa era composta de cozinha, sala, varanda e dois quartos distribuídos num único pavimento. As janelas de madeira não tinham vidro e estavam assentadas num suporte formando um parapeito. Uma mesa retangular com dois bancos laterais completava o conjunto de móveis da sala, juntamente com outro colocado contra a parede e sobre o qual sentaram Luigi e Severino. Pelo que se podia ver, não havia fogão na cozinha, mas um caixote de madeira preenchido com terra e algumas pedras, com uma cavidade sobre o meio, na qual era colocada a lenha. Uma chapa de ferro encimava aquela armação e sobre ela algumas painelas. Não havia água encanada. A pia era de madeira com cuba de metal. Um pequeno armário, duas cadeiras e uma mesa completavam o ambiente.

- Como vocês podem ver, a nossa residência é modesta, mas parece um palácio comparada à choupana que construímos quando tomamos conta do nosso lote. Ainda guardo ela nos fundos da casa; serve como paiol para armazenar cereais e, também, como lembrança dos nossos piores dias aqui no Brasil. Se quiserem, podemos dar uma olhada mais tarde. Perto dela, erguemos chiqueiro, galinheiro e estrebaria. Temos galinhas, alguns porcos, duas vacas de leite, um cavalo e uma junta de bois para o serviço. A água, nós retiramos do poço que cavamos perto da casa. Estamos relativamente bem instalados. Sempre sobra alguma coisa para melhorar ou para fazer, mas tudo a seu tempo. Cobri o tanque de lavar roupa para proteger a Tereza do sol. No verão, o sol é muito quente e queima, se a gente se descuida.

Orestes foi interrompido pela chegada da senhora, uma bela mulher, de meia idade, estatura média, nem magra, nem gorda, de semblante simpático. Trazia pão, geleia, um bule com chá e algumas xícaras. Após as apresentações e um pedido para que trouxessem as esposas da próxima vez, retornou aos seus afazeres na cozinha.

- Não têm filhos? perguntou Luigi.

- Apesar de estarmos casados há 12 anos, ainda não temos nenhum, falou Orestes. Primeiro, lá na Itália, evitamos pelas dificuldades

de sobrevivência que tínhamos. Depois de estabelecidos aqui no Brasil, estamos esperando que Deus nos abençoe com alguma criança. E vocês, têm filhos?

- Não, disse Severino, mas a esposa dele está esperando.

- É uma boa e uma má notícia. Boa, porque teremos gente nova por aqui, e má, porque será trabalhoso enfrentar as dificuldades para estabelecer-se com a esposa nessas condições. Mas devemos festejar a novidade. Por aqui, não temos notícias de crianças, salvo as que vieram da Itália. A primeira que iria nascer era a do meu vizinho Rodolfo, mas, veio a desgraça.

- O que aconteceu?

- Ermelinda, a esposa dele, estava grávida de cinco meses. Uma tarde, foi recolher lenha e não viu uma cobra sob a pilha. Era uma cobra coral. Picou-a no braço e na perna. Rodolfo correu até a sede da colônia em busca de socorro, mas o farmacêutico não estava, tinha viajado até o Campo dos Bugres para buscar medicamentos. Retornou no outro dia, mas Ermelinda já havia falecido. Depois disso, Rodolfo não se importou com mais nada. Abandonou as atividades. Hoje, entrega tudo a quem lhe pagar uma passagem de retorno à Itália e se comprometa a quitar a dívida com a companhia colonizadora. Não quer mais ficar aqui. Nós, os colonos já estabelecidos, não temos ainda condições de arcar com essa despesa. Recém estamos colhendo as primeiras safras e não há dinheiro. É uma pena, porque a propriedade tem quase tudo: casa, terreno desmatado e alguns animais e fica logo ali adiante. É a segunda casa à esquerda de quem vem da sede da colônia.

- Mas é permitido vender a propriedade para outro? Perguntou Luigi.

- Sim. Já nos informamos junto ao administrador. Tem que ser tudo com ele. Tem que fazer contrato e assumir a dívida com a companhia colonizadora, assinar alguns papéis, os quais desconheço, porque não perguntei, pois não tenho dinheiro para pagar o valor da passagem. Se vocês têm interesse, posso falar com ele para darem uma olhada na propriedade e, depois, confirmar junto ao administrador as condições da venda.

- Eu gostaria de ver, falou Luigi. Quando pode ser?

- Hoje falarei com ele. Conforme a resposta, amanhã você pode fazer uma visita e depois procurar o administrador.

Tudo combinado, retornaram ao barracão. Luigi tinha recebido expressiva quantia de Giovanni. Sobrou boa parte apesar dos gastos que teve durante a viagem. Expôs a situação a Nives, que também tinha algum valor guardado. Fizeram um balanço do que possuíam e decidiram ver a propriedade no outro dia.

A casa tinha um aspecto de abandono. Portas e janelas fechadas, paredes aparentemente em bom estado, base de pedra e telhado de duas águas, com cobertura de tabuinhas de madeira. O terreno ao redor da casa, sem cuidados, estava virando capoeira. Nos fundos, a tradicional choupana coberta de palhas e algumas construções próprias para abrigar animais. Aparentemente não havia bois, vacas, porcos ou galinhas. Mais ao longe podia-se observar a parte da mata derrubada para fazer as roças. Uma pequena porção de pedras dispostas regularmente ao redor de um buraco coberto com tábuas marcava o poço que fornecia água para as necessidades da casa e dos animais. Um suave murmúrio de água corrente denotava a existência de algum córrego na redondeza. Uma ladeira com pequena inclinação e um vale ao fundo compunham o terreno de 24 hectares, segundo lhe adiantara Orestes no dia anterior. Apenas uma parte da ladeira havia sido desmatada. O restante, incluindo o vale, ainda abrigava mata cerrada de onde emergiam árvores de porte agigantado, encimadas por uma única camada de galhos e folhas que mais pareciam uma coroa do que o conjunto de ramos. O tronco solitário, liso, redondo e desprovido de galhos, emprestava-lhe um aspecto imponente. O conjunto dava a impressão de ter sido esculpido por algum artista e não pela própria natureza. Luigi, apesar de criado no interior, nunca vira árvore tão gigantesca e tão majestosa. Era a primeira vez que se deparava com a araucária brasileira.

Bateram levemente à porta. Em poucos instantes, apareceu um homem com aspecto cansado, barba por fazer, cabelo despenteado, vestindo roupas surradas. Parado na soleira da porta, encarou os visitantes e com voz quase inaudível, perguntou:

- Quem são vocês e o que desejam?

- Seu vizinho Orestes nos informou que o senhor deseja transferir a propriedade que adquiriu da companhia de colonização. Chegamos faz pouco, estamos hospedados no barracão da colônia e gostaríamos de conversar. Chamo-me Luigi e esta é minha mulher Nives. O senhor, como se chama?

- Meu nome é Rodolfo. É verdade que pretendo deixar isso tudo e voltar para a Itália. Orestes sabe disso e, acredito, todos os colonos desta linha também. Por favor, entrem, assim conversaremos melhor.

Afastou-se da porta e abriu uma janela, clareando o ambiente. Luigi e Nives subiram os três degraus da escada que conduzia ao interior da casa. Acomodaram-se em um banco. Rodolfo, com a voz um pouco embargada, historiou sua vinda para a América. Também viera em busca de uma oportunidade. Ermelinda, sua esposa, acompanhou-o. Estabelecidos na colônia, deram início aos trabalhos. Primeiro na construção da choupana, que serviu de abrigo no primeiro ano, enquanto formavam as roças. Receberam víveres, sementes e alguns animais. Após, com o auxílio dos demais colonos, deram início à construção da casa que ficou pronta no final do ano anterior. Tudo corria bem. A lavoura produzira boa safra, os animais cresciam e, como só começaria o pagamento da terra e das despesas de viagem no ano seguinte, deu-se ao luxo de comprar alguns armários, panelas, louças e roupas novas, especialmente para Ermelinda, que era jovem, alegre e gostava de andar bem vestida. Com a gravidez da esposa transcorrendo satisfatoriamente e as condições promissoras das lavouras, tudo se encaminhava para uma situação tranquila, com perspectivas de sucesso. Aí adveio a desgraça. O destino permitiu que um pequeno descuido condenasse Ermelinda à morte. Não havia mais atrativos que o prendessem aqui. Queria retornar ao convívio dos parentes e amigos que deixara na Itália. Adiantou que as terras eram férteis, a madeira abundante e o clima ameno. Ouviu algumas referências de índios nas redondezas, mas nunca vira nenhum. Animais selvagens, sim. Muito cuidado com eles. A caça era abundante. Chegou a comprar uma espingarda. O córrego que passava por lá tinha boa quantidade de peixes. Não havia seca. Os vizinhos, todos italianos que viajaram juntos, eram gente amiga e uns ajudavam os outros em caso de necessidade. A linha do Angico, como era conhecida, estava tomando ares de comunidade. Faltava muita coisa, como igreja, casas de comércio, estradas, mas, com o tempo, tudo tomaria jeito. Por enquanto, as compras eram feitas no povoado do Taquaral, já com alguma estrutura para suprir as principais necessidades dos colonos. De lá, também, vinham os compradores das safras e dos animais. Havia uma grande carência de médicos e remédios em toda a região. Foi a causa da perda da esposa. Padres para missas, batizados e casamentos eram poucos e moravam longe. O governo instituíra um projeto bom,

viável e vantajoso para auxiliar os colonos no pagamento das terras, que consistia em oferecer uma oportunidade de trabalho na abertura de estradas, para quem dispusesse de algum tempo livre. O valor das diárias era descontado da dívida total. Sempre sobravam alguns dias ou algumas semanas para trabalhar fora. Quem podia colaborava porque o pagamento era bom e as estradas beneficiariam a todos. Perguntado sobre os animais, disse que possuía um potreiro cercado, onde estavam uma junta de bois, duas vacas de leite, uma prenha e outra com terneiro ao pé, e um cavalo de montaria, Só recolhia os animais à noite. Tinha algumas galinhas soltas no pátio. Não tinha mais porcos. O último carneara na semana passada para fazer banha e salame que estavam no porão, juntamente com farinha de trigo e de milho, um pouco de arroz e uns quilos de feijão. Na cozinha, açúcar, sal, café e uma lata com banha e carne de porco dentro. Na choupana que servia de paiol, pasto para os animais comerem no inverno e milho em espiga. Isso era tudo.

- Se fizermos o negócio, quando poderás entregar-me a propriedade?

- Na mesma hora. Daqui desço a serra, vou a São João de Montenegro e de lá a Porto Alegre. O Cônsul, quando estive aqui, prometeu ajudar-me no retorno. Amanhã mesmo podemos falar com o administrador da colônia e fazer o negócio. Eu só quero o valor necessário para voltar à Itália e que vocês assumam o débito junto à companhia colonizadora, nada mais. O administrador nos ajudará em tudo. Já sabe da minha desgraça e do meu desejo. Se chegarmos a fazer negócio, nem imaginam o bem que estarão me fazendo. Ao dizer isso, duas grossas lágrimas escorreram pelo seu rosto. Depois de acertado o valor a ser pago, deu um abraço em Luigi, saudou Nives e combinaram que na manhã seguinte procurariam o administrador.

Luigi ainda lembrava de como era viver no interior. Fora criado e passou parte de sua vida no meio rural. Gostou do que viu. Notou a ausência de um pomar, mas lhe agradou a localização por que ficava próxima à sede da Linha do Angico. Também gostou da topografia, parte levemente dobrada e o restante constituído de terra plana, cortada por um córrego. Viu que não seria difícil cultivá-la. Ainda não visitara o vale, mas as encostas prometiam. A casa era sólida, embora necessitada de alguns reparos. As instalações pareciam rudimentares, mas atendiam às necessidades. Não vira os animais, o que faria no dia seguinte.

- O que achas, Nives?

- Eu fui criada na cidade. Não entendo nada da vida rural. Se te parece que o negócio é bom, para mim serve. Confio em ti. Conheces a vida no campo e sabes das nossas necessidades. Sei que te arrastei para essa aventura, então, o que resolveres, para mim está bom.

- Nives, não quero que fales assim nunca mais. Estou nessa contigo, porque quis. Ninguém me obrigou. Amanhã vamos ver o custo total com a transferência da propriedade para o nosso nome e se o dinheiro que temos chega. Eu acho que o negócio serve. Não precisaremos passar por todas as dificuldades que os outros passaram para nos estabelecermos. Não será necessário morar numa choupana no meio da mata até construirmos a casa. Além disso, esta propriedade fica próxima da sede da companhia. Aqui, tudo está feito. É só entrar e tocar o negócio. Penso que é um achado e que o nosso filho, quando nascer, já viverá numa casa e não no meio do mato. Tivemos muita sorte.

Pela primeira vez desde que haviam pisado o solo brasileiro, dormiram satisfeitos e esperançosos.

No dia seguinte, procuraram o administrador, que se mostrou receptivo, e formalizaram o negócio. Enquanto Rodolfo reunia os poucos pertences que pretendia levar consigo, Luigi e Nives ultimaram os preparativos para ocupar, em definitivo, o imóvel. À tarde, Luigi vistoriou e aprovou os animais. No outro dia, terminaram a mudança e, após uma refeição com os poucos mantimentos que havia na casa, trataram de dormir sua primeira noite na propriedade que haviam acabado de adquirir.

## XIX

De imediato, Luigi começou a limpar um terreno que havia escolhido para plantar as mudas de parreira que trouxera da Itália, cuidadas e regadas com todo o carinho durante a longa viagem. Selecionou uma pequena encosta nos fundos da casa, perfeita para um parreiral. Com o dinheiro de que dispunha, após indicações, no dia seguinte, selou o cavalo e tomou o rumo do Taquaral, com a promessa de retornar à noite. Na loja Primavera, escolheu mudas de árvores frutíferas, sementes de milho, trigo, alfafa e hortaliças e separou alguns cobertores. Tomou conhecimento da grande novidade que havia chegado à região: o fogão à lenha, fabricado pela empresa Geral, que viera para substituir os antigos “fogoler”, modelo de fogão proveniente do aperfeiçoamento que os colonos introduziram no “Tucuruba”, de origem indígena. O fogão, todo revestido de metal, estava montado sobre quatro pés do mesmo material, com uma chapa instalada na parte superior onde seriam colocadas as panelas. O fogo aquecia ao mesmo tempo a chapa e o forno. Além das aberturas para colocação das panelas, possuía outra ao fundo, onde um cano, que ultrapassava o telhado, servia para o escoamento da fumaça. Na hora em que Luigi se preparava para efetuar o pagamento, foi interrompido pelo dono da loja.

- Tu vens lá da Linha do Angico, certo?

- Sim, sou de lá. Cheguei há poucos dias da Itália. Comprei a propriedade que era do Rodolfo. Já estou estabelecido. É para lá que vocês devem enviar o fogão e as outras mercadorias que comprei.

- Pelo que eu sei, esse será o primeiro fogão a entrar na Linha. Vou te fazer uma proposta. Se conseguires que dez colonos comprem

um fogão da minha loja, eu te vendo este pela metade do preço. É só tu o mostrares para os demais colonos e dizer que podem pagá-lo na próxima safra. O que achas?

- Penso que é possível. Seria bom se vocês conseguissem levar o fogão entre hoje e amanhã porque me daria tempo para instalá-lo e mostrar como funciona. Sabe como é, mostrá-lo funcionando faz diferença. No domingo, o pessoal costuma se reunir no barracão da companhia para confraternizar e comentar as ocorrências da semana. É uma boa oportunidade de mostrar o nosso fogão instalado, o senhor não acha?

- Acho, sim. Gostei da tua ideia. Vou fazer melhor. Amanhã bem cedo te envio o fogão com dois funcionários que te ajudarão na instalação. Até a noite, deve estar tudo pronto.

- Aceito com prazer. Eu estou sozinho. Minha mulher está grávida e não conto com mais ninguém. Muito obrigado. Pode ter certeza que me empenharei para que os outros vejam.

No dia combinado, a mercadoria chegou, como prometido. Em poucas horas, o fogão estava instalado e funcionando. Nives ficou encantada. Não havia lhe agradado o “fogoler” que estava na casa. Luigi também gostou.

- Acho, Nives, que o pessoal vai gostar.

- Penso que sim. |Especialmente as mulheres. Duvido que alguma gostasse do “fogoler” instalado nas casas. É muito trabalhoso e espalha fumaça e sujeira. Com o fogão é bem melhor.

Nos dias seguintes, Luigi continuou com suas atividades, limpando o terreno ao redor da casa e o tratando dos animais, sempre acompanhado por Nives.

No domingo, como de costume, na parte da tarde, os colonos se reuniram no barracão da companhia. Eles aproveitaram a ocasião e se apresentaram a todos. Confirmaram a compra da propriedade que era do Rodolfo e colocaram sua residência à disposição. Antes do final do dia, quando se preparavam para as despedidas, Luigi ocupou o centro do grupo e falou.

- Pessoal, sou novo aqui e nós viemos para ficar. Estive no começo da semana na loja Primavera e comprei um fogão. Segundo me falaram, esse tipo de fogão é novidade na região. Já foi instalado lá em casa e o proprietário da loja me autorizou a dizer para vocês que ele está

vendendo para pagamento na safra. Se tiverem interesse, podem vê-lo funcionando. A Nives e eu teremos prazer em mostrar.

As palavras provocaram um murmúrio de satisfação, especialmente entre as mulheres. Todos queriam ver. E gostaram muito do que viram. Não mais panelas escurecidas pelo fogo direto, nem fumaça espalhada pela casa, mas uma nova maneira de fazer comida, muito mais prática e higiênica. Luigi anotou o nome dos interessados na compra. Na mesma hora, relacionou doze colonos.

- Amanhã, voltarei ao Taquaral porque tenho mais algumas compras a fazer. Estou me estabelecendo agora e faltam coisas para a casa. Levarei o nome de vocês para o dono da loja Primavera. Ele fará negócio com cada um. Eu só apresento. Acho que todos já conhecem a loja e seu proprietário e como ele costuma negociar. Cada um resolve da maneira que achar melhor. Se alguém quiser me acompanhar, saio bem cedo. Vou sozinho, a cavalo.

Na manhã seguinte partiu em companhia de três vizinhos. Dirigiram-se de imediato à casa Primavera. Luigi adentrou, à frente dos demais, e dirigiu-se ao proprietário.

- Bom dia, senhor D'Agostini. Esses amigos querem falar sobre o fogão. Além deles, outros estão interessados. Tenho uma lista com doze nomes. Os demais virão nos próximos dias. O negócio é entre vocês. Eu vou em busca das mercadorias que me faltam.

Feitas as compras, retornaram ao Angico. Na semana seguinte D'Agostini e Luigi repetiram a operação com a máquina de costura acionada com o pé. Foi um sucesso maior do que o fogão: quinze colonos se inscreveram, interessados na aquisição. O dono da Primavera confidenciou a Luigi que outros negócios seriam feitos em conjunto.

As atividades na nova propriedade seguiam seu curso normal e se prolongavam pelo dia inteiro. Havia muito a fazer. Luigi conseguiu com vizinhos, mediante promessa de troca futura, algumas galinhas poedeiras e um casal de porcos. Das cinco mudas de parreira que ganhara do pai, plantadas na encosta escolhida, quatro mantiveram-se vivas e apresentavam bom desenvolvimento. Com o auxílio de uma junta de bois atrelada a um velho arado, preparou a terra para o primeiro plantio de milho. Nives acompanhava-o nos trabalhos, mas raramente envolvia-se na execução, em parte pelo seu estado e, em parte, por desconhecer as particularidades do serviço da roça, vez que se criara na cidade e

sempre vivera como urbana. Limitava-se a fazer pequenas tarefas, como alimentar os animais e juntar ovos, além de cuidar dos serviços domésticos. Aos poucos, ia se familiarizando com tudo e acumulando conhecimentos que poderiam ser úteis no futuro. Ao término da jornada, após o jantar, Nives adorava sentar na área da casa, entreter-se em conversas com o amado e apreciar a noite. Quando havia luar, preferia recolher-se mais tarde para melhor encantar-se com as belezas que o ambiente noturno oferecia. Sentia-se bem com a paz e a tranquilidade que a solidão da noite transmitia. A única nota de tristeza era a saudade da sua Verona. Eventualmente, recebiam a visita de algum vizinho ou convites para reuniões na casa de alguém; o tradicional “filó”. Aos domingos, todos se reuniam no casarão. Enquanto as mulheres se acomodavam em bancos colocados na parte externa, os homens, no interior, conversavam sobre as atividades desenvolvidas na semana ou compartilhavam um jogo de baralho, normalmente “Trisete,” ou “Quatrilho”. Algumas vezes, promoviam algum desafio de “Mora”, muito apreciado por todos. Ao final do dia, alegres e satisfeitos, retornavam para suas casas, não sem antes ensaiar algum canto trazido da Itália, quase sempre liderados por Francesco e sua esposa Clotilde, um casal de meia idade considerado pioneiro e fundador do Angico. Estabelecera-se na Linha há mais de dois anos. Era informante e conselheiro natural de todos os colonos.

As tardes de verão eram longas e ensolaradas e quase sempre sobrava algum tempo para pescar ou banhar-se no córrego que cortava a parte dos fundos da propriedade. O riacho não era fundo, mas formava, em alguns locais próximos a curvas acentuadas, uma espécie de remanso, quando a corredeira diminuía e as águas tornavam-se preguiçosas e quase paravam. Os colonos chamavam esses locais de poços. Eram próprios para banhos. Protegidos pela mata fechada que ladeava os dois lados do rio, Nives e Luigi banhavam-se despreocupados. A pesca era pouca, alguns lambaris e, com sorte, jundiás, muito apreciados pelo sabor de sua carne.

Num final de tarde, receberam a visita de Severino e Marieta, seus companheiros de viagem. Chegaram alegres e radiantes, graças à novidade do dia. É que foram informados de que sua colônia estava determinada e já demarcada. Ficava no Angico, mas um pouco distante da sede. No outro dia, iriam conhecê-la.

- Sabe Luigi, é a primeira vez na vida que vou ver um pedaço de terra que será nosso, falou Severino. Nunca tive essa oportunidade.

Meus pais eram agregados. Jamais tiveram algo que pudessem dizer que era deles. Fui criado assim, mas, graças a Deus e à ajuda de Marieta, vou poder finalmente dizer que tenho uma terra nossa. Já escrevi aos meus pais e convidei a todos para virem para cá. Estamos felizes. Vocês são os primeiros a compartilhar da nossa alegria. Fizemos questão de vir correndo contar.

- Parabéns a vocês. Que bom que já poderão estabelecer-se. Há muito trabalho pela frente. Desde já, nos colocamos à disposição para auxiliar no que for preciso. Onde fica a propriedade?

- Segundo nos disse o administrador, mais ou menos a um quilômetro e meio da sede. Amanhã, vou olhar de perto.

- Enquanto tu vais, a Marieta pode ficar aqui em casa me fazendo companhia, disse Nives. Assim, o Luigi estará mais livre para trabalhar e poderá te acompanhar.

No outro dia, Severino e Luigi foram com o agrimensor conhecer a futura propriedade. Marieta ficou com Nives. Mal sabia ela que seriam muitos dias assim, até poder estabelecer-se na própria casa ....

## XX

Quem não conhecesse e não convivesse algum tempo com Adão Mateiro não poderia aquilatar o grau de sagacidade e objetividade que norteava seus atos. Filho de pai português e de mãe escrava, foi criado em uma fazenda próxima a São João de Montenegro. Cedo, precisou de toda a sua criatividade para sobreviver num ambiente hostil para mulatos. Teve sorte. Encontrou em dona Balbina, esposa do fazendeiro, a pessoa que marcaria positivamente sua vida e seu destino. Dona Balbina tinha várias escravas a seu serviço, mas ela confiava apenas na negra Zulmira, a única que dormia no interior da casa. As demais pernoitavam em um pequeno barraco no pátio da fazenda. Zulmira era a mãe de Adão, que, por força da convivência com ela, também se criou na casa grande. Zulmira era muito bonita, esguia, de olhos amendoados, porte elegante, pernas bem torneadas e dentes alvos que desfilavam toda a sua beleza em cada sorriso. Sempre alegre e disposta, estava em disponibilidade contínua para os pedidos de dona Balbina.

Num final de semana, Balbina, seu marido e os dois filhos foram a Porto Alegre para os festejos das bodas de prata de seu amigo Olavo. O fazendeiro deixou a fazenda aos cuidados do seu capataz e os serviços da casa à sua fiel escrava. Retornaram na terça-feira da semana seguinte. Balbina, ao regressar, de pronto notou a tristeza que se apoderara de Zulmira. Depois de muita insistência, arrancou dela a confissão de que fora possuída, à força, pelo capataz, na ausência dos patrões. Fulgêncio – esse era o nome do fazendeiro – utilizava mão de obra escrava e exigia rígida obediência de todos. No entanto, mantinha certo grau de

humanidade no trato com seus escravos, até porque representavam um capital produtivo. Não admitia licenciosidade de parte dos peões em relação às escravas, salvo casamento, oportunidade em que alforriava as casadas com brancos, mas não estendia essa liberalidade na união de negros com negras. Não admitia castigos físicos em eventuais falhas, apenas privação da liberdade por algum tempo, nunca superior a um mês. Ao tomar conhecimento do ocorrido, intimou seu capataz para que recebesse Zulmira em casamento e, assim, reparasse o mal feito, sugestão repelida pelos dois. Ato contínuo, dispensou o capataz com a recomendação de que nunca mais retornasse à fazenda Brilhante. Nove meses depois, Zulmira deu à luz um menino. Na pia batismal, recebeu o nome de Adão e Dona Balbina como madrinha. O moleque cresceu saudável, dividindo com a mãe um quarto na casa grande. Passou a ser a companhia preferida de Bento, filho caçula de Fulgêncio, dois anos mais velho. Ao atingir a idade escolar, acompanhava Bento na escola da comunidade. Pela sua condição de mulato, sofreu toda a sorte de discriminação e preconceito dos colegas e até da professora. Suportou as maledicências com galhardia, sempre demonstrando sagacidade incomum. Aprendeu com facilidade o domínio dos números e o segredo das letras. Cresceu e passou a dividir com os outros peões os serviços da fazenda. Gostava muito da caça. Qualquer folga era motivo para se embretar nas matas à procura de animais e de aves. Nessas andanças, ultrapassava os limites da fazenda de Fulgêncio e ingressava em terras de outros fazendeiros. Quando o capataz de uma fazenda vizinha foi encontrado morto, vítima de arma de fogo, as suspeitas recaíram sobre Adão, com quem tivera discussão dias antes, justamente porque caçara nos limites da propriedade. De nada adiantaram as juras de que não vira o capataz e nada fizera contra ele. Um grupo formado por fazendeiros e peões iniciou uma verdadeira caçada a Adão, que só teve tempo de buscar seu cavalo e fugir. Antes da fuga, trocou algumas palavras com sua mãe e com sua madrinha, sempre reafirmando que nada tivera com a morte do homem. Aproveitando a noite, tomou o rumo do rio Taquari e, costeando sua margem, dois dias depois atingiu Estrela, de onde iniciou a subida da serra. No caminho, cruzou com uma aldeia indígena, tendo conquistado a confiança dos índios, após salvar um menino que estava sendo trago pelas águas do rio. Na falta de abrigo melhor, dividiu uma oca com jovens indígenas da mesma faixa etária, onde permaneceu por largo tempo. Não tomou conhecimento do que ocorria no mundo exterior. A abolição da escravatura e o fato de terem descoberto o verdadeiro

criminoso passaram ao largo de suas informações. Moço e filho de escrava, sentiu a força do medo e a pressão do preconceito e não manteve mais contato com a fazenda Brilhante. Em compensação, aprendeu tudo sobre a vida na floresta e conheceu cada detalhe da serra e do altiplano formado em seu cume. Sabia onde nascia e onde desaguava cada curso de água; conhecia todas as trilhas e os pontos de referência de cada montanha e de cada planície. Com medo de ser capturado, sempre evitou a picada que as caravanas trilhavam naquela região, até que, numa tarde chuvosa, encontrou uma comitiva que passava por dificuldades e, tomando coragem, aproximou-se. Então aconteceu o que nunca poderia imaginar. O fazendeiro Fulgêncio integrava a comitiva juntamente com seu compadre Odorico, que havia recebido a concessão de uma vasta quantidade de terra para que fosse repartida em lotes a serem comercializados para os imigrantes italianos que chegariam ao país. O encontro não poderia ser mais emocionante. Lágrimas escorreram pela face do moço ao tomar conhecimento das novidades. Ficou sabendo que sua mãe continuava na Fazenda Brilhante e não perdia a esperança de rever seu menino. Soube, também, da prisão do verdadeiro criminoso e que estava livre da acusação de homicídio. Várias expedições haviam sido organizadas com a colaboração de fazendeiros vizinhos. Vasculharam toda a região. Mas, aos poucos, foram perdendo a esperança de encontrá-lo vivo. A única que nunca desistia era Zulmira.

Refeitos da emoção do encontro, voltaram à realidade. Adão, com todo o seu conhecimento da região, passou a conduzir a caravana por outros caminhos até chegarem ao topo, onde pretendiam instalar a sede da companhia colonizadora. O conhecimento demonstrado por Adão impressionou a todos, especialmente a Odorico, que tinha a missão de implantar as colônias. Tratou de convidá-lo para trabalhar com ele nos serviços de demarcação dos lotes, o que foi aceito com a condição de buscar Zulmira para morar na sede da companhia, dependendo, naturalmente, da autorização de Fulgêncio. Este, prontamente explicou que Zulmira era livre para ir para onde quisesse. Assim foi que, sob a orientação de Adão e segundo a demarcação de dois agrimensores, foram instaladas duas linhas convergindo para o local onde seria erguida a sede. As linhas foram batizadas de Angico e Turvo. Cada linha foi dividida em lotes de 24 hectares, todos de frente para uma estrada rudimentar, aberta pela companhia. Na demarcação dos lotes, Adão tomou o cuidado para que todos possuíssem água em sua propriedade, o que

não foi difícil dada a quantidade de riachos existentes na região. Pelo conhecimento demonstrado, em pouco tempo passou a ser o administrador da companhia. Na sede da colônia apartou área expressiva destinada ao futuro povoado que, imaginava, deveria surgir com o passar do tempo. Reservou terreno para a construção da Igreja, da escola, de lojas, de serraria, de ferraria e de tudo o mais que fosse necessário para a vila que deveria surgir. Sabia que nas redondezas já haviam se formado dois povoados. O mais antigo e mais importante era o Campo dos Bugres, bastante afastado. O outro era o Taquaral, bem mais próximo. Era em Taquaral que os colonos procuravam por ferramentas, animais, sementes e víveres.

Assim que conheceu Luigi, logo viu nele uma pessoa diferenciada. Ao contrário da maioria, Luigi era culto e entendia de muita coisa, inclusive de comércio. Quando, em conversa com o sr. D'Agostini, soube das vendas do fogão e da máquina de costura, mais cresceu a admiração e a vontade de se aproximar do moço. Num final de tarde, bateu à casa de Luigi.

- Boa tarde, senhor Adão. Queira entrar. Em que posso ajudá-lo?

- Luigi, vou direto ao assunto. Como você sabe, sou o administrador das colônias Angico e Turvo. Os lotes estão quase todos ocupados. Parece que as coisas estão andando bem. Mas tenho uma ideia na cabeça. Gostaria que aqui, onde é a sede da companhia, surgisse um povoado. Reservei terreno para tudo, inclusive uma área onde os futuros moradores poderiam se estabelecer e organizar seus negócios. Só não conheço bem os imigrantes. Gostaria que você me ajudasse a formar essa vila. Você conhece quase todo o pessoal.

- Como é que eu poderia ajudar?

- Poderíamos percorrer as colônias em busca de profissionais. Sempre tem aquele que conhece ferraria, um outro que entende de sapataria e aqueles que fazem de tudo um pouco. Eu tenho terreno para todos se estabelecerem. Posso vendê-lo para que paguem com os negócios que desenvolverão, no prazo necessário. Ajudarei a construir os barracões, comprar as ferramentas principais, enfim, ajudarei em tudo o que for necessário para estabelecerem seus negócios. O que você acha?

- É uma ideia muito boa. Mas eu tenho só a esposa para me ajudar e ela está grávida. Preciso tocar o meu serviço também.

- Não se preocupe com isso. Tenho peão de confiança para tocar a sua propriedade enquanto trabalhamos no projeto da vila. Posso também mandar uma senhora para ajudar a sua esposa e fazer-lhe companhia. Além disso, você sabe que, depois de pronto, o negócio renderá um bom dinheiro. E você participará dos lucros.

- Para mim, está bem. Será um prazer ajudar na formação desse povoado.

À noite, Luigi e Nives conversaram sobre as novas atribuições que ele pensava em assumir. Ela mostrou-se reticente e preocupada, uma vez que sua gravidez se encontrava em estado adiantado. Pelos seus cálculos, o bebê nasceria em, no máximo, um mês. Luigi tratou de tranquilizá-la com a promessa de que, se algo não corresse bem, desistiria das novas funções.

Na tarde seguinte, Adão apareceu acompanhado de um mulato e de uma senhora negra, de média idade, aparência simples e um sorriso simpático.

- Este é Francisco, mais conhecido como Chico, e esta é minha mãe. O nome dela é Zulmira. O Chico está comigo há mais de três anos. É meu peão de confiança. Penso que, dentro do que conversamos, minha mãe seria uma boa companhia para tua esposa. Ela foi criada numa fazenda, fazia todos os serviços domésticos e era a parteira das escravas da região. Se a tua esposa concordar, ela poderia morar com vocês. Eu não preciso dos serviços dela. Estou acostumado a me virar sozinho. As duas mulheres se olharam, sorriram e pareceu que se entenderiam. A maior dificuldade era a língua. Nives falava pouco o português e Zulmira entendia quase nada de italiano.

- Não custa experimentar. A casa tem vários cômodos e dona Zulmira pode escolher um para ela, completou Nives.

- Quanto ao Chico, conhece tudo de fazenda. Sabe arar, carpir, plantar e colher. Entende muito de trato e manejo com animais. Pode confiar todo o serviço para ele. Me responsabilizo.

Zulmira e Adão voltaram à sede da colônia e retornaram pouco depois com algumas roupas e objetos pessoais dela. Demonstrando desenvoltura, em pouco tempo Zulmira conheceu as diversas dependências da casa e acomodou seus pertences num dos quartos. Chico se abrigou na choupana.

- Se a senhora permitir, eu posso ficar aqui desde hoje. Lá com o Adão, a vida é muito monótona. Ele passa o dia fora atendendo as colônias e eu fico em casa sozinha, sem ter o que fazer. Aqui tenho companhia e, pelo que pude ver, serviço bastante.

- Vamos começar hoje, sim. A senhora pode ficar à vontade. Já vou mostrar onde guardamos os nossos mantimentos, as nossas roupas e os pertences da casa. Depois, iremos lá fora para conhecer o pátio, o porão, os animais e tudo o mais que temos aqui.

Nives gostou de Zulmira, da sua maneira de ser, da sua espontaneidade, do seu riso franco e da sua presteza no trato das diversas atividades demandadas pelo serviço doméstico. Zulmira, por sua vez, sentiu-se bem. Achou que podia confiar na nova patroa. Embora bem mais moça, lembrou-lhe um pouco dona Balbina, por quem nutria uma admiração profunda e um sentimento de gratidão que lhe acompanharia por toda a vida. A comunicação entre as duas parecia ser, de momento, a maior dificuldade. Mas com o auxílio da mímica, e de algumas intervenções de Luigi, a situação foi se acomodando e a convivência entre elas passou a ser prazerosa. A ajuda de Zulmira foi de muita valia para Nives, que adentrava o nono mês da gravidez com todas as dificuldades que seu estado exigia. Passou a ter mais tempo de repouso, aliviada das atividades domésticas que foram assumidas pela nova amiga.

## XXI

As parreiras começavam a tomar forma. As lavouras de milho, de feijão e de arroz do sequeiro estavam crescendo com ótimo aspecto. A vaca vinha reduzindo a produção de leite à medida que o bezerro crescia, mas a outra estava prenha e deveria parir em poucos dias. O cavalo e a junta de bois continuavam bem. Galinhas e porcos cresciam em tamanho e quantidade e já eram suficientes para garantir o consumo da casa por alguns meses. Os trabalhos, sob os cuidados de Chico e supervisionados por Luigi, aos poucos foram mudando o aspecto de tudo. Podia-se dizer que a propriedade começava, realmente, a se consolidar e a produzir.

Com o auxílio de Adão, Luigi começou a desenhar o esboço da futura vila. Sabendo que dispunha de área, situou, em primeiro lugar, aquilo que denominou de coração do povoado. No centro, projetou a praça. De um lado, situou a Igreja e do outro, uma escola. O restante do terreno foi dividido em lotes nos quais se localizariam as residências e se estabeleceriam as futuras oficinas. Os trabalhos foram iniciados na mesma semana. Um grupo de peões, comandados por Adão, procedeu à limpeza do terreno.

- A primeira coisa a fazer é construir a Igreja e, amanhã mesmo, darei início aos trabalhos com minha equipe de peões, disse Adão.

- Penso um pouco diferente, aduziu Luigi. Acho que deveríamos propor a construção da Igreja na reunião do próximo domingo. Parece-me que, se os colonos ajudarem nos trabalhos, a Igreja passará a ser uma obra de todos. Os colonos se sentiriam parte do projeto e a vila

poderia prosperar com mais facilidade. Assim como o templo será de todos, a vila também passará a ser importante para todos. Eles se sentiriam orgulhosos por participarem da construção do novo povoado.

- Você tem razão. Não tinha pensado nisso. Precisamos da ajuda de todos para poder atingir o nosso objetivo com mais presteza, disse Adão.

No domingo seguinte, a maioria dos colonos estava reunida no salão da companhia colonizadora. Os trabalhos foram abertos e conduzidos por Adão. Luigi interferia em assuntos pontuais que necessitassem de esclarecimentos. Ao informar que pretendia erguer um povoado, todos foram unânimes em concordar e aplaudir. Então, colocou para a assembleia a construção da Igreja.

- Pessoal, é o seguinte: dispomos de uma equipe que poderia fazer o trabalho, mas temos muitas outras necessidades que devemos atender. Assim, eu me dirijo a vocês para pedir colaboração. Colocarei no lugar reservado para a Igreja o material necessário para edificá-la. Peço que ajudem, na medida do possível, em horas de folga, a erguer o templo que, em última análise, será de todos nós. Além da ajuda para construir a Igreja propriamente dita, encareço a vocês que procurem nas casas algumas imagens que poderiam ser colocadas no seu interior. Ainda nesta semana, vou a Montenegro e a Porto Alegre para buscar um sino para o campanário e um artesão para fazer o altar. Na Fazenda Brilhante, onde nasci e me criei, vive o Mestre Tônico, um dos melhores artesãos que conheci. Durante a minha ausência, o Luigi fica encarregado de conduzir os serviços.

Por sugestão da assembleia, ficou estabelecido que a cada final de semana um grupo de cada linha se encarregaria dos trabalhos de construção da Igreja, sob a coordenação de Luigi e conforme projeto elaborado por ele. Durante a semana, Adão colocaria à disposição um ou dois peões para continuar os serviços.

Nives, por força do seu estado, entregou a condução da casa à Zulmira, que procedia em tudo com alegria e eficiência. Sabendo que Adão iria a Porto Alegre, empenhou-se em redigir cartas para sua mãe, para a família de Luigi e para Giovanni contando como era a vida na América e da sua ansiedade pelo nascimento do primeiro filho. E os dias completaram-se para ela. Era sábado. As dores começaram pela tarde. Imediatamente, Zulmira empenhou-se em providenciar tudo o

que necessitaria para auxiliar nos serviços de parto: água quente, panos em abundância e uma cama confortável. Depois passou a dedicar-se exclusivamente à parturiente. Com palavras carinhosas, tratou de incentivá-la a controlar a respiração e a proceder aos demais exercícios necessários para a ocasião, tudo com a calma e com a prática adquirida ao longo de anos executando a mesma tarefa na Fazenda Brilhante. Tendo em vista o nervosismo demonstrado por Luigi, que poderia comprometer o bom andamento do parto, delicadamente solicitou sua saída do recinto e procedeu ao fechamento da porta do quarto. Com muita dificuldade e uma dose elevada de esforço e concentração, algum tempo depois apareceu o bebê. Um garboso menino, com aspecto saudável e uma garganta poderosa foi entregue à mãe, que o acolheu com todo o carinho que suas debilitadas forças permitiam. Luigi, feliz e orgulhoso, recebeu o menino pela vez primeira em seus braços. Grossas lágrimas de alegria escorriam pela sua face. Passou a noite em vigília junto à esposa e ao bebê. Na manhã seguinte, de comum acordo, decidiram que o menino levaria o nome de Giuseppe, em homenagem ao pai de Luigi, e que Adão e Zulmira seriam os padrinhos.

Três anos depois, Adão e Luigi contemplavam orgulhosos a obra que projetaram e ajudaram a construir. Uma bela vila estava nascendo. Resolveram denominá-la Angico. Do outro lado da praça, e de frente para a Igreja, edificaram a escola, que funcionava na parte da tarde acolhendo as crianças. Nives era a professora improvisada, uma vez que era culta e tinha tempo, porque Zulmira assumiu a casa e os cuidados com o pequeno Giuseppe. O idioma era o italiano, único que Nives dominava com perfeição e que todos conheciam. Não havia qualquer conotação de quisto social. Era a língua em que todos se comunicavam e a indicada para dar as primeiras noções do valor dos números e do poder das letras. A notícia da nova vila espalhou-se pela região. Muitos começaram a procurar o lugar em busca de oportunidades. Em pouco tempo, o povoado passou a receber interessados nos mais diversos segmentos da atividade econômica. D'Agostini abriu uma filial da Loja Primavera; do Campo dos Bugres vieram profissionais que fundaram uma ferraria e passaram a produzir toda a sorte de instrumentos necessários para os trabalhos agropastoris, além de utilidades domésticas como panelas, chaleiras e talheres; uma oficina de costura e alfaiataria foi aberta por um casal que veio de São João de Montenegro; um armazém de gêneros alimentícios, bebidas e jogos foi erguido ao lado da Igreja, com uma

bem aparelhada cancha de bochas. Adão, em sua propriedade nos arredores da vila, improvisou uma cancha reta para corrida de cavalos. Até uma farmácia abriu suas portas, trazendo a grande novidade: a presença de um médico, uma vez por mês, em datas preestabelecidas, o que possibilitava o agendamento de consultas. O mais difícil foi conseguir um padre para celebrar os ofícios religiosos e proceder aos batizados e aos casamentos. Conseguiram um que viria a cada dois meses. Era pouco, mas era o que podia ser feito.

O crescimento da vila foi impulsionado graças ao trabalho de abertura de estradas oferecido aos colonos pelo governo. As diárias que os imigrantes recebiam eram canalizadas para o pagamento da dívida com os lotes. Dessa maneira, satisfeito o pagamento da prestação da terra, ou parte dele, com o valor recebido em diárias, o produto da colheita e da venda de animais ficou em poder dos colonos, o que propiciou uma boa circulação de dinheiro e atraiu interessados em expandir negócios no povoado que estava se iniciando. Em pouco tempo, foram concluídas duas estradas de grande importância para a região: uma que unia a vila do Angico ao porto de Estrela, no rio Taquari, e, consequentemente, a Porto Alegre, por onde era escoada a maior parte da produção, e outra que se destinava ao Campo dos Bugres, o maior povoado das redondezas. Adão se empenhou muito na construção dessas vias. Sabia que o sucesso da sua vila dependia delas. E foi feliz; atingiu seu objetivo. As estradas eram seguras e transitáveis e foram de grande utilidade para o desenvolvimento regional. Ao tomar conhecimento de que o governo havia concedido à empresa belga *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil* a exclusividade para construir ferrovias no estado, Adão e Luigi apressaram-se em solicitar, primeiro à empresa e depois às autoridades competentes, a extensão de um ramal até o Angico. Conseguiram do próprio presidente do estado do Rio Grande do Sul, Antonio Augusto Borges de Medeiros, a promessa de que a ferrovia destinaria um ramal para unir a vila à capital do estado.

Na propriedade de Luigi, o parreiral começava a desenhar-se. Embora entregue aos serviços da administração do povoado, nunca abandonou nem confiou a terceiros o trabalho nas vinhas. O preparo da terra, plantio, colheita e cuidados com os animais estavam entregues a Chico, o peão enviado por Adão. As parreiras, não. Essas eram responsabilidade e exclusividade dele. Com seu conhecimento, foi multiplicando as mudas que trouxera da Itália e foi em busca de outras nas

comunidades vizinhas. Praticando a velha máxima romana que ensinava que as “*vinhas amam as colinas abertas*”, Luigi, utilizando processos eficientes, recorrendo à técnica do enxerto e multiplicando mudas, povoou as diversas colinas da sua propriedade. No outono do terceiro ano, começou a produzir vinho. Muitas dificuldades foram superadas, de modo especial, a falta de barris, mas com trabalho e persistência, conseguiu inaugurar a “Cantina Romani”. A qualidade dos seus vinhos começou a chamar a atenção, primeiro dos imigrantes e dos moradores da vila e da linha do Angico e, depois, de toda a região. Os pedidos multiplicavam-se, mas a produção era pequena. Foi então que lhe ocorreu a ideia de aumentar o número de parreirais, utilizando terras da vizinhança, devidamente selecionadas. Eram escolhidas áreas de encostas, com abundância de água e pedras para facilitar a drenagem, além de uma boa posição para a incidência dos raios solares. Luigi fornecia as mudas e ensinava sobre os principais trabalhos que os parreirais exigiam por meio de reuniões com os interessados. Além disso, no decurso da safra, emprestava sua experiência e seu conhecimento para combater doenças e pragas. Ao final, comprava a produção. Embora rudimentar, não deixava de ser um sistema integrado que proporcionava bons resultados tanto para os vicultores quanto para a cantina.

## XXII

Em função das atividades que a envolveram desde sua saída de Verona, como a viagem, o estabelecimento na colônia e o nascimento do filho, Nives dedicou pouco tempo às suas convicções políticas. Limitou-se a organizar e a catalogar os poucos volumes que trouxera da Itália e reuniu-os numa das peças da casa que estava destinada a ser um quarto. Como ainda não tinha armários, acomodou os livros sobre um banco, tendo o cuidado de ordená-los por autor. Além de Bakunin, a cujas ideias emprestava especial atenção e respeito desde a juventude, Pierre-Josef Proudhon passou a despertar sua curiosidade. Juntamente com folhetos avulsos, colecionados ao longo de suas atividades em Verona, possuía dele o livro *O que é Propriedade?*, editado em 1840.

A cada leitura, mais crescia sua admiração pelo autor. Entendeu por que era considerado o maior teórico da filosofia anarquista. Chamou-lhe a atenção o fato de ele defender um Anarquismo sem violência. Começou a prestar mais atenção ao que pregava. Passou a admirá-lo, de modo especial pelos seus ensinamentos pacifistas:

*“Em suma, não sistematizo; peço o fim dos privilégios, a abolição da escravatura, a igualdade de direitos, o reino da lei. Justiça, nada mais que justiça, tal é o resumo do meu discurso; deixo aos outros a tarefa de disciplinar o mundo”* (O que é Propriedade – p.13 – Proudhon - Ed. Stampa, Lisboa).

Ao longo da obra, Proudhon detalhava como entendia o Anarquismo, sempre invocando o princípio de que a Justiça deveria nortear o caminho das pessoas e da sociedade:

*“A Justiça é o astro central que governa as sociedades. Entre os homens nada se faz que não seja valorizar o Direito, invocando a Justiça. A Justiça não é obra da Lei, pelo contrário. A Lei é apenas a declaração e a aplicação do justo”* ( O que é Propriedade?, Proudhon, p. 23 - Ed. Stampa, Lisboa).

À noite, nos colóquios que mantinha com Luigi, Proudhon passou a ocupar o centro da conversa. Estava perfeitamente esclarecida a atuação dele e a de Bakunin na implantação da nova filosofia. Proudhon, pregava a transformação do mundo pelo Anarquismo e os princípios que deveriam ser obedecidos para fazê-lo, sempre invocando a Justiça e a Ordem. Bakunin, por sua vez, não abolia a utilização da força, quando necessário. Proudhon preferia o convencimento pelas palavras. Ambos, no entanto, viam no Anarquismo a única forma de o homem sentir-se efetivamente livre.

O movimento republicano que começou a se espalhar pelo mundo, substituindo os governos monárquicos, chegou ao Brasil em 1889. Proudhon, que já conhecia a democracia e a forma republicana de governar, por força da vivência em diversos países, entendia que a democracia não era uma teoria libertária. E, do alto do seu conhecimento, ensinava:

*“O que é a monarquia? É a soberania de um homem. O que é a democracia? É a soberania do povo ou, melhor dizendo, da maioria nacional. Mas é sempre a soberania do homem posta sobre a soberania da lei, a soberania da vontade em vez da soberania da razão, numa palavra, as paixões substituídas pelo direito....”* (O que é Propriedade?, P. J. Proudhon – p. 27, Ed. Stampa, Lisboa).

Bakunin, da mesma maneira, também se insurgia contra os chamados governos democráticos, de quem discordava. Em sua obra “Estatismo e Anarquia”, deixou clara essa discordância:

*“assim, sob qualquer ângulo que se esteja situado para considerar essa questão chega-se ao mesmo resultado execrável: o governo da imensa maioria das massas populares se faz por uma minoria privilegiada. Essa minoria, porém, dizem os marxistas, compor-se-á de operários. Sim, com certeza, de antigos operários, mas que tão logo se tornem governantes ou representantes do povo, cessarão de ser operários e observarão o proletário de cima do Estado, não mais representarão o povo, mas a si mesmos e suas pretensões de governá-lo. Quem duvidar disso não conhece a natureza humana”.*

Outros princípios de Proudhon eram estudados e debatidos entre o casal nas horas de folga. Alguns contrariavam as convicções de Luigi, que via com reservas certas ideias libertárias. Um dos temas objeto de dúvidas frequentes, era o que dizia respeito ao direito de propriedade. Luigi fora criado em zona rural e, agora, tinha voltado a viver no campo. Concordava com o princípio de que a condição básica para justificar uma vida seria obrigatoriedade do trabalho. No entanto, entendia que a garantia de uma vida tranquila para si e para a sua família, só seria viável com o direito à propriedade; somente o direito à posse, como pregava Proudhon, não seria suficiente. Não um latifúndio, uma grande extensão de terras. Nada de arrendatários e agregados. Nada de viver de arrendamento, explorando o trabalho alheio. Somente uma propriedade da qual se sentisse dono, onde pudesse explorar e investir livremente e dispor dela de acordo com suas necessidades e, um dia, no futuro, deixá-la para seus filhos. Entendia que, assim, a pessoa se sentiria realizada e feliz. Não sabia como garantir segurança para si e para a sua família a não ser através da propriedade, contrariando frontalmente a filosofia libertária que Proudhon propunha:

*“A terra, como a água, o ar e a luz é um objeto de primeira necessidade que cada um deve usar livremente, sem prejudicar ninguém”* (O que é Propriedade, P. J. Proudon, Ed. Stampa, Lisboa, p. 79).

Em outro capítulo, o ilustre pensador afirmava:

*“o direito de propriedade foi a causa principal do mal na terra, o primeiro anel da longa cadeia de crimes e misérias que o gênero hu-*

*mano arrasta desde a nascença*” (P. J. Proudhon, O que é Propriedade? Ed. Stampa, Lisboa, p. 83).

Proudhon admitia a posse, nunca a propriedade. Dizia que o bem pertencia a quem o possuísse e o trabalhasse, e ninguém poderia intitular-se dono, porque a terra era de todos.

*“A posse individual é a condição da vida social; cinco mil anos de propriedade o demonstram: a propriedade é o suicídio da sociedade. A posse está no direito; a propriedade é contra o direito. Suprimam a propriedade, conservando a posse; apenas por essa modificação no princípio modificareis tudo nas leis, no governo, na economia, nas instituições e expulsareis o mal da terra”* (P. J. Proudhon – O que é Propriedade?, Ed. Stampa, Lisboa, p. 246).

Rousseu também se insurgiu contra o direito de propriedade:

*“o primeiro homem que, havendo cercado um pedaço de terra disse ISTO É MEU e encontrou pessoas tolas suficiente para acreditarem nas suas palavras, este homem foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras e assassinios, de quantos horrores e misérias não teria poupado o gênero humano aquele que, arrancando os marcos ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: livrem-se de escutar esse impostor, pois estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e a terra de ninguém”* (O Contrato Social, editado em 1762).

Outro ponto que intrigava Luigi era o que dizia respeito à criação e à educação dos filhos. Não aceitava a ideia de que o direito dos pais sobre os filhos resumia-se a amá-los; a educação deveria ser ministrada pela sociedade. Luigi entendia que os pais deveriam ser figuras primordiais na formação e na educação dos filhos. A educação das crianças, segundo a filosofia anarquista, era um dever da sociedade e um direito dessas mesmas crianças. Para Luigi, a sociedade e a escola poderiam ter mais conhecimentos e mais didática, mas jamais poderiam dispensar a colaboração dos pais, porque ninguém desejaria mais o sucesso e a felicidade dos filhos do que os próprios pais.

Por outro lado, agradavam-lhe, sobremaneira, os princípios de igualdade pregados pelo Anarquismo. Igualdade de direitos e deveres entre nobres e plebeus, ricos e pobres, homens e mulheres. Compartilhava com entusiasmo o respeito que o Anarquismo emprestava às mulheres. Julgava apropriado o pensamento de Proudhon sobre como o homem deveria amar e respeitar as mulheres ao longo da vida: na infância, como mães; na adolescência, como irmãs; na mocidade, como amantes; na virilidade, como esposas; e na velhice, como filhas.

Resumindo, Proudhon ensinava que as mulheres eram merecedoras do respeito e do amor dos homens em todas as etapas da sua existência.

### **Anarquismo no Brasil**

Vivendo afastados dos grandes centros que começavam a se formar no país, Luigi e Nives tinham poucas informações sobre os movimentos anarquistas no Brasil. Ouviram referências sobre a Colônia Cecília, fundada pelo italiano Giovanni Rossi, em Palmeira, no Paraná, não muito distante da Linha do Angico, e também souberam, superficialmente, da experiência libertária do brasileiro descendente de italianos Avelino Foscolo<sup>17</sup>, em Sabará, interior de Minas Gerais, distante da região onde viviam. A penetração da literatura anarquista no sul do Brasil era quase inexistente. Poucos a conheciam, salvo aqueles que tinham trazido da Europa os livros lá editados. Os clássicos da literatura anarquista entravam livremente em quase todas as nações, traduzidos para os idiomas pátrios. No Brasil, no entanto, especialmente no Sul, a penetração era mais difícil devido ao isolamento das colônias. A tradução das obras anarquistas praticamente inexistia. Apesar das dificuldades, as ideias libertárias encontraram eco em diversas regiões do país. Em 1888, por exemplo, o italiano Arturo Campagnoli<sup>18</sup> teria fundado uma colônia anarquista em Guararema, São Paulo. Em 1892, italianos criaram no Brasil o primeiro jornal de filosofia libertária, intitulado *Gli Schiavi Bianchi*, também em São Paulo. Seu diretor foi Galileo Botti. A partir de 1893, *O Correio Paulistano*, jornal oficial do Partido Republicano Paulista, começava noticiar a entrada de imigrantes anarquistas que, segundo aquele órgão de imprensa, tinham por objetivo disseminar a discórdia e a desordem. Em consequência, muitos ativistas do Anarquismo, mesmo que pacíficos, acabaram presos arbitrariamente. Diver-

sois jornais em língua italiana passaram a circular em terras paulistas, como *La Bestia Umana*, *La Nuova Gente*, *La Bataglia*, para citar alguns. São Paulo, pela quantidade de italianos que recebia para trabalharem nas fazendas de café, uma vez que a escravatura fora abolida, passou a centralizar os maiores movimentos libertários do Brasil. Muitos imigrantes se radicavam nos centros urbanos por não aceitarem as condições de trabalho impostas nas fazendas. O primeiro jornal anarquista editado em português foi o *Amigo do Povo*, de São Paulo, mantido por um grupo de simpatizantes, dentre os quais o brasileiro Benjamim Mota e os italianos Oreste Ristori<sup>19</sup> e Gigi Damiani, que também fundaria, em Curitiba, no ano de 1900, o jornal *Il Diritto*. No Rio Grande do Sul, a partir de 1906, circulava em Porto Alegre o jornal anarquista *A Luta*. Notícias esparsas informavam a existência de publicações do gênero em outros estados brasileiros, como o Rio de Janeiro, então capital federal, Minas Gerais e Ceará. Era tão importante a contribuição emprestada pelos italianos à nova filosofia, que, tanto as associações como as publicações, nasciam e se consolidavam sob a liderança deles. No entanto, a falta de uma organização partidária que exigisse uniformidade ideológica contribuiu decisivamente para que o movimento não atingisse os objetivos almejados pelos militantes. Diversas correntes de pensamento se estabeleceram entre os próprios anarquistas, com prevalência do anarcocomunismo pregado por Kropotkin e Malatesta<sup>20</sup>. A falta de uma visão ideológica comum acabou minando os objetivos que o movimento apregoava e dificultou o estabelecimento de uma sociedade verdadeiramente livre. Se havia coincidência de pensamento sobre a meta a ser atingida, havia, também, muita divergência sobre o caminho que deveria ser percorrido e sobre as estratégias a serem empregadas para atingi-la. Por esses motivos, não foi possível encontrar uma ideia que unisse a todos sob a mesma bandeira. Tamanha era a diversidade, que o jornal *Il Libertario*, em sua edição de 1º de maio de 1906, afirmava que

*“Pretender que as nossas sociedades correspondam às teorias libertárias é loucura, porque os elementos que as compõem pertencem a ideias e métodos os mais divergentes.”*

A exemplo do que acontecia em outros países, também no Brasil o comunismo, embora nascido no mesmo lar socialista do Anarquismo, acabou sufocando o ideal anarquista.

Nesse contexto, a filosofia mantinha-se viva no coração e no pensamento de Nives, mas sem possibilidade de transformar-se em ação concreta. Assim que soube que Giovanni Rossi – fundador e mentor da Colônia Cecília – ainda vivia no Brasil, em Taquari, próximo ao Angico, usou todo o seu poder de persuasão para convencer Luigi a lhe fazerem uma visita. Era uma última tentativa de compreender as razões por que o Anarquismo prosperara pouco em solo brasileiro. De carroça, acompanhados do filho Giuseppe e de Zulmira, percorrendo a estrada que levava ao porto de Estrela, iniciaram a viagem. Atingiram Estrela na noite do mesmo dia, onde pernотaram. Na manhã seguinte, a bordo do vapor que fazia o trecho Estrela-Porto Alegre, chegaram à cidade de Taquari. Após as acomodações em uma estalagem, procuraram a Escola Superior de Agronomia, onde Giovanni era professor, e agendaram visita para a noite, na residência dele.

O casal, em poucas palavras, historiou sua breve passagem pelo Anarquismo italiano, a vinda para o Brasil e sua nova vida no Angico. Conheceram as duas meninas filhas de Giovanni, gauchinhas lindas, loiras, de olhos verdes e de muita vivacidade, bem como Eleda, sua companheira.

- Em primeiro lugar, disse Giovanni Rossi, estamos, a Eleda e eu, felizes com a visita que estão nos fazendo. Nos sentimos orgulhosos em saber que a nossa experiência na Colônia Cecília ainda desperta a atenção de pessoas como vocês, jovens e idealistas, que, a exemplo de tantos outros, procuram inteirar-se de como seria viver o Anarquismo na prática. Depois de sorver um generoso gole de vinho, continuou sua narrativa.

- Tive a felicidade de expor minhas ideias em diversos escritos jornalístico e, de modo especial, num pequeno trabalho denominado “*Il commune in riva al mare*”, onde simulei a vida numa comunidade semelhante a que vivemos em Cecília. Esse trabalho mereceu a atenção de muitas pessoas, mas, de modo especial, do monarca mais inteligente, mais culto, mais sensível e com o espírito mais aberto às novas ideias da nossa época. Refiro-me ao Imperador do Brasil, D. Pedro II, um apoiador das artes e das ciências como nenhum outro no seu tempo. Tive a ventura de conhecer, também, um músico brasileiro de renome internacional chamado Carlos Gomes, através de quem pude me aproximar do Imperador, que me cedeu 300 alqueires de terra onde poderia praticar tudo o que havia imaginado na obra acima referida. E as terras

me foram cedidas sem ônus, isso é, sem contrapartida de pagamento e sem qualquer imposto ou outra obrigação para com o Estado ou para com terceiros. Vocês podem achar estranho eu, um anarquista convicto e praticante, estar elogiando um monarca que representa a antítese da filosofia libertária. Mas D. Pedro II era especial e eu faço questão de testemunhar isso. Penso, até, que o Brasil, de uma forma ou de outra, deve pagar a ingratidão e a tremenda injustiça que cometeu para com o seu Imperador. Não sei se serão necessários anos, décadas ou séculos para purgar a pena. Mas, com toda a certeza, o castigo virá.

E prosseguiu:

- Assim que tomamos posse da área, começamos a receber a adesão de pessoas dispostas a viver a mesma experiência. Alguns eu já conhecia da Itália e outros espontaneamente associaram-se e passaram a integrar o grupo. Vieram pessoas cultas como professores, médicos, engenheiros, e vieram também camponeses. Não havia regulamento nem normas, mas sempre foi esclarecido que cada um deveria ajudar a prover o próprio sustento e o do grupo, no qual havia crianças e pessoas sem condições de trabalhar, em horário que melhor aproovesse a cada um. E posso dizer que viviam felizes. A maioria trabalhava a terra na parte da manhã. A tarde era dedicada às artes, às ciências, ao amor e à educação das crianças. Cada um fazia seu horário. Alguns procuraram ocupação fora da comunidade para onde retornavam à noite com o fruto do seu trabalho. As mulheres eram livres, não para se relacionar com todos, mas para pertencer aquele a quem haviam escolhido e por quem, reciprocamente, foram escolhidas. Então, começaram as dificuldades. Primeiro, após a proclamação da República, passaram a cobrar impostos e exigir contrapartida pela terra, uma vez que os novos governantes não reconheciam a doação sem ônus feita pelo Império. Depois, muita pressão das comunidades vizinhas, que não se conformavam com o nosso sistema de vida. E, finalmente, o golpe de misericórdia, desferido por Tavaris, nosso escrivão e encarregado da venda da produção da coletividade. Em determinado dia, encheu as carroças com o produto da colheita, foi à cidade fazer a venda e nunca mais retornou. Foi o nosso Judas.

- Mas não havia meios de continuar? Perguntou Nives.

- Até haveria, mas eu cometi um erro de avaliação. As pessoas que acorreram à Colônia em busca de outra maneira de viver eram todas egressas da sociedade velha a que pertenciam, sem terem sido convenientemente preparadas. Assim como é impossível erguer um edifício

só com materiais recolhidos nas sucatas, é improvável o sucesso de uma sociedade nova com pessoas contaminadas com as deformações da sociedade antiga, sem a necessária depuração. Foi o que ocorreu na nossa Colônia. O ser humano nasce puro e sem vícios. Mas, ao longo do tempo, a sociedade onde ele está inserido envida todos os esforços para que ele se torne um ser individualista, egoísta e ganancioso. Para isso, ele é meticulosamente treinado. Primeiro na família, onde aprende o valor do “eu” e do “meu”. Depois, na escola, onde é ensinado a ser o melhor e as vantagens que advirão dessa superioridade e, finalmente, na sociedade, que aperfeiçoa todo o sistema, incutindo nele valores que incentivam o ego, a intolerância e o individualismo. Empolgado pela oportunidade de colocar em prática o que povoava meu imaginário, não dei a devida atenção ao problema. Hoje, entendo que, para o êxito de uma comunidade construída com os valores pregados pelo Anarquismo, seria necessário educar as pessoas. A Colônia Cecília me deu muitas alegrias e a certeza de que as pessoas seriam muito mais felizes se vivessem de acordo com a filosofia anarquista, mas, ao mesmo tempo, me escancarou toda a gama de dificuldades para chegar ao objetivo. A humanidade precisa evoluir muito para atingir os parâmetros exigidos para uma vida sob a égide libertária.

As últimas palavras foram ditas em voz baixa e com um acentuado sentimento de tristeza. Sua fala não expressava só uma confissão, mas toda a decepção pelo fim de um projeto no qual acreditava e para o qual empenhara todos os seus esforços, mas que, por fatores diversos, não prosperou.

- E agora, como vai ser a sua vida? Vai tentar outra comunidade utilizando a experiência vivida em Cecília? Perguntou Luigi.

- Não. Meu período de experiência libertária está encerrado. Continuo com a minha convicção. Continuo acreditando que o Anarquismo melhoraria o convívio entre as pessoas e entre as nações. Levarei minha vida e a da minha família o mais próximo possível do modelo que escolhi. Vou continuar minhas atividades de professor e de pesquisador até que minhas filhas atinjam idade propícia para enfrentar uma viagem à Itália, onde pretendo viver meus últimos dias.

- Pensei que o senhor continuasse aqui no Brasil. Ficou alguma mágoa ou algum ressentimento que o faz retornar às origens? Perguntou Nives.

- Ao contrário, meus amigos. Só tenho sentimento de gratidão para com a pátria brasileira. Foi essa terra que me permitiu viver, na prática, as ideias que, na Itália, povoavam minha imaginação. Aqui, encontrei em Eleda não só o amor da minha vida, mas a companheira solidária, a incentivadora incansável e o meu refúgio na hora das dificuldades. Aqui nasceram minhas duas filhas, que passam a ser, doravante, juntamente com Eleda, a razão do meu viver. E, acreditem, esta terra é grande e generosa. Grande na acepção da palavra. Para avaliar o seu tamanho, basta dizer que a Europa toda quase cabe dentro do Brasil. Aqui, a natureza foi pródiga. Deu a este país riquezas minerais e vegetais de proporções incalculáveis, assim como uma tal quantidade de água doce que não é encontrada em nenhuma outra nação do mundo. E deu tudo isso juntamente com um clima ameno. Aqui não existem nevadas, nem tempestades destruidoras, nem vulcões, nem tufões, nem furacões ou qualquer outro fenômeno meteorológico com grande capacidade destrutiva. Aqui, basta querer trabalhar e as coisas acontecem por si. Países com a potencialidade do Brasil existem poucos no mundo. E o que é mais importante: neste País, tudo está por fazer. Basta que seja bem feito para que o Brasil se torne uma potência mundial, não potência bélica, mas potência na produção de alimentos e de riquezas. Aqui as pessoas têm todas as condições para levar uma vida feliz. Vou retornar à Itália porque foi lá que nasci e é lá que estão as minhas raízes. Futuramente, se minhas filhas desejarem, retornarão com a certeza de que esta terra as receberá de braços abertos.

Luigi e Nives despediram-se, com promessas de futuros encontros e retornaram ao Angico, onde reiniciaram suas atividades.

A vila do Angico foi crescendo. Aos poucos, novos habitantes acorriam em busca de oportunidades. A Cantina Romani foi conquistando mercado e respeito entre consumidores e pessoas que entendiam de vinho e o apreciavam. A pequena escola foi reformada e ampliada e passou a integrar a rede estadual pública, com aulas nos turnos da manhã e da tarde para crianças e jovens e, no turno da noite, para adultos, o que foi possível graças a uma pequena usina hidrelétrica particular, que passou a fornecer energia para o povoado. Com a chegada do corpo docente contratado pelo Estado, Nives declinou do convite para continuar lecionando e passou a dedicar-se aos afazeres domésticos, sempre ajudada pela fiel amiga Zulmira. O pequeno Giuseppe ia crescendo e conquistando a admiração de quantos o conheciam. A Igreja Católica,

tendo em vista a importância do novo povoado, designou um sacerdote para officiar as missas e os demais atos litúrgicos a cada duas semanas. No lugar da pequena capela, foi construída uma Igreja maior, mantidas, no entanto, em seu interior, todas as imagens doadas pelos imigrantes e o belo altar esculpido pelo mestre Tonico. Um novo campanário foi erguido, bem mais alto, de modo que o som dos seus sinos ecoava em toda a região. Adão Mateiro, de casa nova, passou a frequentar com assiduidade crescente a cidade do São João de Montenegro, enamorado que estava da bela Edvigés, filha de imigrantes alemães, a quem prometera casamento. Zulmira vivia tão bem na casa de Luigi e estava tão afeiçoada ao pequeno Giuseppe que pretendia continuar morando na companhia deles mesmo após o casamento do seu filho Adão.

Nives passou a conviver com as mulheres do povoado e, aos poucos, passou a admirar a fé que elas depositavam nos santos que veneravam. Apesar de agnóstica por convicção, concordou com o batismo cristão do seu Giuseppe e passou a assistir aos officios religiosos ministrados na Igreja do povoado, primeiramente para agradar a Luigi e, com o tempo, para tentar entender as razões que levavam todas aquelas pessoas a viver em função da religião que professavam. Essa curiosidade levou-a a se interessar pelo Cristianismo Libertário. No entanto, a literatura disponível era mínima. Resumia-se à Bíblia, em especial, ao Novo Testamento. Salvo Luigi, não havia ninguém mais com quem pudesse dialogar a respeito. Também, por isso, ansiava pelo retorno à Europa, onde poderia inteirar-se mais sobre o Anarquismo Cristão, ler autores filiados a essa corrente, em especial Tolstoi, de quem ouvira referências desde a adolescência. Pretendia estudar *O Reino de Deus está em Vós*, que não valorizara em Verona porque estava com o pensamento voltado apenas para os escritos de Bakunin. Lembrava, vagamente, que o livro recebera dupla condenação na Rússia: fora proibido pelo regime czarista e seu autor fora excomungado pela Igreja Ortodoxa. Pesquisaria outros pensadores que professassem a mesma filosofia para tentar entender os motivos que os fizeram optar pelo Cristianismo Libertário. Luigi, por sua vez, não abandonou nem a sua fé no cristianismo, nem a convicção de que o Anarquismo lhe ensinara muito, especialmente sobre a igualdade de direitos para todas as pessoas, independentemente do sexo e da condição social e econômica de cada um.

## XXIII

Luigi e Nives, acompanhados de Zulmira e do menino Giuseppe, aguardavam ansiosos no cais do porto de Porto Alegre o vapor que os conduziria a Rio Grande e, depois, a Santos, onde embarcariam no transatlântico que os levaria à Itália. Era a primeira vez que retornavam à terra natal. A expectativa pela viagem era enorme. Luigi pretendia, além de visitar seus pais, familiares e amigos, mostrar o pequeno Giuseppe e devolver a seu grande benfeitor Giovanni a quantia que, generosamente, lhe adiantara no dia da partida, que fora de grande valia, tanto durante a travessia quanto para se estabelecer na nova terra. Reconhecia que muito do que construía e do que possuía teria sido impossível sem o auxílio daquele dinheiro. Pretendia, também, abraçar seu fiel amigo, Frei Gottardo, com quem mantinha regular e assíduo contato epistolar, além de rever Frei Rocco e o padre Antônio. Formara em sua mente a convicção de que o Angico era o seu lugar e que fora um grande acerto a sua vinda para o Brasil. Pretendia, também, propiciar a seus pais a oportunidade de visitar a sua nova terra para que constatassem pessoalmente todos os acertos e todas as conquistas que conseguiu no Novo Mundo.

Nives, por sua vez, além de rever sua amada Verona, pretendia convidar a mãe para que retornasse com ela, senão em definitivo, ao menos por uma temporada. Fora comunicada, por carta, que seu pai falecera no ano anterior. Inobstante as desavenças que culminaram com sua fuga para o Brasil, ela derramou copiosas lágrimas ao tomar conhecimento da morte do pai. Mortificou-se pela perda e porque ele partira sem que houvesse tempo e oportunidade para promover a reconciliação

entre os dois. Chorou por muitos dias o infausto acontecimento. Não sabia exatamente as causas da morte porque tanto o irmão quanto a mãe foram evasivos e muito superficiais na informação dos detalhes que culminaram com o triste desfecho.

Zulmira estava radiante com a oportunidade de conhecer a Europa. Desde os tempos da Fazenda Brilhante, ouvia referências elogiosas a respeito da vida e das belezas do Velho Continente. Primeiro, dona Balbina e, depois, Nives, povoaram sua mente com histórias e descrições sobre as maravilhas que por lá existiam. Ansiava por conhecê-las.

Giuseppe, já com oito anos, queria mesmo era viajar num navio grande. Sua fértil imaginação lhe ofereceria inúmeras aventuras na grande embarcação. Mais do que todos, ansiava pela hora do embarque. Na volta, teria muito para contar a seus amiguinhos.

A vida a bordo do transatlântico oferecia novidades para o menino Giuseppe. Juntamente com seus pais e com Zulmira, passava o tempo percorrendo as diversas dependências do navio, vivendo uma nova aventura a cada dia. À noite, recolhia-se à cabine que dividia com Zulmira. Luigi e Nives ocupavam a cabine ao lado.

- Sabes, Nives, falou Luigi, esta é a segunda vez que cruzamos o Atlântico. Que diferença entre as duas viagens! Lembras daquele casal jovem que entrou num navio, há quase 10 anos? Era a primeira viagem marítima que empreendiam. Sufocados pela incerteza que o futuro lhes reservava, tímidos e amedrontados, ostentavam aparente tranquilidade na tentativa de disfarçar o temor que sentiam.

- Se lembro, Luigi. Que loucura! Ainda bem que eu contava contigo para me dar coragem.

- Vou te confessar um segredo, Nives: quando te dizia que tudo ia dar certo, eu não tinha certeza alguma. Viajava ao sabor da aventura, para poder estar perto de ti. E chegamos ao Brasil, subimos a serra e alcançamos o Angico. Tu, grávida do nosso menino, fizeste a caminhada no lombo de uma mula, dormiste ao relento, na mata, sem qualquer queixa, apesar das dores que sentias. Mereces tudo o que construímos, inclusive esta viagem maravilhosa. O destino foi pródigo conosco.

- É verdade. Temos muito a agradecer.

Ocupavam o tempo da travessia recordando a chegada ao Angico, a compra da propriedade de Rodolfo, a parceria com Adão Mateiro,

a cantina de vinho e a formação da vila. A propósito do vinho, Luigi trouxera uma caixa que repartiria com o Frei Gottardo, seus amigos Giovanni e Chiarina e seus pais Giuseppe e Gelsemina, a quem orgulhosamente, mostraria o rótulo da garrafa com o sobrenome da família.

A propriedade no Angico ficara aos cuidados de Chico, o fiel peão enviado por Adão Mateiro, que continuava a trabalhar para Luigi e conhecia tudo o que interessava, desde o cultivo da terra e os cuidados com os animais, até os manejos necessários para a conservação do vinho.

No campo das reminiscências, capítulo especial estava reservado à Zulmira. Que achado! Que mulher maravilhosa cruzara seu caminho! Além da viagem à Europa, um sonho acalentado por ela desde os tempos da Fazenda Brilhante, frequentara a escola noturna do Angico, a pedido de Nives. Com o objetivo de assegurar uma velhice tranquila a sua fiel amiga, Luigi depositava mensalmente, certa quantia na conta que abria em nome dela, no escritório que o Banco da Província do Rio Grande do Sul abria no povoado.

Desembarcaram em Gênova e seguiram de trem para Verona. Giovanni, Chiarina, Delelma e Frei Gottardo os aguardavam na estação de Porta Nuova. Abraçaram-se e choraram. A emoção foi demais. Coube ao menino Giuseppe quebrar o encanto do momento.

- Afinal, disse ele, com a franqueza que caracteriza as crianças, não vamos sair daqui?

Só então, deram-se conta da necessidade de abandonar o local. Rumaram direto para a casa de Giovanni, onde um almoço, cuidadosamente preparado por Chiarina, os aguardava. Luigi aproveitou a ocasião para devolver ao amigo o dinheiro que, generosamente, lhe havia entregue no dia da partida para o Brasil. E o fez com todas as palavras de agradecimento que conhecia, ressaltando a utilidade daquele valor, tanto durante a travessia quanto para se estabelecer na nova terra, sem esquecer do insistente convite para que ele e Chiarina o visitassem no Brasil.

Em Verona, hospedaram-se na casa paterna de Nives, que ansiava por um momento de privacidade com a mãe para inteirar-se dos acontecimentos que culminaram com a morte de seu pai, Constante. Ficou sabendo que na mesma noite da partida, a mãe contara tudo ao pai, sem qualquer omissão, jogando sobre ele a culpa pela fuga da filha.

Ao tomar conhecimento de como fora enganado, enfureceu-se de tal maneira que só não agrediu a esposa porque o filho Alduíno se interpôs entre ambos. Naquela noite mesmo, Delelma passou a ocupar o quarto que antes era usado por Nives, e nunca mais retornou ao leito conjugal. Constante passou meses sem dirigir a palavra à esposa. Aos poucos, a raiva foi sendo substituída por uma certa nostalgia que, com o passar dos dias, foi se transformando em tristeza. E ele foi se afastando de tudo. Abandonou até os negócios que foram assumidos por Alduíno. Certa manhã foi encontrado sem vida em seu leito. Sobre o peito, uma fotografia da filha.

Dois dias depois, todos rumaram para a casa dos pais de Luigi, em Bovolone. Foi mais um encontro emocionante. Giuseppe e Gelsemina escutavam embevecidos a narrativa do filho e chegaram às lágrimas quando viram seu sobrenome estampado no rótulo das garrafas de vinho que trouxera do Brasil. No almoço, foi servido o vinho brasileiro, aprovado por todos, com louvor. Luigi aproveitou para convidar os pais para que o visitassem. Falou que a melhor época seria por ocasião do Natal, porque a estação era boa, verão nas terras brasileiras, e as festividades natalinas eram propícias para encontros familiares. Pretendia, também, que eles vissem com seus próprios olhos tudo o que ele conseguiu construir na América. Esclareceu que as despesas da viagem seriam o presente que ele ofereceria a eles.

À tarde, os homens dirigiram-se ao vinhedo. Nives e Zulmira ficaram auxiliando a dona da casa nos afazeres domésticos. Ao contrário da última vez em que se encontraram, Gelsemina foi pródiga em amabilidades para com a nora, o que não passou despercebido por esta.

- Que diferença da última vez que nos vimos, hein, dona Gelsemina?, disse Nives. Hoje conversamos e nos entendemos perfeitamente, mas, naquele dia...

- E não era para menos, Nives. Sabes o que é gerar um filho, carregá-lo no ventre por nove meses, amamentá-lo, ensinar-lhe os primeiros passos e as primeiras palavras, educá-lo com todo o carinho e depois ver uma mulher estranha, desconhecida, arrebatá-lo dos seus braços? Podes imaginar o que se passa no coração da pobre mãe?

- A vida é assim, dona Gelsemina. Os pais criam os filhos para o mundo. É que Luigi, além de ser o seu amor, passou a ser, também, o meu amor. Até hoje não sei qual mulher ele ama mais: se eu ou a senho-

ra. Pode ter certeza de que, se não participei da criação dele, envidarei todos os esforços para fazê-lo feliz.

- Entendo e acredito em ti agora porque te conheço, mas foi difícil aceitar. Sentirás isso no dia em que outra mulher levar o teu Giuseppe... E a conversa se prolongou durante a tarde.

No final do dia, retornaram a Verona.

Depois de muita insistência, Nives conseguiu arrancar de Delelma a promessa de que a acompanharia no seu retorno ao Brasil. Seria por um certo tempo, para fazer companhia à filha e para conhecer a terra brasileira. Através de Alduíno ficou sabendo que os negócios da família continuavam bem, o que contribuía para que a mãe vivesse tranquilamente. Soube, também, que o irmão estava noivo de uma moça de Verona e que, em breve, pretendia casar e continuar morando na casa paterna com o objetivo de cuidar da mãe, já avançada em idade. A nova situação familiar que se avizinhava foi decisiva para que Delelma aceitasse o convite da filha para passar uns tempos com ela no Brasil. Durante a estada de Nives em Verona, a visita ao túmulo do pai foi repetida diversas vezes.

Com o consentimento de Delelma, Luigi reuniu num almoço seus amigos Frei Rocco, padre Antônio e frei Gottardo, ocasião em que satisfiz a curiosidade dos padres sobre o Brasil.

Frei Gottardo passou a ser uma presença quase diária. Ao questionar Luigi sobre a atuação da Igreja Católica no povoado do Angico, ficou sabendo da carência de sacerdotes, o que lhe despertou o desejo de trabalhar como missionário voluntário. Devidamente licenciado por seus superiores, consideradas que foram a idade e a pouca necessidade dele nas atividades do convento, exultante, dedicou-se aos preparativos para a viagem.

- Veja, Luigi, dizia frei Gottardo, como Deus escreve certo por linhas tortas. Sempre desejei exercer meu sacerdócio junto ao povo e sempre fui impedido pela minha Congregação. Isso me deixou muito triste e frustrado. Cheguei a pensar em abandonar a batina. Aí aconteceram os problemas que te forçaram a deixar o seminário e a própria Itália. E agora, na tua volta, tenho a oportunidade de realizar o sonho acalentado por mim desde os tempos de seminarista. Deus atendeu às minhas preces e serei, embora pelos poucos anos que ainda me restam de vida, o que sempre quis ser: um Padre trabalhando no meio do povo,

pregando a religião de Cristo. Isso representa muito para mim. Muito obrigado, meu Deus! Muito obrigado, Luigi!

Nas conversas que manteve com Giovanni, Nives soube que a célula anarquista de Verona estava com suas atividades diminuídas. Ele continuava centralizando o grupo e guardava em sua casa as publicações que recebia. Poucas reuniões e sem objetivos específicos, salvo os de manter o movimento anarquista vivo. Sérgio, quando retornava, permanecia poucos dias e, assim, o grupo foi se dispersando. Reunia-se apenas em ocasiões especiais. Recebia, no entanto, vasta literatura que Nives passou a folhear, sempre que lhe sobrava algum tempo. Buscava novas informações, de modo especial sobre o Cristianismo Libertário, filosofia que passou a admirar e que desejava conhecer mais profundamente.

Além das obras de Tolstói, com destaque para *O Reino de Deus está em Vós*, textos e folhetos avulsos abordavam o assunto, todos convergindo para o mesmo ponto: o Sermão da Montanha, a verdadeira pedra angular sobre a qual se assentam a filosofia e os princípios do Cristianismo Libertário. Separou alguns folhetos para estudá-los. Entre eles, um chamou sua atenção: era de um ativista inglês, chamado Gerrard Winstanley (1609 a 1676), que representou papel importante na revolução inglesa de 1640, como líder dos *diggers* (escavadores), movimento nascido no meio rural inglês. O folheto tinha como título *A Nova Lei da Justiça*, e foi publicado em 1649. Separou, também, ensaios e estudos sobre a vida e a obra de Giovanni Di Pietro Di Bernardone<sup>21</sup>, conhecido universalmente como São Francisco de Assis. Combinou com Giovanni a remessa para ela, no Brasil, de eventuais publicações que surgissem sobre o Anarquismo, priorizando o Cristianismo Libertário, filosofia que passou a estudar e a admirar. Luigi, que não admitia abandonar os princípios religiosos que cultivava desde a infância, viu no Cristianismo Libertário uma possibilidade de aderir ao Anarquismo sem violentar suas convicções religiosas e uma oportunidade de compartilhar com Nives as novas ideias. Esta, liberta das atividades domésticas que foram assumidas por Zulmira e dos cuidados com o menino Giuseppe, que já frequentava a escola, viu na nova postura de Luigi a possibilidade de fundar, nas cercanias do Angico, um centro de estudos e difusão das ideias anarquistas. Esperava contar com a ajuda de Giovanni Rossi, que ainda vivia em Taquari, e do próprio Luigi. Sabia das dificuldades que enfrentaria, mas entendia que valia

a pena experimentar porque via no Anarquismo a melhor maneira de viver a liberdade em toda a sua plenitude. Não tinha pressa em atingir seu objetivo. Tinha a convicção de que nenhum obstáculo a desviaria do caminho. Sonhava com uma comunidade libertária no Angico, terra que passou a adotar como sua. Procedia com calma. Sabia que precisava divulgar aos poucos a nova filosofia e esperar, pacientemente, que amadurecesse. Tinha certeza que precisaria de tempo e constância para concretizar o seu sonho. O importante era manter sempre acesa a chama anarquista, como ensinava Errico Malatesta, quando escreveu em seus “Escritos revolucionários:”:

*“não se trata de chegar à anarquia hoje ou amanhã ou em dez séculos, mas caminhar rumo à anarquia hoje, amanhã e sempre”.*



# BIBLIOGRAFIA

**BERTONHA**, João Fábio. *Os Italianos - Contexto* – 2005 – São Paulo.

**CORTEZE** – Dilse Pecin - *Ulisses va in America* – UPF – 2002 – Passo Fundo RS

**SCARATTI** – Senir Antonio - *História de Arco Verde* – EST – 2006 – Carlos Barbosa

**SCHMIDT** – Afonso - *Colônia Cecília* - 1ª. Edição – DAG – LTDA - São Paulo

**TOLEDO** – Edilene Teresinha - *A trajetória do Anarquismo na Primeira República* “In Jorge Ferreira; Daniel Aarão Reis (Org.) A formação das tradições (1890-1945). 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007, v. 1, p.53-87.

**VILLA** – Deliso – *Storia Dimenticata* – EST – 2002 – Porto Alegre.

## DA INTERNET

- 1) *A sociedade Internacional Revolucionária, de Mikhail A. Bakunin (1865).*
- 2) *GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí.*
- 3) – *O que é Propriedade?u, de Pierre Joseph Proudhon, editado 1840.*
- 4) – *O Contrato Social, de Jean Jackes Rousseau, editado em 1762.*
- 5) – *Estatismo e Anarquia, de Mikhail A. Bakunin, escrito em 1873.*
- 6) – *Arquivo Bakunin, em português.*
- 7) – *Escritos Revolucionários – Errico Malatesta*
- 8) – *Anarquismo e Anarquia – Errico Malatesta.*



# Notas de fim

1 **CAVOUR** Camilo Benson, Conde de Cavour, nascido em Turim em 10 de agosto de 1810 e falecido em 6 de junho de 1861, na mesma cidade. Político italiano, foi primeiro ministro da Itália de 23 de março a 06 de junho de 1861. Exerceu atividade comercial e bancária e era apontado como um dos homens mais ricos do Piemonte. Dedicou especial atenção à agricultura, indústria e comércio. Lutou pela unificação da Itália e era homem de confiança do Rei Victor Emanuel II. Foi um dos responsáveis pela proclamação do Reino da Itália em 1 de março de 1861.

2 **RISORGIMENTO** – Ressurgimento ou renascimento em italiano. Foi um movimento que iniciou em 1815 e culminou com a unificação italiana em 1870, a partir do reino do Piemonte-Sardenha, sob a liderança do rei Victor Emanuel II, com a adesão e colaboração efetiva do conde de Cavour e dos republicanos Giuseppe Mazzini e Giuseppe Garibaldi.

3 **MAZZINI** – Nascido em 22 de junho de 1805, em Gênova e falecido em 10 de março de 1872, em Pisa. Político italiano, trabalhou pela unificação da Itália. Em nome da união italiana, mesmo sendo republicano, associou-se a Vitor Emanuel II e a Cavour, que defendiam a realeza. Advogou, também, a formação dos Estados Unidos da Europa, antecipando em um século a formação da União Europeia.

4 **GARIBALDI** – Giuseppe Garibaldi, nasceu em Nice, em 04 de julho de 1807 e faleceu em Caprera, em 02 de junho de 1872. Italiano, revolucionário e republicano. É considerado o herói de dois continentes. Em muitas cidades italianas tem um monumento em sua homenagem. Participou ativamente e foi comandante de tropas nas guerras de libertação e reunificação da Itália Lutou para libertar Roma do jugo papal. Lutou em defesa da França na guerra franco-prussiana. Na América participou ativamente da Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, e da República Juliana, em Santa Catarina. Casou com Anita Garibaldi que foi, também, sua companheira de batalhas. Lutou ainda pela libertação do Uruguai. Uma das personalidades reverenciadas e homenageadas tanto na América como na Europa.

5 **BAKUNIN** – Mikhail Aleksandrovich Bakunin, nasceu em 30 de maio de 1814 em Prjamuchino, Rússia e faleceu em Berna, na Suíça, em 01 de julho de 1876. Seus restos mortais repousam no cemitério de Bremgarten. Muitos o consideram o “apóstolo” da anarquia no mundo. Uma das pessoas mais influentes da filosofia anarquista. Conviveu com Proudhon e com Karl Max. Habitou diversos países e foi deportado por muitos governos em função das ideias que pregava. Quando foi reenviado à Rússia, foi confinado num campo de trabalho da Sibéria, de onde fugiu para o Japão, depois Estados Unidos e mais tarde, Inglaterra. Foi na Itália que mais conseguiu adeptos. Ao longo de sua vida participou de muitos congressos de operários e sustentou longa luta ideológica com Karl Max. Deixou uma vasta obra literária, podendo-se destacar “Deus e o Estado” (1882), “Estadismo e Anarquia” (1873) e “Textos Anarquistas” (1874).

6 **PROUDHON** - Pierre Joseph, nasceu em 15 de janeiro de 1809, em Besançon, França, e faleceu em 19 de janeiro de 1865, em Passy, subúrbio de Paris. Filósofo e político, foi membro do Parlamento Francês. Escritor e teórico do Anarquismo, foi o primeiro que se autoproclamou anarquista. Sua obra mais conhecida é “O que é Propriedade? Pesquisa sobre o princípio do Direito e do Governo” Contemporâneo de Karl Max e Bakunin., sustentou com o primeiro uma luta ideológica tão importante que teria sido a causa dosurgimento das alas anarquista e marxista na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Pacifista, entendia que a revolução social deveria ser alcançada de forma pacífica. Afirmava que “*Anarquia é Ordem.*” Teria sido ele o inspirador do símbolo anarquista conhecido e divulgado até hoje com o **A** num círculo em que **A** significa Anarquia e **O** representa a Ordem.

7 **CAFIERO** – Carlo. Nasceu em Baretta, Itália, em 01 de setembro de 1846 e faleceu em Nocera Inferiore, Itália, em 17 de julho de 1892. Considerado discípulo de Bakunin. Desde novo aderiu ao marxismo. Escreveu um resumo da obra “O Capital”, de Karl Max, a fim de torná-la acessível e compreensível para o proletariado, merecendo, inclusive, elogios do próprio autor. Ao tomar conhecimento dos escritos de Bakunin, amplamente divulgados na Itália, abandonou o marxismo e aderiu ao Anarquismo. Em Locarno, na Suíça, construiu a mansão “La Baroneta”, que abrigou Bakunin e outros expoentes anarquistas.

8 **FANELLI** – Giuseppe, revolucionário anarquista italiano, nascido em Nápolis, em 13 de outubro de 1827 e falecido na mesma cidade, em 05 de janeiro de 1877. Amigo e discípulo de Bakunin, com quem percorreu países da Europa em busca de voluntários para integrarem a Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), entidade que mais tarde o expulsaria juntamente com Bakunin e outros anarquistas.

9 **GEAPI** - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí.

10 **LAO ZI** - filósofo e escritor da antiga China, fundador do Taoísmo. Teria vivido por volta do século IV A.C. Seus ensinamentos são básicos da cultura chinesa e muitas de suas ideias foram adotadas pelos movimentos antiautoritários.

11 **CHIANG TSU** – Filósofo taoísta chinês. Teria vivido entre 370 e 301 A.C. Muitas de suas obras satirizaram Confúcio. A ele é atribuída a obra “Zhuangzi”, que valoriza o ceticismo. Influenciou o desenvolvimento do chamado “budismo zen”.

12 **WILLIAN GODWIN** – Nasceu em 03 de março de 1756, em Cambridgeshire, Inglaterra e faleceu em 07 de abril de 1836, em Londres. Considerado um dos primeiros expoentes do utilitarismo e um dos fundadores do Anarquismo. Entre outras obras, publicou em 1793 “Inquérito acerca da Justiça Política”, em que atacava as instituições políticas da época e, em 1794, o livro “As coisas como elas são”, que se constituiu num libelo contra os privilégios da aristocracia.

13 **ROUSSEAU** – Jean Jackes. Nasceu em 28 de junho de 1712, em Genebra, Suíça e faleceu em Ermenonville, França, em 02 de junho de 1778. Um dos principais filósofos do Iluminismo e um dos precursores do Romantismo. Considerado um amante da natureza, gostava de passear pelos campos. Filósofo, político, compositor e autodidata. Sua obra mais importante “O Contrato Social”, foi o verdadeiro catecismo da Revolução Francesa. Perdeu a mãe ao nascer e o pai aos 10 anos. Foi educado em Bossy, Suíça. Residiu em Lausanne e Genebra, na Suíça, em Savoia, na Itália, em Chamberry e Paris, na França. Nesta cidade fez amizade com filósofos iluministas e aderiu ao iluminismo. Em virtude de suas publicações, foi perseguido porque suas obras eram consideradas ofensivas à moral e à religião. Defendeu os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, que foi o lema da Revolução Francesa. Suas teorias influenciaram a Europa e todo o mundo ocidental. Pregava a abolição de todos os códigos existentes e a destruição de toda a falsidade imposta ao homem pela sociedade.

14 **KROPOTKIN** – Piotr – Nasceu em 09 de dezembro de 1842, em Moscou e faleceu em 08 de fevereiro de 1921 em Dmitrov, Rússia. Geógrafo, escritor e político. Um dos pensadores do Anarquismo e fundador do anarco-conunismo. Entre suas principais obras destacam-se: “A conquista do pão” (1892) e “Campos, Fábricas e Oficinas” (1899). Nasceu príncipe da família Rurik, título que rejeitou ao chegar à idade adulta. Como geógrafo foi um grande explorador do Círculo Polar Ártico. Em solidariedade aos camponeses que viviam em condições precárias, passou a viver miseravelmente tanto na Rússia como na Finlândia. Como consequência da sua militância registrou várias prisões. Em 1917 a revolução marxista conquistou a Rússia e o funeral de Kropotkin, em 1921, foi considerado o último encontro de anarquistas em território russo.

15 **TOLSTOI** - Liev Nikolaevich, nasceu em Yasnaia Polyana, Rússia, em 09 de setembro de 1828 e faleceu em 20 de novembro de 1910 em Astropovo, Rússia. Nasceu em família aristocrata e foi escritor conhecido em todo o mundo pelos seus famosos romances “Guerra e Paz” (1869) e “Ana Karenina” (1877). Suas interpretações dos evangelhos de Jesus, em especial do Sermão da Montanha, o transformaram num anarquista cristão e pacifista. Seu livro “O Reino de Deus está em vos” (1894), prega a resistência não violenta e influenciou muitos pensadores e filósofos do século XX, entre eles, Ghandi. Sua filosofia, além dos ensinamentos de Jesus, foi bastante influenciada pelos escritos de Victor Hugo e de Proudhon.

16 **ROSSI** – Giovanni. Nasceu em Pisa, Itália, em 11 de janeiro de 1856 e faleceu na mesma cidade em 09 de janeiro de 1943. Engenheiro agrônomo, veterinário e escritor anarquista italiano. Entre 1878 e 1891 publicou cinco livros sobre uma imaginária comunidade socialista, tendo como protagonista a figura de uma mulher chamada Cecília, o que transformou em realidade no Brasil, no município de Palmeira, PR, graças a doação de um área de terras feita pelo Imperador D. Pedro II. Essa colônia que levou

o nome de “Colônia Cecília”, foi dissolvida em 1894. Rossi, no entanto, continuou no Brasil e trabalhou, primeiro em Taquari, no Rio Grande do Sul e depois em Rio dos Cedros, Santa Catarina em estações de pesquisas agrícolas. Em 1907 retornou à Itália, onde faleceu aos 87 anos.

17 **FOSCOLO** – Avelino. Nasceu em Sabará, MG, em 1864 e faleceu em Belo Horizonte, em 29 de agosto de 1944. Farmacêutico e escritor anarquista. Deixou vários livros, entre eles “A mulher”, “O mestiço” e “O caboclo”. Foi membro da Academia Mineira de Letras.

18 **CAMPAGNOLLI** – Arturo. Nasceu na Itália e veio para o Brasil em 1888. Comprou uma fazenda no interior de São Paulo onde fundou a Colônia Anarquista de Guararema, mais tarde confiscada pelo governo de Getúlio Vargas. Foi dele a iniciativa de comemorar pela primeira vez no Brasil o dia 1º de maio, em 1894.

19 **RISTORI** - Oreste. Nasceu San Miniato, Pino, Itália, em 12 de agosto de 1874 e faleceu em 02 de novembro de 1943, em Florença. Chegou ao Brasil em 1904. Se destacou na luta contra a exploração de italianos nas fazendas de café de São Paulo. Fundou o periódico “La Bataglia”. Foi expulso em 1936 pela ditadura Vargas.

20 **MALATESTA** – Errico. Nasceu em 14 de dezembro de 1853, em Santa Maria Capua Vetere, Itália e faleceu em Roma, em 22 de julho de 1932. De família rica, ainda novo aderiu às ideias republicanas de Mazzini, o que lhe rendeu prisões. Em 1871, se converteu ao Anarquismo e ingressou na “Primeira Internacional” (AIT). Ajudou a promover insurreições em vários países além da Itália, como Bélgica, Espanha, Hungria, Turquia e Argentina. Conviveu com Bakunin, a quem se referia como “o grande revolucionário” e como “nosso pai espiritual”. Foi contemporâneo e amigo de Cafiero. Quando se fixou em Londres, no Congresso Anarquista de 1881, defendeu a criação da Internacional Anarquista. Retornando à Itália, lutou contra o fascismo, o que lhe rendeu prisão domiciliar. A mando do governo fascista teve sua oficina elétrica destruída e conseguiu sobreviver com a ajuda de amigos e de sua companheira Elena Mulli e da filha Gema. Morreu em prisão domiciliar e seu corpo foi jogado numa vala comum para que seu túmulo não se tornasse objeto de peregrinações e possíveis novas insurreições.

21 **SÃO FRANCISCO DE ASSIS** – Nasceu em 05 de julho de 1182, em Assis, na Itália, como Giovanni Di Pietro Di Bernardone, filho de Joana e de Pedro Bernardone Maricone, rico comerciante de tecidos de Assis. Estudou na escola Episcopal. Cresceu numa época conturbada, com lutas pelo poder entre duques e o Imperador romano-germânico. Envolveu-se nas lutas e foi aprisionado em Perúsia, onde ficou por um ano. De volta a Assis, entregou-se a uma vida de festas e devassidão que lhe valeu até o título de “Rei da Juventude”. Em 1206, orando na capela de São Damião, ouviu o chamado de Deus. Desde então passou a se desfazer dos bens que possuía, distribuindo-os entre os pobres. Fez votos de pobreza. Seu pai, não concordando com as doações do filho, indignou-se e foi buscá-lo. Acorrentou-o em casa, tendo sido libertado por sua mãe, na ausência do marido. Liberto, retornou a São Damião. O pai o fez renunciar à herança. Passou a viver e trabalhar no campo, pregando os evangelhos. Seus sermões despertaram o interesse da comunidade, bem como seu amor pela natureza e seu desapego aos bens terrestres. Em 1208, pediu autorização ao Papa para

fundar uma irmandade mendicante, o que se concretizou alguns anos depois, com a “Ordem dos Irmãos Mendigos de Assis”, que se instalaram em cabanas ou cavernas, abdicando de qualquer forma de propriedade. A ordem era não clerical, isto é, não constituída de sacerdotes, só admitidos mais tarde. Ele próprio não era sacerdote. Mas, desde o início, sacerdotes participaram da ordem, como irmãos. Só quando Santo Antônio, professor de teologia, ingressou na Ordem para ensinar teologia aos frades é que alguns começaram a ser ordenados.

Além da ordem que fundara abrigando pessoas do sexo masculino, por iniciativa de Clara Offreduccio, que sempre admirou São Francisco desde os tempos da juventude, foi fundada a 2ª Ordem Franciscana, também chamada de Ordem de Santa Clara, abrindo ao sexo feminino o ideal franciscano. Clara, também conhecida como Santa Clara de Assis, foi a primeira religiosa franciscana, inobstante a dura contrariedade, familiar. Mais tarde, sua irmã Inez e sua mãe Ortulana e a caçula Beatriz seguiram Clara e foram morar no convento de São Damião, primeira morada das irmãs Clarissas Franciscanas.

Pelo seu apego à natureza e o amor dedicado aos animais é conhecido como o santo protetor dos animais. Conta-se que, ao se aproximar de rios, os peixes saltavam na água e, nas florestas, os pássaros pousavam em seu ombro.

Faleceu em Assis, em 3 de outubro de 1226, assistido pelos discípulos. Foi canonizado dois anos depois da sua morte, pelo Papa Gregório IX.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



## ***Alberto Antônio Rebonatto***

*Natural de Barra Funda, ex-distrito de Sarandi, hoje município de mesmo nome. Trabalhou no jornal Diário da Manhã de Passo Fundo como revisor e redator. Bancário desde 1958, aposentou-se no Banco do Brasil. Colaborador na revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras, da qual é membro efetivo, e no Projeto Passo Fundo.*



*As mudanças são assim mesmo, Luigi. No início chocam as pessoas. Ninguém quer mudar, ninguém quer abandonar o conforto proporcionado pela rotina de suas atividades e pela concordância com seus conceitos. Somos todos acomodados, temos medo do novo. A humanidade sempre foi assim, mas progrediu porque houve pessoas que propuseram mudanças e outras que as aceitaram e as praticaram. Não fosse assim, ainda estaríamos vivendo na idade da pedra e morando em cavernas sem qualquer tipo de organização e submissos aos nossos instintos.*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura



Portal  
**Domínio Público**  
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

